

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

**Do sagrado tribal ao sagrado midiático:
o televangelismo e a formação identitária religiosa**

**Juiz de Fora/MG
2013**

Dora Deise Stephan Moreira

**Do sagrado tribal ao sagrado midiático:
o televangelismo e a formação identitária religiosa**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração: Comunicação e Sociedade, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.
Orientador: Prof. Dr. José Luiz Ribeiro.**

**Juiz de Fora/MG
2013**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Moreira, Dora Deise Stephan.

Do sagrado tribal ao sagrado midiático : o televangelismo e a formação identitária religiosa / Dora Deise Stephan
Moreira. -- 2013.

207 p. : il.

Orientador: José Luiz Ribeiro

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2013.

1. Comunicação. 2. Sagrado. 3. Identidades religiosas. 4. Programas evangélicos. I. Ribeiro, José Luiz, orient. II. Título.

Dora Deise Stephan Moreira

Do sagrado tribal ao sagrado midiático:
o televangelismo e a formação identitária religiosa

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração: Comunicação e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. José Luiz Ribeiro

Dissertação aprovada em 08/03/2013 pela Banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. José Luiz Ribeiro (orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

Prof^a. Dr^a. Beatriz Schmidt de Araújo
Universidade Estácio de Sá - RJ

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal
Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

Prof. Dr^a Juliana Alves Magaldi
Universidade Estácio de Sá de Juiz de Fora - MG

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra,
Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

Conceito obtido: _____

Juiz de Fora
Março de 2013

Dedico este trabalho ao meu querido cunhado Maurício Augusto Bragagnolo que, com tanto esmero, substitui meu pai, sendo o meu amigo e conselheiro de todas as horas. Ao partir em dezembro último, deixou para os que tiveram o privilégio de desfrutar de seu convívio uma herança moral e ética, centrada nos bons princípios e na generosidade. O meu infindável carinho e minha eterna gratidão a um ser humano ímpar.

Agradeço a Deus, que sempre está ao meu lado, me ajudando a vencer os desafios;

Agradeço ao meu orientador José Luiz Ribeiro pelo apoio permanente e pela objetividade com que conduziu este meu trabalho, bem como pela maneira atenciosa com que sempre me recebeu;

Agradeço ao meu inesquecível mestre Afonso Henrique Hargreaves Botti por ter me despertado para as questões sociais;

Agradeço ao meu grande amor Luiz Antônio por seu companheirismo e incentivo incondicionais durante os nossos 23 anos de convivência, por sinal, muito harmônicos;

Agradeço ao meu bem mais precioso, a minha filha Isadora, pelo simples fato de ela existir e de me dar tanta felicidade;

Agradeço aos meus pais Arlindo e “Nega” pelos valores éticos e morais que me foram transmitidos;

Agradeço aos meus adoráveis irmãos Angela, Regina, Luiz, Italo e Nilo, aos quais devo um pedacinho de cada parte que forma a minha personalidade, pois foram, e continuam sendo, os meus grandes exemplos de vida;

Agradeço à minha querida cunhada e irmã por afinidade Elizete Malta Stephan pelo incentivo constante e pela maneira carinhosa com que revisou este trabalho;

Agradeço às minhas queridas colegas Gilze Bara, pela força e prestimosa ajuda antes e durante o processo seletivo para o meu mestrado, e Marise Baesso, pela importante colaboração na fase final deste trabalho;

Agradeço aos pesquisadores Frederico Peres (Fundação Osvaldo Cruz) e Daniela Alves (Universidade Federal de Viçosa) pela disponibilidade em me ajudar e pelos importantes esclarecimentos na parte metodológica deste trabalho;

Agradeço à Ana Cristina Brandão por "vestir a camisa" do Mestrado junto com a gente.

“Não tomarás Teu santo nome em vão”
(Segundo Mandamento da Lei de Deus)
Êxodo 20:7, *Bíblia Sagrada*

Resumo

O presente trabalho versa sobre as transformações por que passaram a relação do homem com o sagrado, desde os primórdios até os dias atuais. Na pré-história essa relação se dava, essencialmente, de forma a garantir a sobrevivência dos hominídeos, diante das intempéries da natureza. Num estágio mais avançado, houve uma intensificação dessa relação, uma vez que o homem das sociedades arcaicas passou a atribuir um sentido sagrado a tudo que estava ao seu redor, através das *hierofanias*. Veneravam-se deuses por intermédio de totens, extraídos do próprio meio ambiente. Com o advento das religiões de salvação, que tiveram no Cristianismo seu maior expoente, surgiu o elemento mediador entre o homem e o sagrado, representado, sobretudo, pelos profetas e sacerdotes. Por um longo tempo, as identidades religiosas possuíram um caráter mais fixo e permanente. Gradativamente, foi dando-se o processo de secularização da sociedade, fator que, dentre outros, ocasionou mudanças substanciais no campo religioso, impactando sobremaneira essas identidades. Os arautos do sagrado foram se transmutando. Com o aumento populacional, para se chegar até os fiéis tornou-se necessário o trabalho de mediadores mais portentosos: os veículos de comunicação. O foco de nossa pesquisa é a mediação televisiva e o peso que ela exerce na formação identitária religiosa na contemporaneidade. Deter-nos-emos na análise dos programas evangélicos, os quais representam anualmente cerca de cinco mil horas da programação dos canais abertos, conforme dados do OBITEL – Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva. Nesse vasto universo, escolhemos como recorte empírico os programas *Fala Que Eu Te Escuto* (IURD/Rede Record) e *Direção Espiritual* (Igreja Católica/TV Canção Nova). Para interpretá-los, utilizamos princípios da Análise de Conteúdo, metodologia que tradicionalmente, desde a sua primeira aplicação, vem possibilitando a análise verticalizada de mensagens religiosas.

Palavras-chave: Comunicação. Sagrado. Identidades religiosas. Programas evangélicos.

Abstract

This paper deals with the changes that have come to man's relationship with the sacred, since the early days to the present. In prehistory this relationship occurred essentially to ensure the survival of the hominids in front the storms of nature. At a later stage, there was an intensification of this relationship, and the man of archaic societies began to assign a sacred meaning to everything that was around him, through hierophanies. Gods are worshiped through totems, taken from the environment itself. With the advent of religions of salvation, which had its greatest exponent in Christianity, arose the mediating element between man and the sacred represented mainly by the prophets and priests. For a long time, religious identities owned a character more fixed and permanent. Gradually occurred the process of secularization of society, a factor that, among others, led to substantial changes in the religious field, impacting greatly those identities. The heralds of the sacred were transmuting itself. With the increase of population, to reach to the faithful, became necessary the work of a more portentous mediator: the media. The focus of our research is the mediation televised and the weight it carries in the contemporary religious identity formation. We will consider in the analysis of tele-evangelicals programs, which represent annually about five thousand hours of open channels programming, according to the Obitel - Ibero-American Observatory of Fiction Television. In this vast universe, we have chosen as empirical cut the programs *Fala que eu te escuto* (IURD/ Rede Record) and *Direção Espiritual* (Catholic Church / TV Canção Nova). To dissect them we have used the principles of the Content Analysis, a methodology that traditionally, since its first application, is making possible a detailed analysis of religious messages.

Key words: Communication. Sacred. Religious identities. Tele-evangelicals programs

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	11
2- AS INSTÂNCIAS DO SAGRADO	21
2.1- O HOMEM DIANTE DO SAGRADO	21
2.2- O SAGRADO TRIBAL	26
2.3- A MEDIAÇÃO DO SAGRADO.....	35
2.4 – O SAGRADO NA VIDEOESFERA	50
3- PROGRAMA FALA QUE EU TE ESCUTO	64
3.1- A DOCTRINA DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	65
3.2- O APARATO COMUNICACIONAL DA IURD	68
3.3- DIAGNOSE DO PROGRAMA.....	76
3.3.1- Arsenal cênico	78
3.3.2- Os recursos sonoros	84
3.3.3- Os apresentadores	88
3.3.4- Participação do público	94
3.3.5- O cinético	99
3.4- A MENSAGEM DO PROGRAMA	102
3.4.1- A categorização	103
3.4.1.1- <i>Demonização do cotidiano</i>	104
3.4.1.2- <i>Espetacularização dos fatos</i>	115
3.4.1.3- <i>Melodrama existencial</i>	125
3.4.1.4- <i>O milagre virtual</i>	131
3.4.1.5- <i>O convite à conversão</i>	134

4- PROGRAMA DIREÇÃO ESPIRITUAL	140
4.1- O MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICO: BERÇO DOS PADRES-CANTORES.....	140
4.2- O APARATO COMUNICACIONAL DA RCC.....	146
4.3- DIAGNOSE DO PROGRAMA	150
4.3.1- Arsenal Cênico	151
4.3.2- Os recursos sonoros	153
4.3.3- O apresentador	156
4.3.4- Participação do público	160
4.3.5- O cinético	164
4.4- A MENSAGEM DO PROGRAMA	166
4.4.1- A categorização	167
4.4.1.1- <i>Demonização do cotidiano</i>	168
4.4.1.2- <i>Autoajuda na tela</i>	171
4.4.1.3- <i>O convite à conversão</i>	181
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
6- REFERÊNCIAS	199

INTRODUÇÃO

1- INTRODUÇÃO

Num passado não muito distante, há cerca de 30 anos, o cenário religioso brasileiro era marcado pela supremacia da Igreja Católica, que se destacava inclusive pela arquitetura de seus templos, sempre majestosos e erguidos em locais nobres. Já os templos das igrejas protestantes tradicionais (Batista, Metodista, Luterana etc.) se instalavam em locais não tão nobres, enquanto que os poucos templos das igrejas evangélicas pentecostais e os “terreiros” de Umbanda e Candomblé se encontravam nas periferias, quase sempre bem escondidos. Como parte desse cenário, havia também os centros kardecistas, instalados geralmente em locais mais acessíveis, devido aos trabalhos sócio-caritativos desenvolvidos por seus adeptos com as populações carentes.

Uma cena dominical típica consistia em famílias inteiras se dirigindo para as missas ou cultos, conforme a religião que professavam, geralmente trajando a sua melhor roupa, daí o termo “a roupa de ver Deus”. No caso específico dos protestantes históricos, os homens usavam ternos, e as mulheres cabelos longos, geralmente presos com coques. Era comum ver também membros da Assembléia de Deus e da seita Testemunhas de Jeová perambulando pelas ruas da cidade, batendo de porta em porta para exercerem o proselitismo religioso.

Esse cenário era representativo de uma sociedade em que ainda existiam poucas manifestações religiosas. Portanto, as identidades religiosas eram aparentemente mais fixas, mais permanentes, e os pertencimentos religiosos, geralmente, mais duradouros. Gradativamente, novas expressões religiosas foram surgindo e redesenhando o mapa das religiões no Brasil.

Bem no começo do atual século, quando as mudanças no cenário religioso brasileiros começaram a se cristalizar, Luiz Roberto Benedetti descreveu de maneira metafórica o fenômeno: “a religião no mundo moderno é um imenso caleidoscópio de formas e cores, em continua mutação, sem um centro de referência; ou, se existe, esse centro vem marcado pela provisoriedade e transitoriedade”. (BENEDETTI, 2001, p.45).

Para além de uma metáfora, a descrição do filósofo sintetiza bem o que seria cada vez mais a religião no século em que estamos vivendo, no qual essas formas e cores se multiplicaram de forma galopante devido à profusão de novas religiões e seitas que surgiram – e continuam surgindo a cada dia – em terras brasileiras. Até porque, segundo Atílio Hartmann, do ponto de vista legal, no Brasil é mais fácil abrir uma igreja do que uma empresa, bastando para isso constituir uma diretoria formada por oito pessoas, redigir uma ata de fundação e, em seguida, registrá-la em cartório. (HARTMANN, 2001, p.13).

Se, por muitos séculos, quem ditava o tom social era a Igreja Católica – que até no Censo de 1980 ainda possuía um percentual de 89,0% de adeptos –, aos poucos ela foi se desbotando. O desgaste, no entanto, não ficou restrito à cor, atingindo toda tessitura da religião que até então dominava. Ao se referir às igrejas tradicionais, Bauman sentencia que elas foram vítimas “da erosão da essência do rígido cânone, que mantinha unida a congregação de fiéis. Esse cânone está cada vez mais desgastado e borrado em suas bordas, sua costura se desfazendo e até se despedaçando”. (BAUMAN, 2005, p.92)

As identidades religiosas, por sua vez, sofreram fissuras irreparáveis. Acerca disso, Stuart Hall explica que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, entraram em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, antes visto como um sujeito unificado [...]”. (HALL, 2001, p.7).

Conforme o autor, “antes, as identidades eram divinamente estabelecidas, não estando sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais” (HALL, 2001, p.25). Assim sendo, filho

de crente, crente era. Filho de católico, normalmente seguia os ritos desta religião – do batismo à extrema-unção e, preferencialmente, estudava em escolas confessionais católicas. Havia pouca mobilidade religiosa, e a Igreja Católica, por seu caráter hegemônico, possuía o peso de uma “identidade mestra” (HALL, 2001) difícil de ser desbancada.

Nos termos de Brenda Carranza, “o catolicismo era o imenso guarda-chuva cultural e religioso” (ISTO É, 2010), pois tentava abarcar toda a sociedade, ainda que fora de suas abas, não raro, alguns “fiéis” buscassem outras formas de espiritualidade em terreiros de umbanda e centros espíritas. Uma chuva, acompanhada de novos ventos religiosos, caiu sobre este guarda-chuva causando danos irreparáveis ao catolicismo.

Em matéria exibida no dia 3 de setembro de 2011 no *Jornal Nacional*, o repórter Marcos Losekann mostrou que na Europa, nos últimos 10 anos, cerca de 200 templos católicos vêm sendo mensalmente fechados. As tradicionais e exuberantes igrejas, antes locais sagrados e principais cartões-postais das cidades, passaram a abrigar empreendimentos profanos, como hotéis, livrarias, *spas* e até mesmo discotecas. Motivo alegado pelos entrevistados: falta de fiéis. Embora não tenhamos conhecimento de que isso esteja ocorrendo em nosso país, é fato incontestável que as missas dominicais estão cada vez mais esvaziadas. Paradoxalmente, a Igreja Católica investe na construção de megatemplos, cedendo aos apelos do mercado religioso.

Fatores como o aumento demográfico, a intensificação dos fluxos migratórios, processo de secularização da sociedade e, mais recentemente, a globalização são apontados por vários estudiosos do campo religioso (DELLA CAVA e MONTERO, 1986; BENEDETTI, 2001; MARIANO, 2005; CARRANZA, 2011) como sendo os principais desencadeadores das transformações ocorridas no mundo e no Brasil, transformações essas que tanto abalaram a supremacia católica. Acrescente-se a isso questões internas, como as denúncias de pedofilia contra padres.

Na Irlanda, por exemplo, conforme levantamento feito por uma rede afiliada à WIN-Gallup International, divulgado na Revista Planeta em nota intitulada “Irlanda ex-católica”, de 2005 para 2011 o percentual de católicos caiu de 69% para 47%. (PLANETA, 2012, p.20). A razão apontada pela publicação para tal queda é justamente os escândalos sexuais envolvendo padres.

Embora no Brasil a queda não tenha sido tão abrupta, houve mudanças substanciais no panorama religioso, sendo a consequência mais evidente o crescimento do número de evangélicos. De acordo com o Censo de 2010, esse grupo religioso já ultrapassa 20% da população, enquanto os católicos passaram a representar menos de 65% dos habitantes. Vale ressaltar que o segmento religioso que mais cresceu no Brasil foi justamente o dos evangélicos, que nos últimos dez anos aumentaram em 61,5%.

Ao conceder entrevista à Revista *Isto É* sobre a crise por que passa a Igreja Católica, o teólogo Leonardo Boff declarou que a Igreja Católica “ainda não encontrou seu lugar no mundo moderno e globalizado”. Para o ex-frei, ela ainda não conseguiu adequar seu discurso à modernidade, deixando assim um “espaço vazio” (BOFF, 2010, p.6). Por outro lado, as igrejas neopentecostais tomaram a dianteira no que diz respeito a “falar a língua dos homens”. E desde o início entenderam que já não era possível chegar até eles sem a mediação dos meios de comunicação.

Contemporaneamente, as igrejas neopentecostais se utilizam dos *mass media*, do marketing e, mais recentemente, das redes sociais, trabalhando na perspectiva da convergência midiática. A Igreja Católica, por sua vez, sobretudo através do Movimento de Renovação Carismática Católico, vem se rendendo cada vez mais a essas ferramentas tecnológicas, outrora demonizadas por ela.

Nossa dissertação buscará mostrar as transformações ocorridas na cartografia religiosa ao longo da história. No primeiro capítulo, discorreremos sobre as Instâncias do

Sagrado, a começar pelas formas de manifestações religiosas tribais, marcadas pelos ritos exercidos durante as festas, onde se dava a transmutação da natureza do profano para o sagrado. Esse momento era anunciado pelos tambores tribais e toda a população da aldeia aderiria voluntariamente para celebrar e venerar seus totens. Não era necessário convencer ninguém, muito menos converter. Diferentemente das cerimônias religiosas de hoje, nos rituais das culturas arcaicas todos eram, ao mesmo tempo, atores e espectadores, não existindo, portanto, a figura do mediador entre o Céu e a Terra.

Com o advento das religiões de salvação, que têm no Cristianismo seu maior representante, surgiram os mediadores do sagrado, como os anjos, os profetas e os sacerdotes, que por muito tempo dominaram a cena religiosa. Para além dos templos, os sacerdotes exerciam forte influência sobre seu rebanho inclusive em assuntos extra-religião. Ao conceder entrevista à *Isto É* durante estadia no Brasil em agosto de 2012, Giles Lipovetsky ressaltou que “antes, quando tínhamos problemas, falávamos com o padre; hoje, falamos com o psicólogo”. (LIPOVESTSKY, 2012)

Ainda hoje, os líderes religiosos exercem influência em outras searas da vida de seus fiéis como na política, orientando-os a votarem em determinados candidatos afinados com o ideário das instituições religiosas que representam. Mas com vistas a amplificarem as vozes de suas lideranças num mercado religioso cada vez mais plural e competitivo, as igrejas passaram a ter necessidade de mediadores mais poderosos: os meios de comunicação. Atualmente, as religiões não só fazem uso da mídia, como também participam dela efetivamente, sendo os programas televangélicos um claro exemplo disso.

Num país onde a televisão encabeça o sistema integrado da mídia eletrônica, com 296 emissoras de TV aos quais se vinculam 374 outros veículos (CARRANZA, 2011, p.181) e com uma cobertura geográfica de 98% do território nacional (PAIVA; SODRÉ, 2004, p.130), as religiões não podem prescindir desta eficiente forma de mediação.

Não é sem razão que de acordo com dados do OBITEL – Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva -, os programas religiosos ocupam o quarto lugar no *ranking* televisivo em matéria de tempo, com 4965:38 horas registradas em 2011, ficando atrás somente dos gêneros informação, ficção e entretenimento, mas superando o gênero programas esportivos no “país do futebol”. A continuar assim, pode vir a ser uma nova febre nacional, a exemplo do que aconteceu com as telenovelas.

No segundo capítulo desta dissertação, vamos nos deter na análise de um desses programas evangélicos: o *Fala Que Eu Te Escuto*, uma produção da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) transmitida diariamente, desde meados de 1990, pela Rede Record, de propriedade do bispo Edir Macedo. No terceiro capítulo, procederemos à análise do programa *Direção Espiritual*, comandado pelo padre-cantor Fabio de Melo e exibido semanalmente pela emissora católica Canção Nova, ligada ao Movimento de Renovação Carismática Católica, uma contraofensiva ao crescimento das igrejas neopentecostais. Nosso *corpus* foi composto de cinco programas evangélicos e cinco católicos, gravados nos meses de março e abril de 2012.

Buscar entender como tem se dado o processo de conversão/manutenção ou até mesmo de reconversão de fiéis por intermédio dos meios de comunicação, em especial da televisão, é o que nos move a fazer esta investigação. Mais especificamente, nosso objetivo é analisar como os programas evangélicos corroboram para a formação das identidades religiosas e criação de laços de pertencimento na contemporaneidade.

Com vistas a alcançá-lo, nos debruçaremos nas mensagens, que é o ponto de partida para a Análise de Conteúdo (AC), ferramenta metodológica escolhida para a realização de nossa pesquisa empírica. A opção por esta metodologia foi embasada nas leituras dos seguintes autores: Francesco Casetti e Frederico di Chio, Laurence Bardin e

Wilson Corrêa da Fonseca Junior. Extraímos deste referencial teórico as diretrizes que nos possibilitaram a concretização de nossa investigação.

Em primeiro lugar, consideramos a partir de Casetti e Di Chio (1999), que a AC seria apropriada para estudar os programas religiosos escolhidos, uma vez que se trata de um conjunto de técnicas que se aplicam a conteúdos recorrentes, como é o caso de nossas amostras. Segundo os autores, a AC “se parece, em cierto modo, a la operación de quien, frente a um mosaico, se preocupa por determinar los trocitos de cada color que componem la obra, em vez de concentrarse em el diseño global”¹. (CASSETTI, DI CHIO, 1999, p.236).

Outro aspecto levado em conta, com base em Fonseca Júnior (2008), foi a sistematicidade propiciada pela AC em contraposição a uma tendência à subjetivação da análise. Como salienta o autor, “a análise de conteúdo é sistemática porque se baseia num conjunto de procedimientos que se aplicam da mesma forma a todo conjunto analisável” (FONSECA JUNIOR, 2008, p.286).

Uma vez definido o método a ser utilizado, partimos, com base em Laurence Bardin (2011), para definir uma das etapas do método, ou seja, a categorização, que consiste em reagrupar as unidades de registro em número reduzido de categorias. A categorização, conforme a autora, pode se orientar por critérios semânticos (categorias temáticas), sintáticos (verbos e adjetivos), léxicos (classificação das palavras segundo seu sentido) ou expressivos (categorias que classificam as diversas perturbações da linguagem). Optamos por categorias temáticas, que julgamos mais facilmente perceptíveis em nossos objetos de análise, podendo, assim, nos conduzir a um melhor resultado.

As categorias foram criadas a partir de nosso referencial teórico, especialmente dos seguintes autores: Brenda Carranza, Leonildo Campos, Guy Debord, Edgar Morin e Jesús Martin-Barbero. Definimos como categorias e subcategorias de análise: Sensibilização do

¹ “se parece, de certa forma, à situação de quem, diante de um mosaico, se preocupa em identificar os pedacinhos de cada cor que compõem a obra, em vez de concentrar-se na obra como um todo”.

telespectador (Demonização do cotidiano e Espetacularização dos fatos); O Reconhecer-se no drama (Melodrama existencial) e A Solução para os problemas (Autoajuda na tela, Milagre virtual e O Convite à conversão). Elas foram sendo percebidas *a priori* aos assistirmos e ao transcrevermos os programas que compõe o nosso *corpus* e sistematizadas *a posteriori* numa junção dessas percepções com as leituras efetuadas.

Após elencadas as categorias e subcategorias, detivemo-nos na releitura das mensagens dos programas, passando a “inferir” – termo utilizado por Bardin – ou a “interpretar”, como preferem Casetti e Di Chio para os quais a operação de “interpretação” permite sintetizar e organizar os elementos “inventariados”, mais adequados para satisfazer as numerosas perguntas estabelecidas no começo de investigação. (CASSETTI, DI CHIO, 1999, p.248).

Acreditamos que a metodologia escolhida nos tenha fornecido respostas bastante significativas para nossas problematizações, como procuraremos demonstrar nos capítulos que se seguem. Para além disso, convidamos àqueles que se sentem atraídos pelo tema a incursionar pelos caminhos do sagrado desde a sua forma mais primitiva até o seu entrelaçamento com os meios de comunicação, que passaram a ter papel fundamental na constituição das identidades religiosas na contemporaneidade.

CAPÍTULO DOIS

AS INSTÂNCIAS DO SAGRADO

2- AS INSTÂNCIAS DO SAGRADO

Segundo Émile Durkeim, “sabe-se desde muito tempo que os primeiros sistemas de representações que o homem fez do mundo e de si mesmo são de origem religiosa” (DURKHEIM, 1973, p.513). Depreende-se disso que a relação do homem com o sagrado é histórica. O que modificou ao longo dos tempos foram a forma e a intensidade com que essa relação se manifestava. Nas culturas arcaicas, o homem atribuía um sentido sagrado a tudo o que estava ao seu redor. A relação com o sagrado se dava de forma direta com as divindades, sem a presença de qualquer tipo de mediação. Com o surgimento das religiões da salvação², calcadas na ideia do paraíso pós-morte, passaram a existir mediadores entre o Céu e a Terra, ou seja, entre o homem e um Deus Uno, todo poderoso. Essa mediação era exercida basicamente através de anjos, profetas e sacerdotes, que atuavam como líderes espirituais. À medida que a sociedade foi crescendo e evoluindo tecnologicamente, diante da necessidade de as igrejas tentarem alcançar um maior número de fiéis, essa mediação passou a ser feita também, e principalmente, pelos meios de comunicação.

2.1- O HOMEM DIANTE DO SAGRADO

O Cosmos é bem anterior ao homem. Todavia, como afirma Edgar Morin, “a história não surge com o homem, mas ela se acelera, se expande com o homem”. (MORIN, 1997, p.15). O binômio homem-natureza surge mais tarde. Mas desde o momento em que ele

² Segundo Max Weber, as religiões de salvação prometem aos fiéis a libertação do sofrimento. (WEBER, 1974, p.244).

passa a existir, o homem estabelece uma relação com a natureza seja de *tremendum* seja de *fascinans* (CAILLOIS, 1988, p.37), pois ora a teme ora a venera. Não há registro de qualquer sociedade, em qualquer tempo e/ou em qualquer lugar, que não estabeleça uma relação com o sagrado, que não professe algum tipo de crença religiosa. O homem, desde a pré-história até a contemporaneidade, mantém-se em diálogo constante com um Deus – ou com vários deles, de forma a obter respostas sobre a vida e, principalmente, sobre a tão temida morte, já que a razão de ser de todas as religiões, segundo Luc Ferry, “é preparar o homem para a morte, a acostumar-se com sua impermanência” (FERRY, 2007, p.3).

Desde os primórdios, o homem insiste e persiste em religar-se ao divino, melhor dizendo, *religare* – termo latino que deu origem a palavra religião. Portanto, pode-se afirmar que o sagrado é tão antigo quanto a humanidade. O filme *A Guerra do Fogo* de Jean-Jacques Annaud (produção franco-canadense de 1981), um dos raros (e preciosos) exemplares do cinema sobre o período pré-histórico (80.000 anos atrás), mostra, através de suas cenas exuberantes, como se dava essa relação atemporal do homem com o sagrado, ainda que se travasse de forma incipiente.

O pavor diante da natureza inóspita é mostrado em algumas cenas, sendo uma das mais emblemáticas a que os três hominídeos, cuja chama se havia apagado, saem mundo afora em busca do fogo e se deparam com leões. Para não serem comidos por estes, sobem numa árvore esquelética e lá ficam dia e noite até as feras desistirem e irem embora. Há também uma cena em que um dos hominídeos do grupo enfrenta um urso. Essa situação gera um enorme pavor nos demais que se mostram totalmente impotentes diante do perigo. Já o fascínio pela natureza é evidenciado em cenas como as que os hominídeos contemplam revoadas de pássaros, a lua e o próprio fogo.

Com ou sem um propósito declarado, o diretor do referido filme consegue a quase todo momento, através de uma fotografia primorosa, revelar a “*majestas* da imensidão

celeste” e, mais do que isso, “a incomensurabilidade da força divina” (ELIADE, 2008), diante das quais os homínídeos se curvam, pois estão diante de um Céu que representa “a transcendência, a força, a eternidade e existe de uma maneira absoluta, pois é elevado, infinito, eterno e poderoso” (ELIADE, 2008, p.102).

Se, por um lado, o filme evidencia a magnitude do Cosmos, por outro ele transmite a ideia do medo diante do Cosmos sobre o qual fala Baktin: “o medo cósmico é a trepidação sentida diante do imensuravelmente grande e imensuravelmente intenso: diante do céu estrelado, do volume substancial das montanhas, do mar, e o medo de convulsões cósmicas e desastres naturais”. (BAKTIN *apud* BAUMAN, 2005, p.77-78).

A obra-prima cinematográfica referida também mostra a existência, na tribo mais evoluída (os Ivakas), de ritos (ou pseudo-ritos), o que pode ser visto na cena em que um dos três homínídeos da tribo menos evoluída (os Ulam), que estava em busca do fogo, é capturado. E, enquanto permanece prisioneiro naquela aldeia, ele recebe como oferendas, depois de ter sua dentição examinada, comida em abundância e algumas mulheres para serem fecundadas, algo provavelmente próximo ao que Caillois classifica como “prestações sexuais e alimentares” (CAILLOIS, 1988, p.77).

Durante o tempo em que o “estrangeiro” tem relações sexuais com as mulheres que se enfileiram dentro de uma cabana, os nativos fazem uma roda em volta dela usando máscaras que evidenciam uma certa hierarquia ritualística entre eles. Percebe-se nessa cena algo que se assemelha com “os antepassados ou os deuses, encarnados por dançadores mascarados, vindo misturar-se aos homens e interrompendo violentamente o curso da vida natural [...]”. (CAILLOIS, 1988, p.111). O episódio evidencia também, por meio da “prestação sexual”, uma valorização da exogamia (casamento entre membros de clãs ou grupos distintos) em detrimento da endogamia (casamento entre membros do mesmo grupo

ou clã), uma forma de se garantirem “crias” melhores, bem como sancionar a solidariedade entre os grupos sociais.

A alusão ao filme *A Guerra do Fogo*, o qual ganhou, dentre outros prêmios, o Oscar de Melhor Maquiagem, é feita aqui para mostrar que a relação do homem com o sagrado passou (e vem passando) por todo um processo evolutivo e que, de fato, anos-luz separam o homem religioso de hoje, contaminado por uma cultura extremamente racional, do *homo religiosus* de outrora, que se baseava em antagonismos bem elementares, como “vida e morte”, “puro e impuro”, “esquerdo e direito” (MORIN, 1997).

Por mais que o homem contemporâneo tenha evoluído no que diz respeito ao sagrado, segundo Morin, “as estruturas arcaicas permanecem sobre as estruturas evoluídas” (MORIN, 1997). O medo cósmico, por exemplo, ainda que não tenha sido totalmente vencido, contemporaneamente ele foi minimizado. Para enfrentar uma tempestade que, nos primórdios, era motivo de grande pavor, o homem contemporâneo dispõe de condições de abrigo infinitamente superiores às do homem das cavernas e, graças aos avanços tecnológicos, possui pára-raios que os protegem dos relâmpagos e sofisticados serviços de meteorologia que lhe permitem prever o tempo com bastante precisão. No entanto, mesmo nas grandes cidades onde tudo isso está ao inteiro dispor do homem, ainda existem aqueles que, diante de uma tempestade, preferem recorrer a Deus, pedindo-Lhe, de mãos postas, que os protejam. A razão desse retrocesso é explicada por Eliade da seguinte forma:

A experiência de uma natureza totalmente dessacralizada é uma experiência muito recente, acessível apenas a uma minoria das sociedades modernas, sobretudo aos homens das ciências. Para o resto das pessoas, a natureza apresenta ainda um “encanto”, um “mistério”, uma “majestade”, onde se podem decifrar os traços dos antigos valores religiosos. Não há homem moderno, seja qual for o grau de sua irreligiosidade, que não seja sensível aos ‘encantos’ da natureza. (ELIADE, 2008, p. 126).

Ainda que se reze diante de uma tempestade, o fato é que o medo cósmico foi no mínimo dominado, salvo diante de fenômenos como *tsunamis* ou terremotos arrebatadores

como o que fez tremer o Japão em março de 2011. O que ainda persiste, e isso vale para todas as civilizações, é o medo da morte. Essa, sim, continua a nos espreitar (CAILLOIS, 1988). Como afirma Morin, “o homem, até agora, é um ser biótico por excelência” (MORIN, 1997, p.16). E sobre a tão temida morte, o autor acredita que ela seja um diferencial entre o homem e os outros seres:

A morte se situa exatamente na articulação bioantropológica. É o traço mais humano, mais cultural do *anthropos*. Mas se em suas atitudes e crenças diante da morte, o homem se distingue com a maior clareza de outros seres vivos, é aí que ele exprime o que a vida tem de mais fundamental. (MORIN, 1997, p.17).

É provavelmente o medo de morrer que provoca no homem “um desejo profundo de ser” (ELIADE, 2008, p.19). Para o autor, é a experiência do sagrado que funda o mundo e mesmo a religião mais elementar é, em sua concepção, uma “ontologia”. A obsessão ontológica é o que vai mover o homem desde os primórdios e torná-lo capaz de enfrentar a morte, ainda que ela o espreite o tempo todo.

No entanto, as formas de se lidar com o sagrado sofreram e vêm sofrendo variações ao longo dos tempos. Entender a evolução pela qual passou o sagrado desde as sociedades arcaicas até nossos dias é fundamental pois, como assinala Émile Durkheim, “não podemos chegar a compreender as religiões mais recentes senão seguindo na história a maneira pela qual elas se compuseram historicamente”. (DURKHEIM, 1973, p.509).

Todavia, ao olharmos para trás, tomaremos o cuidado de, assim como o romancista português Gonçalo M. Tavares, autor de *Aprender a rezar na era da técnica* (Companhia das Letras), conceber a religião “como um olhar respeitoso para o passado, como uma forma de respeito aos nossos antepassados, pois está ligada à terra e à família”. (REVISTA CONTINENTE, 2009, p.8). A terra à qual o escritor se refere é a terra mítica, a *Terra Mater* ou *Tellus Mater*, tão reverenciada pelo homem arcaico, a qual simboliza para ele a fecundidade e a riqueza.

2.2- O SAGRADO TRIBAL

Diferentemente do homem contemporâneo que em muitas circunstâncias apresenta um comportamento cético, até mesmo ateu, diante das coisas e dos fatos, com fortes tendências à dessacralizar o mundo, o homem das sociedades arcaicas atribuía um sentido sagrado a tudo que estava a sua volta, não só à terra mas também a uma pequena pedra ou, num nível mais elevado, à imensidão do céu. Como explica Caillois:

O sagrado é algo imputado a certos objetos, a certas coisas (animais, manifestações da natureza), ou seja, consagra-se um ser, um objeto. O objeto consagrado suscita sentimentos de pavor ou veneração, apresenta-se como um “interdito”. O sagrado é mais ou menos aquilo de que não nos aproximamos sem morrer. (CAILLOIS, 1988, p.21).

A essa sacralização de um ser ou de um objeto, Eliade dá o nome de hierofanias, ou seja, para o homem arcaico, o sagrado pode manifestar-se numa pedra, numa árvore, mas elas não são adoradas como tal e sim pelo que nos revelam. Conforme o autor,

Para quem uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural, ou seja, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O cosmos, na sua totalidade, pode se tornar uma hierofania. (ELIADE, 2008, p.17-18).

Nas sociedades arcaicas, tudo era associado à natureza, segundo Eliade “carregada de um valor religioso e que exprime algo que a transcende” (ELIADE, 2008, p.100). O próprio nome das fratrias – forma de organização social dessas sociedades subdivididas em clãs - era inspirado na natureza, sendo comum se chamarem Águia, Corvo, Lobo, Orca (LÉVI-STRAUSS, 1976, p.154). Para se estabelecer uma oposição entre elas (oposição esta

mais para atribuir funções diferenciadas), o homem arcaico as batizava, por exemplo, de Céu e Terra, Água e Fogo, ou de nomes de animais da mesma espécie só que de cores contrárias, como Ave Negra e Ave Branca (CAILLOIS, 1988, p.84). Esses nomes também exprimiam oposição entre duas virtudes.

Da mãe natureza se extraía praticamente tudo, até mesmo os próprios “deuses” através dos totens. O totem consistia em se eleger um objeto da natureza seja ele um animal aquático, terrestre ou anfíbio, uma ave, ou mesmo uma planta, ou seja, algo para ser venerado, idolatrado como um Ser Supremo. A escolha de um totem constituía uma característica muito peculiar do homem das sociedades arcaicas. Os totens conferiam às fratrias uma determinada personalidade. Era muito comum que seus membros se tatuassem com o símbolo de seu clã como uma marca identitária. Durkheim acrescenta que em algumas sociedades “cada região se define pelo totem do clã ao qual ela é atribuída”. (DURKHEIM, 1973, p.515).

Os totens eram símbolos sagrados aos quais se devia um enorme respeito, portanto, durante o tempo ordinário (aquele que se opunha ao tempo sagrado - o tempo da festa), não poderiam ser ingeridos, destruídos ou mortos. Nas sociedades totêmicas, a ingestão ou a destruição total ou parcial de um ser totêmico, salvo em ocasiões festivas em algumas tribos, constituía um tabu (aquilo que, segundo Caillois, não pode ser infringido, pois representa a lei e define de forma absoluta o que é permitido ou não). O infrator era passível de punições severas. Para além de ser um ato ilícito, uma forma de transgressão, o consumo do totem era considerado um ato de canibalismo:

Consumir o seu próprio totem não o nutria, antes o fazia definhir e morrer de consumção, além de não menos que a violação da exogamia, esta ingestão sacrílega ser monstruosa, pois o homem que devora a carne de seu totem não faz mais do que devorar a si mesmo. (CAILLOIS, 1970, p.81).

Tão grave quanto “consumir o seu próprio totem”, era a prática da endogamia (casamento entre membros do mesmo grupo), regulamentada no caso pelo tabu do incesto (até

hoje conservado por praticamente todas as civilizações), que consistia em não ter relações sexuais não só entre irmãos, bem como entre primos paralelos (primos por parte de mãe), os chamados *irmãos sagrados*. Isso porque se acreditava que:

Da conjunção de indivíduos da mesma natureza só podem nascer abortos ou monstros. A crença atual de que um casamento entre parentes chegados não pode senão produzir crianças enfezadas e mal constituídas representa sem dúvida a herança longínqua destas concepções. (CAILLOIS, 1988, p.79).

Os tabus aqui relacionados servem para mostrar o quão místicos, o quão supersticiosos eram os homens das sociedades arcaicas. Para eles, ignorar um tabu significava transgredir. E essa transgressão tinha consequências maiores, pois constituíam uma ameaça não só pessoal, mas também para o ordenamento do mundo. Como reafirma Caillois, “o incesto não passa de uma transgressão particular de *ordo rerum*” (CAILLOIS, 1988, p.80). O transgressor colocava em risco não somente sua própria vida, mas também a natureza que o cercava.

Ainda que de forma drástica, era dessa forma que o homem arcaico procurava ordenar seu mundo, seu cosmos, instituindo a todo tempo, mesmo que inconscientemente, o que era do domínio do sagrado e do profano. Como pontua Caillois:

O domínio do profano apresenta-se como o uso comum, o dos gestos que não exigem precaução alguma e que conservam dentro da margem, por vezes estreita, deixada ao homem para exercer, sem constrangimentos, sua atividade. Já o mundo sagrado, ao contrário, se revela o do perigoso ou do proibido: quem se aproxima dele não deixa de por em movimento certas forças que não domina e perante as quais sua fraqueza se sente desarmada. (CAILLOIS, 1988, p.25).

Para transmutar a natureza do profano e do sagrado, o homem arcaico recorria aos ritos que eram exercidos durante o período das festas, ao contrário da civilização contemporânea, onde, exceto as festas de cunho estritamente religioso, as demais têm um caráter profano. As festas para as sociedades arcaicas possuíam um caráter sagrado, apesar de

ser um momento especial quando as regras eram suspensas temporariamente (enquanto durasse a festividade), dando lugar às licenciosidades.

A título de comparação com o nosso tempo, seria como o carnaval, que acontece em algumas partes do planeta (o do Brasil é o mais famoso), quando, segundo Jesús Martín-Barbero “o paroxismo invade as praças através da paródia e da ridicularização” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.95), no caso de nosso país até depois da quarta-feira de cinzas. Segundo Caillois, “tudo convida a encarar o carnaval moderno como uma espécie de eco moribundo de festas antigas do tipo Saturnais.” (CAILLOIS, 1988, p.121).

Uma característica comum entre a festa primitiva e o carnaval é que ambas “marcam um tempo morto no ritmo da atividade geral” (CAILLOIS, 1988, p.162). No entanto, a diferença fundamental entre os dois eventos é que o carnaval é considerado para os cristãos uma festa eminentemente profana, embora faça parte do calendário religioso.

No dia a dia das civilizações arcaicas, o sagrado era marcado pelos interditos, que funcionavam como mecanismos reguladores da sociedade. A ausência deles poderia causar o caos, a perturbação da ordem. No entanto, paradoxalmente, as festas serviam para que as regras fossem temporariamente quebradas, violadas, possibilitando assim uma descompressão após um longo período de compressão. Conforme Caillois, “os ritos, diz o *Li-ki*, previnem a desordem, do mesmo modo que os diques as inundações”. (CAILLOIS, 1988, p.93)

As festas tinham também a função de garantir a renovação da natureza e da sociedade. Com base em relatos de indígenas, o autor assinala que o êxito dos ritos garantia, ainda que indiretamente, “mulheres fecundas, ricas colheitas, guerreiros valentes, uma caça abundante e uma pesca frutuosa” (CAILLOIS, 1970, p.99). Este sentido renovador provavelmente ainda se perpetua nas festas típicas brasileiras, como a Festa da Uva (Caxias do Sul- RS), Festa das Rosas (Barbacena-MG) e Festa do Morango (Alfredo Vasconcelos -

MG), nas quais, afora seu objetivo comercial, celebra-se o sucesso da colheita anterior e a perspectiva de uma exitosa colheita futura.

Para além de seu sentido renovador, as festas possuíam também um sentido escatológico, ou seja, do ponto de vista fisiológico, era um momento de se “evacuarem as ‘máculas’”, urina e excrementos e, no que diz respeito às mulheres, o sangue menstrual. Do ponto de vista emocional, também era necessário “expulsar o mal, a fraqueza e o desgaste”. Tudo isso tinha uma razão de ser: “enterrar um passado desmoronadiço e sujo, que já teve o seu tempo, e que deve ceder lugar a um mundo virgem, cujo advento a festa se destina a forçar”. (CAILLOIS, 1988, p. 99-100).

Por mais paradoxal que possa parecer aos olhos do homem contemporâneo, as festas sagradas, para os nossos ancestrais, eram um momento de transgressão total. Como pontua Caillois, “a festa era um tempo de excesso e ela produzia uma interrupção e uma transformação sensível da vida coletiva” (CAILLOIS, 1988, p.162). O autor ressalta que não há nada que equivalha plenamente à festa primitiva na sociedade contemporânea, a não ser a guerra, por seu fulgor e por sua intensidade.

O excesso durante as festas era tanto que se chegava ao cúmulo de ingerir o animal totêmico, o que Caillois atribui a um gesto de “canibalismo vivificante, de fortificante teofagia” (CAILLOIS, 1988, p.108), bem como de se praticarem relações incestuosas, deixando-se de lado os tabus. Atos atrozos como o sacrifício de animais eram cometidos. Exagerava-se na comida, na bebida. Isso sem contar que durante as festas, além “das orgias de consumo, da boca e do sexo”, permitiam-se ainda “desregramentos de expressão, do verbo ou do gesto, através de ‘gritos, zombarias, injúrias’, bem como de ‘gracejos grosseiros, obscenos ou sacrílegos’...”. (CAILLOIS, 1988, p.119). Nesse aspecto, as festas primitivas parecem ecoar também nas chamadas “carpas”, realizadas no México e mencionadas por Martín-Barbero, a partir de Carlos Monsiváis, que estuda essa manifestação cultural:

As “carpas”, os salões de baile, assim como o teatro configuram um espaço para a instalação de uma outra dimensão do popular. A da expressividade do tumulto feito de gargalhadas e descontração, assovios e ruídos obscenos, grosserias por meio das quais as pessoas liberam, misturadas, a rebeldia política e a energia erótica. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.266).

Nada escapava ao paroxismo das festas primitivas, nem os mortos, tão temidos e respeitados. As “almas do outro mundo” também eram evocadas através de máscaras e da recitação dos mitos, fazendo com que “saíssem de suas moradas e invadissem o mundo dos vivos”, sendo que depois eram “solenemente mandadas embora para que as condições normais da existência retomassem o seu curso” (CAILLOIS, 1988, p.111). Como recorda Morin, nas civilizações antigas até hoje os mortos são evocados anualmente por ocasião do Dia de Finados. (MORIN, 1997, p.145).

Todos esses exageros, toda essa efervescência, no entanto, segundo Caillois, se davam em nome do sagrado. Dentre outras funções, as festas, através de ritos como o de iniciação ou de fecundidade, serviam para purificar e visavam garantir uma maior virilidade aos homens e uma maior fecundidade tanto do homem quanto da terra. O mais interessante é que terminada a festa, a ordem era imediatamente restabelecida, os interditos voltavam a vigorar e quem desrespeitasse os tabus voltava a ser punido com rigor. Em suma, as regras voltavam, imediatamente após a festa, a serem invioláveis. Antes da cerimônia, no entanto, era comum seguir um jejum alimentar e sexual rigoroso, justamente para poder quebrá-lo.

Conforme Edgar Morin, as sociedades arcaicas “separavam os dias de festa da vida cotidiana, quebrando o fio dos dias” (MORIN, 1969, p.66). Comumente realizadas nas mudanças de estação (Inverno e Verão), as festas representavam um tempo à parte, um tempo que não se contabilizava, um tempo morto. Era como se fosse um período intercalar, fora do tempo referenciado. Como assinala Caillois, “o sagrado é um tempo fora do tempo, que recreia a sociedade, a purifica e lhe restitui a juventude”. (CAILLOIS, 1988, p.162).

Por outro lado, o intervalo entre uma festa e outra servia como referência de um ciclo que terminava e de outro que começava, não necessariamente um ano de 365 dias como o que vigora na maioria das civilizações contemporâneas. Isso porque um dos aspectos mais importantes dos ritos das sociedades arcaicas é que eles demarcavam o tempo, ainda que sem um número específico de dias, dividindo-o em tempo sagrado e em tempo profano. De acordo com Eliade, o primeiro era marcado justamente pelo tempo de festas, enquanto o segundo era considerado ordinário. Caillois prefere o termo “tempo vulgar” em vez de ordinário. (CAILLOIS, 1988). Independente da terminologia utilizada, o fato é que, para o homem religioso das culturas arcaicas, existiam dois tempos e o mundo era recriado anualmente, a cada período de festas, sendo que estas “eram celebradas no espaço tempo do mito e assumiam a função de regenerar o mundo real” (CAILLOIS, 1988, p.106).

Eliade acrescenta que “toda festa religiosa, todo tempo litúrgico, representa a reatualização de um tempo sagrado que teve lugar no passado mítico, nos primórdios” (ELIADE, 2008, p.63). Um dos exemplos dessa reatualização do tempo sagrado na contemporaneidade seriam as celebrações do Ano Novo, que acontecem praticamente por toda parte, mas cujos rituais se diferem conforme os costumes, conforme a cultura do local. No Brasil, a festa mais conhecida (com projeção internacional) é a realizada no Rio de Janeiro, mas especificamente na Praia de Copacabana, onde milhares de pessoas (não necessariamente seguidores) se reúnem para saudar *Iemanjá*, figura mítica reverenciada pelas religiões afro-brasileiras. Como parte do ritual, lançam-se flores e objetos para a “Rainha do Mar” na esperança de que esta os recompense com um ano feliz e próspero. É comum também nessa ocasião molhar os pés na água do mar como uma forma de se purificar.

Como explica Eliade, uma festa acontece sempre no seu tempo original, ou seja, o tempo fundado pela primeira aparição desta realidade. Portanto, os ritos são constituídos de repetições, ou seja, repete-se o que se fez no momento em que foram criados. “A nostalgia das

origens equivale a uma nostalgia religiosa [...]. De certo ponto de vista, pode-se dizer que o homem religioso – sobretudo o das sociedades arcaicas – é, por excelência, um homem paralisado no tempo pelo mito do eterno retorno.” (ELIADE, 2008, p.82).

No Brasil, por exemplo, a Igreja Católica comemora todo dia 12 de outubro o dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do país, data em que supostamente teria acontecido um milagre. Reza a lenda que há três séculos atrás, num período de escassez de peixes, um pescador, ao lançar a rede no rio, teria pescado uma imagem de barro da santa. A partir de então, os peixes reapareceram em abundância, garantindo assim a subsistência da população ribeirinha. Até hoje, o feito é lembrado e reforçado através de meios como a televisão e o cinema, sendo os exemplos mais recentes disso a novela da TV Globo *A Padroeira* (Walcyr Carrasco, 2001) e o filme *Aparecida- o milagre* (Tisuka Yamasaki, 2010).

Na data consagrada à Nossa Senhora Aparecida, dia em que é feriado nacional no Brasil, a despeito das outras religiões, milhares de fiéis lotam o santuário erguido na cidade de Aparecida do Norte, nas proximidades do Rio Paraíba do Sul, onde supostamente teria ocorrido o milagre. Ao se dirigirem todos os anos ao local, os devotos não fazem senão rememorar o fato, pois como assinala Eliade

A vida religiosa, para além de uma comemoração, é uma rememoração, uma recordação reatualizada pelos ritos. A festa religiosa é a reatualização de um acontecimento primordial, de uma ‘história sagrada’, cujos autores são os deuses ou seres semi-divinos. Para o homem religioso das sociedades primitivas os mitos constituem sua ‘história sagrada’. Reatualizando-os, o homem religioso aproxima-se de seus deuses e participa de sua santidade. (ELIADE, 2008, p.93).

Este caráter rememorativo, no entanto, é um dos poucos aspectos do sagrado tribal que ainda permanece nos dias atuais, pois ao longo da história da humanidade a relação do homem com o sagrado, na medida em que o primeiro foi dominando a natureza, passou (e vem passando) por transformações de fundo. Com a emancipação do indivíduo, o desenvolvimento de sua autonomia intelectual e moral, enfim, com o progresso do ideal

científico, o sagrado perdeu, principalmente, uma característica essencialmente afeita às sociedades arcaicas, ou seja, sua função suprema de regenerar o mundo, de reordenar o caos.

Como pontua Caillois ao falar dessa evolução do sagrado:

A concepção do profano e do sagrado não aparece ligada à concepção da ordem do mundo, ao ritmo do envelhecimento e da sua regeneração, à oposição das coisas, neutras e inertes, e das energias que as vivificam ou as destroem, que lhes concedem ou retiram o ser. Nada disso resistiu às transformações da vida social que ocasionaram a independência crescente do indivíduo, libertando-o de todo o constrangimento psíquico e conferindo-lhe garantia contra os outros. Contudo, o sagrado subsiste na medida em que esta libertação é incompleta. (CAILLOIS, 1988, p.132).

Não só o sagrado subsiste como também as sensações que ele provoca, ou seja, “o respeito, o temor e a confiança”. Ele continua exercendo sobre os mortais “a fascinação da chama e o horror da putrefação” (CAILLOIS, 1988, p.135). Por mais que o *homo faber* tenha evoluído e a cada dia passe a dominar as mais rebuscadas técnicas, ele ainda vive sob a ameaça da morte, aquela que o espreita a cada esquina. Diante da impossibilidade de afastá-la por completo, só lhe resta acreditar na imortalidade, na ressurreição, através dos mistérios. Surge então a ideia da “vitória da vida sobre a morte” (MORIN, 1977, p.202). Essa concepção será defendida de diferentes formas pelas religiões que pregam a salvação, a redenção.

Vale ressaltar que, diferentemente do sagrado tribal, nessa nova fase do sagrado calcada na salvação, a relação do homem com o mesmo se dará não mais de forma grupal e sim mais subjetiva, mais individualizada, devido a um novo contexto histórico em que ocorre a emancipação do indivíduo, o desenvolvimento de sua autonomia moral e intelectual e, para além disso, o progresso do ideal científico. Mas como bem lembra o teólogo Hans Kung, “aumentando o conhecimento, aumenta também o que se ignora” (KUNG, 2007, p.110). O temor da morte, ao invés de ser dominado, só viria a exacerbar.

2.3- A MEDIAÇÃO DO SAGRADO

As religiões de salvação segundo Morin, a partir de Freud, transformam-se na “neurose obsessiva da humanidade” (MORIN, 1997, p.204). As eras Helenística e Romana deram grande projeção aos cultos de mistérios, reforçados pelo Cristianismo que vai exacerbar o ódio da morte, personificada na figura de Jesus Cristo, o redentor. Conforme o autor, essa nova vertente religiosa se desenvolveu sobremaneira durante a paz romana e a prosperidade do Império. (MORIN, 1997, p. 217).

Nesse contexto, o Cristianismo se torna “o denominador comum místico de desejo de salvação carnal” (MORIN, 1997, p.223) pois, diferentemente do Judaísmo que o antecede e que só atende aos eleitos, ele é mais auspicioso e democrático, pois vai oferecer aos pobres, como recompensa, a vida pós-morte e, para os ricos, o apaziguamento do medo da morte. Devido a esse caráter mais inclusivo, o Cristianismo criou em torno dele um número incalculável de religiões, o que possibilitou que ele se perpetuasse ao longo dos séculos. A razão de sua longevidade é explicada por Morin também pela capacidade que teve de se adaptar às várias situações sociais, seja de desenvolvimento, como a que se verificou no Império Romano, de crise, quando este chegou ao fim, bem como ao feudalismo. (MORIN, 1997, p.219).

Como atesta Huston Smith, de todas as religiões, o Cristianismo até hoje é a mais difundida na face da Terra, sendo a que tem o maior número de adeptos. “Dois mil anos de História produziram uma espantosa diversidade nessa religião” (SMITH, 1991, p. 302), hoje dividida, conforme o autor, em três troncos principais: catolicismo romano, ortodoxia oriental e protestantismo, e subdivididas em inúmeras religiões maiores (Catolicismo, Luteranismo, Anglicanismo etc.), em religiões menores e em seitas.

Esse grande “guarda-chuva” (CARRANZA, 2011) religioso que sempre abarcou várias segmentações religiosas tem em comum algumas crenças, como acreditar em um só Deus e se basear em escrituras. Enquanto a religiosidade nas sociedades arcaicas se dava numa relação mais direta com as divindades totêmicas ou ancestrais (predomínio do caráter politeísta), em rituais realizados geralmente junto à natureza e transmitidos de forma oral para as próximas gerações sem doutrinamentos, no Cristianismo, assim como em outras religiões como o Islamismo e o Judaísmo, reverencia-se somente um Deus (caráter monoteísta) Todo Poderoso e virtuoso, estabelece-se um local sagrado (mais comumente os templos) e a forma de transmissão das doutrinas se dá através das escrituras, como a Bíblia para os cristãos e o Alcorão para os muçulmanos. Essas escrituras não contêm simplesmente relatos, mas também padrões morais a serem seguidos.

Para além das diferenças acima mencionadas, há outro aspecto fundamental que diferencia a religião das sociedades arcaicas e das sociedades mais evoluídas: a existência da mediação³ entre Deus e a humanidade. Ao se referir à religião aborígine, Smith assinala que “aqui não há sacerdotes, nem congregações, nem oficiantes mediadores, nem meros espectadores...”, pois o que prevalece é “uma idéia de ‘participar’ dos paradigmas arquetípicos e passá-los ao ato”. (SMITH, 1991, p.341). Como complementa Morin, “nas culturas arcaicas as pessoas participam como atores e ao mesmo tempo espectadores das festas, dos ritos e das cerimônias, sem uma separação física”. (MORIN, 1969, p. 66).

Nos cultos das sociedades arcaicas, a relação com as divindades totêmicas se dava num *tête-à-tête*, enquanto nas religiões de salvação “a crença no poder de Deus é transferida para a crença no poder de determinados elementos que tiveram algum tipo de ‘relação divina’, ou seja, alguma experiência sensorial com Deus”. (MARTINO, 2005, p.8). Esses elementos

³O conceito de mediação é aqui concebido como uma das vertentes filosóficas, ou seja, a idealista, de origem cristã, ligada à herança teológica, ou seja, a mediação de Cristo entre Deus e o mundo, ou ainda a mediação dos santos entre os pecadores e Deus. Consideramos também o significado mais corrente do termo, que se vincula à idéia do intermediário. (SIGNATES, 2006, p. 2)

seriam os mediadores, como os profetas, os anjos e os sacerdotes. Para Ludwig Feuerbach, “o Deus verdadeiro e real de uma religião é sempre chamado mediador, porque somente este é o objeto imediato da religião”. (FEUERBACH, 1988, p.117).

Desde o Judaísmo (1250 AC), cuja contribuição básica para o pensamento religioso foi o monoteísmo (SMITH, 1991, p. 264), já se tem registro da existência de profetas. No livro intitulado “As Grandes Religiões”, da Editora Abril Cultural (1973), consta que o surgimento deles se deu antes mesmo desta religião ser instituída. O precursor chamava-se Amós, que foi designado pelo Deus Javé (conhecido também como Jeová ou Jeovah) para apaziguar um conflito que pairava sobre os pequenos estados da Palestina ameaçados pela Assíria. Em nome de Javé, para manter a união, ele se vale de questões de ordem moral. Outro profeta citado na obra é Oséias, que adotou um discurso semelhante ao de Amós. Mas o interlocutor mais destacado no Judaísmo foi Moisés que, segundo o Antigo Testamento (AT), teria recebido de Deus os Dez Mandamentos para serem pregados na terra.

A partir de então, surgiram outros profetas relatados na Bíblia, cujos mais conhecidos são aqueles que se encontram representados em Congonhas do Campo (MG), no Santuário de Jesus Matosinhos, esculpidos em pedra sabão por Antônio Francisco Lisboa - o Aleijadinho -entre 1795 e 1805. Os doze profetas fazem parte do acervo considerado Patrimônio Histórico da Humanidade desde 1985. Além de Amós e Oséias, são eles: Isaías, Jeremias, Baruc, Ezequiel, Daniel, Joel, Abdias, Jonas, Abacuc e Naum.

De acordo com Smith, a palavra profeta vem do grego *prophétes*, em que *pro* quer dizer “por” e *phétes* quer dizer “falar”. Portanto, no original grego, o profeta é um indivíduo que fala por alguém. No sentido religioso, o profeta adquire uma função mais específica, sendo “aquele que fala em nome de Deus”. Melhor dizendo: “um profeta era diferente dos outros homens porque sua mente, suas palavras e às vezes até seu corpo se tornavam um veículo pelo qual Deus se dirigia a condições históricas imediatas”. (SMITH, 1991, p.270).

Nas palavras de Brenda Carranza, “o profeta é o portador da mensagem inquestionável da divindade”. (CARRANZA, 2011, p.127)

A importância dos profetas para as religiões é tão grande que alguns autores como Irineu Wilges, ao discorrer sobre as formas religiosas, utiliza a categoria Religiões Proféticas, se referindo ao Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Justificando essa nomenclatura, o autor explica que estas religiões têm como fonte um profeta que comunica a revelação recebida de Deus.

Ainda que Deus seja *ens perfectissium*, o ser perfeito, (SMITH, 1991, p.346), nem por isso dispensa seus arautos. Uma das razões disso, provavelmente, se deve ao fato de ter que se comunicar com um enorme rebanho, precisando, portanto, de mensageiros, de portavozes para, assim, poder alcançar o mundo todo, canto por canto. Ao fazer uma análise da importância dos anjos como mediadores do sagrado, o midiólogo⁴ Régis Debray observa que “Deus uno não pode nunca estar só, a sós com sua criação...” (DEBRAY, 2003, p.13), necessitando sempre de elos entre Ele e os homens, pois

O Deus da Bíblia só aparece em público com seu séquito, sua escolta, suas cortes. Quando trata de anjos, são estes os termos que surgem no antigo testamento; ‘miríades angélicas’, ‘milícias inumeráveis’. Como se a potência de Deus não fosse suficiente por si mesma... Como se Deus não pudesse intervir diretamente em nossos assuntos. Entre Ele e seus Profetas intercala-se uma personagem obrigatória, *malak*, em hebreu, *angelos*, em grego, o mensageiro Miguel, Gabriel, Uriel ou outro subchefe, encarregado da missão ‘em nome de’. (DEBRAY, 2003, p. 13).

Conforme Debray, os anjos podem ser um intermediário individual que protege cada indivíduo, ou uma nação, como Miguel, tido como anjo de guarda de Israel e, mais tarde, da França, só que na qualidade de São Miguel. Fazendo uma analogia com a comunicação, o autor compara os anjos a um canal entre o emissor e o receptor, propondo um esquema que poderia ser resumido em: Deus (emissor), anjo (canal), fiel (receptor). Para ele, é uma

⁴ Expressão usada por Régis Debray para designar os estudiosos da mídia, entre os quais ele se inclui intitulado-se como tal. (DEBRAY, 1995)

exigência do monoteísmo estabelecer uma “ponte, pelo imaginário, entre o divino simbólico e o humano efetivo”. (DEBRAY, 2003, p.15).

Embora não reconhecidos por todas as religiões cristãs, apesar de que, segundo o próprio Debray são os seres misteriosos identificados na Bíblia (AT) como filhos de *Elohim*, no Capítulo 6 do Livro de Genesis, os anjos fazem parte principalmente do imaginário dos católicos. Ainda que não sejam de carne e osso, os anjos são representados, por exemplo, em afrescos de igrejas, nas obras de arte e na decoração do quarto de crianças para serem por eles protegidas.

Esses seres celestes normalmente são representados como figuras meigas, aladas e com cabelos encaracolados. Mas elas podem também ser estilizadas nas obras de ficção, como em *Asas do Desejo*, do cineasta alemão Win Wenders (1987), em que os anjos aparecem vestidos com capas escuras, perambulando pelas ruas de Berlim Oriental e Ocidental (a película foi gravada ainda no tempo do Muro) a proteger seus habitantes. Como bons mediadores que são “entre as coisas do alto e as coisas aqui da terra” (DEBRAY, 2003, p. 18) os anjos, em geral, fazem jus até a uma oração própria, ou seja, a “Santo Anjo do Senhor”, aquela que os católicos aprendem desde pequenos.

Para Debray, “o anjo constitui, com a figura do Cristo (em plano superior), a resposta cristã à questão – midiológica por excelência – da eficácia simbólica: como ir do abstrato ao concreto? Do Céu à Terra?”. (DEBRAY, 2003, p. 16). Mas como explica o autor, ele não age sozinho, pois faz parte de uma hierarquia celeste formada por Deus, acima de tudo, seguida de Serafins, Querubins, Arcanjos e Anjos. Já na terra, existe uma hierarquia eclesiástica, constituída pelo Papa e por Bispos, Padres, Diáconos.

Ao discorrer sobre essas hierarquias, o midiólogo quer dizer que toda mediação é hierarquizada. Completando seu raciocínio, ele acrescenta que “não há hierarquia horizontal”, pois toda estrutura hierárquica pressupõe ascendência e descendência, o que garante a

“tradição” e, por consequência, a longevidade de uma instituição religiosa. (DEBRAY, 2003, p.25). Aceitar essa hierarquia e a mediação, condições inerentes à religião, é, conforme o autor, a maneira que se tem de adentrar o reino dos céus, uma vez que

A alma não pode alcançar os píncaros. As portas não se abrem por si mesmas – sentimos necessidade de porteiros, de vigias, de guias, de protetores [...] Os deuses retiram-se de nosso mundo, de sorte que estamos condenados a colocar sem descontinuar escadas entre eles e nós, a subir e a cair. Estamos condenados a ingressar numa fileira de pórticos, corredores, escadas, num dédalo de espelhos mais ou menos ilusórios, com intérpretes mais ou menos seguros, com interlocutores mais ou menos duvidosos. Condenados a uma vida hierárquica, se preferirem, mediada, ou ainda se preferirem política. O anjo é dinheiro miúdo do Deus ausente, nosso sorriso através de lágrimas. (DEBRAY, 2003, p.29).

Por mais ínfimos que sejam os anjos diante de Deus, eles têm um papel a cumprir, assim como os profetas. As religiões atuais não se fazem conhecidas sem seus mediadores. Além de anjos e profetas, existem outras instâncias incumbidas da tarefa de mediar o sagrado, como os sacerdotes. Mesmo em algumas sociedades mais arcaicas, os cultos religiosos eram dirigidos por sacerdotes, que ministravam os ritos de sacrifício ou expiação. Nas religiões cristãs, são eles os responsáveis em pregar a Palavra de Deus na terra.

Os padres no Catolicismo, os rabinos no Judaísmo, os pastores no Protestantismo e os aiatolás no Islamismo são genericamente chamados de sacerdotes. Como tais, agem como mediadores entre a religião e os fiéis. Muitas vezes, por serem considerados representantes de Deus na terra, passam a ter o *status* de líderes de opinião, exercendo forte influência sobre seu rebanho.

De acordo com Paul Lazarsfeld (1969), responsável por um estudo realizado nos Estados Unidos em que se verificou a influência dos meios de comunicação de massa em uma campanha eleitoral para a Presidência da República daquele país, constatou-se que as pessoas eram mais influenciadas pelo contato direto com formadores de opinião do que propriamente pelos meios de comunicação de massa – deve-se ressaltar que à época esses meios não eram tão diversificados e não possuíam o poder que desfrutam atualmente.

Assim como os sacerdotes, os líderes de opinião são aquelas pessoas que possuem mais informações sobre determinados temas e estão mais aptas a falar sobre eles. Dessa forma, mediam as informações a que têm acesso e as repassam para o grupo. De acordo com Lazarsfeld, geralmente possuem esferas de influência específicas, ou seja, atuam em áreas mais localizadas. Conforme o autor, são requisitos essenciais ao líder de opinião: ter posição de competência, manter contato com fontes externas de informação e ser acessível e sociável. Para além dessas características, o líder de opinião deve ser uma fonte de credibilidade para a comunidade a qual está ligado. (LAZARSELD, 1969).

Durante muito tempo, a Igreja Católica – ainda hegemônica no país, mas com queda substancial do número de adeptos a cada novo censo – tinha em seus padres verdadeiros líderes de opinião. Além de darem conselhos pessoais, mediavam questões relativas à política local, chegando até mesmo a influenciarem os fiéis na escolha de seus representantes políticos. Ainda hoje, no meio rural e em cidades menores, locais menos afetados pelo pluralismo religioso, os padres ainda dispõem de alguma influência na paróquia. Sobre essa relativa perda do poder dos padres Carranza observa que:

A imagem do sacerdote não é mais a de uma única voz do sagrado, ele passa a ser uma voz a mais entre as múltiplas vozes dos gerenciadores do simbólico. Os padres não só concorrem, no mundo urbano, com seus pares pastores, parceiros no cristianismo, mas com um sem número de agentes fornecedores de serviços religiosos. Mais ainda, eles entram no crivo das livres escolhas dos fiéis, os quais se deslocam, afetiva e territorialmente, em busca daquele que melhor “preencha” suas necessidades ou reúna os requisitos do serviço que ele procura. (CARRANZA, 2011, p.308).

Em religiões como o Islamismo, os aiatolás possuem uma grande ascendência sobre os fiéis. Um exemplo emblemático disso é mostrado no filme *A Separação* (2011), dirigido pelo iraniano Asghar Farhadi, em que a diarista mulçumana contratada para cuidar de um senhor idoso que sofre de Alzheimer, ao ter que vesti-lo, antes telefona para seu líder espiritual para saber se ele a autoriza.

No Brasil, não é segredo para ninguém que a cada nova eleição aumenta o poder dos pastores evangélicos, que orientam seus fiéis a votarem em determinados candidatos. Como sugere Martino, os assuntos relacionados à política são de competência dos líderes, aos quais cabe fazer uma triagem do que interessa e, a partir daí, repassar aos fiéis, influenciando-os na decisão de em quem votar (MARTINO, 2005, p. 179). Não raro, os votos dos evangélicos pesam na balança eleitoral de forma decisiva, como constatou a matéria intitulada “Votos da Fé” (ISTO É, 2010, p. 48-49), cuja tônica foi o engajamento de lideranças religiosas na campanha da então presidente da República Dilma Rouseff.

Mas recentemente, o mesmo periódico, através da reportagem intitulada “A Força dos Mórmons” (ISTO É, 2012 A), demonstrou que o discurso de um pastor texano da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos, cujos membros são denominados mórmons, alavancou a campanha do candidato do Partido Republicano Mitt Romney - também mórmon - à presidência da República dos Estados Unidos. Os mórmons somam hoje seis milhões de adeptos nos Estados Unidos, sendo, portanto, um contingente bastante expressivo. Embora não tenha sido eleito, o candidato do Partido Republicano, às vésperas da eleição realizada em 6 de novembro, esteve empatado tecnicamente com o presidente eleito Barack Obama.

Exemplos como esses citados acima têm sido cada vez mais frequentes na história política brasileira e até mesmo mundial, evidenciando o aumento do poder dos evangélicos. Já não é possível fazer uma eleição em nível local ou nacional sem antes “costurar” o apoio político dos líderes evangélicos. Afinal, eles exercem influência sobre uma boa parte do eleitorado.

Hoje, de acordo com o Censo Demográfico 2010, realizado pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, somente aqui no Brasil eles representam 22,2% da população, o equivalente a 42,3 milhões de pessoas, sendo o grupo religioso que mais cresce de uma década para outra. Em 30 anos o percentual de evangélicos aumentou em 15,6% no

país que ainda assim possui maioria católica: 64,6% da população, um contingente de 123,3 milhões de pessoas.

Ao conceder entrevista para a Revista *Isto É* durante visita ao Brasil em março de 2012, José Casanova falou sobre esse paradoxo religioso brasileiro. Segundo o sociólogo espanhol, o país é a um só tempo: “um centro mundial de catolicismo global, de pentecostalismo global e de movimentos afro-americanos globais. O Brasil está surgindo como potência econômica global, mas também como potência religiosa nessas três religiões”. (CASANOVA, 2012, p.12).

Sem desconsiderar a força dos líderes de opinião, até porque a constatamos acima, não restam dúvidas de que, principalmente nas últimas três décadas (MARIANO, 2005, p. 1), os meios de comunicação passaram a ser largamente utilizados pelas confissões religiosas, assumindo o papel de mediadores entre o sagrado e os fiéis. Fatores como o aumento demográfico, a secularização da sociedade, intensificação dos fluxos migratórios e, mais recentemente, a globalização da sociedade, obrigaram as igrejas a amplificarem as vozes de suas lideranças. E nada melhor para isso do que os meios de comunicação de massa, extensões dos homens na concepção de Marshall McLuhan. (McLUHAN, 1969).

Embora o senso comum diga que as igrejas neopentecostais são as que mais se utilizam das mídias, a Igreja Católica também não tem ficado para trás, investindo maciçamente em todos os meios de comunicação de massa, bem como nas redes sociais. Como salienta Brenda Carranza “O uso do rádio, da tevê, da internet coloca o catolicismo midiático – com suas performances, discursos, estrutura dramática e imaginários – na mesma rota de colisão e semelhança com o neopentecostalismo protestante” (CARRANZA, 2011, p.21).

Outra semelhança com o movimento pentecostal é a construção de megatemplos por parte da Igreja Católica, como o que está sendo erguido em São Paulo, o Santuário Mãe

de Deus, com capacidade para cem mil fiéis, segundo a Revista *Época*. Os eventos multitudinários fazem parte das estratégias de *marketing* de grande parte das igrejas na contemporaneidade. (ÉPOCA, 2011, p.84). Além disso, conforme Carranza, a utilização de santuários, espaço semelhante aos atuais templos pentecostais, constitui um *locus* de reinstitucionalização dos católicos. (CARRANZA, 2011, p.85).

Como observa Alberto Antoniazzi, “a expansão de uma religião está ligada ao seu dinamismo, à sua capacidade de mobilização e à sua estratégia de evangelização”. (ANTONIAZZI, 2004, p. 29). Não restam dúvidas de que, como parte essencial dessas estratégias de mobilização e de evangelização, destacam-se os meios de comunicação de massa. Como observa Luiz Sá Martino, “a mídia não é apenas uma coadjuvante na vida das religiões, pois seu uso ostensivo tornou-se uma condição fundamental de existência e manutenção das atividades religiosas da sociedade atual”. (MARTINO, 2005, p.8-9).

Stewart Hoover é enfático ao afirmar que “para existirem hoje, as religiões devem existir na mídia” (HOOVER, 2011, p.1). Ainda sobre a mediação exercida pela mídia, o autor acrescenta que:

As mídias estão agora no centro da religião e da espiritualidade contemporâneas. Por muitas décadas, as mídias têm sido a moldura através da qual as pessoas entendem a religião. O que mudou nos últimos anos é que as pessoas agora também experimentam a religião e a espiritualidade através da mídia, assim como as instituições religiosas formais perderam influência e importância para muitas pessoas, pois não podem mais controlar as formas e os lugares em que as pessoas experimentam a religião, celebram a fé e exploram a espiritualidade. (HOOVER, 2011, p.2).

Como reafirma Brenda Carranza “além de fazerem uso dos meios de comunicação de massa, as religiões hoje participam efetivamente da cultura midiática” (CARRANZA, 2011). A autora lembra que, no caso do catolicismo, a comunicação é usada há milhares de anos, citando com exemplo a Bíblia, o livro mais vendido no mundo. Outro exemplo a que ela se reporta é o uso do rádio pelas confissões religiosas, uma prática que há muito tempo foi

incorporada. Para McLuhan, “o efeito do rádio sobre o homem letrado foi o de reavivar suas memórias tribais...” (McLUHAN, 1969, p.63). No cerne das culturas tribais, encontra-se o sagrado. Portanto, não poderia haver veículo melhor para fazer “ressonar” no homem moderno sua relação com o sagrado. O “tambor tribal”, anteriormente testado e aprovado como um forte instrumento de conversão ao nacionalismo nos países da América Latina (MARTÍN-BARBERO, 1997), passa a ser utilizado, a partir da década de 50, para fins de proselitismo religioso, como instrumento de conversão de féis.

De acordo com Leonildo Silveira Campos, não é possível entender a consolidação do pentecostalismo no território brasileiro sem que se reporte aos anos 50. Nessa década, segundo o autor, tiveram início os primeiros programas de rádio, que funcionavam como estratégia de apoio às concentrações em tendas de lona das confissões religiosas que tinham a cura divina⁵ como principal mote de suas doutrinas (CAMPOS, 1999, p. 270). Conforme Campos, o primeiro programa religioso de que se tem notícia no Brasil foi ao ar em 1955, protagonizado pelo pastor Manoel de Melo, pertencente ao movimento Cruzada Nacional de Evangelização. Inicialmente, o programa era veiculado pela Rádio América, sendo que, alguns meses depois, passou a ser transmitido pela Rádio Tupi. Não por um acaso, era veiculado antes de um programa profano da emissora de grande audiência. O programa intitulado a “Voz do Brasil para Cristo” propiciava, de acordo com Campos, uma interatividade grande com o ouvinte, inclusive praticando a cura divina através das ondas magnéticas. (CAMPOS, 1999, p.271).

Surgia, assim, uma forte relação entre o veículo e as lideranças carismáticas, relação essa que nunca foi abandonada, pois o rádio é utilizado até hoje pelas inúmeras

⁵A cura divina foi um dom muito enfatizado pelas igrejas neopentecostais na chamada “segunda onda” do pentecostalismo, mas depois foi deixado em lugar periférico, sendo substituído pela Teologia da Prosperidade. Recentemente, o pastor da Igreja Mundial do Poder de Deus, Valdemiro Santiago, adotou a cura divina como mote de sua doutrina, só que “remasterizando-a”, ou seja, dando-lhe uma roupagem nova e moderna. (BITUN, 2009, p.62)

denominações religiosas. De acordo com Carranza, atualmente existem setecentos e cinquenta e seis programas religiosos divulgados diariamente pelas estações de rádio que operam no Brasil (CARRANZA, 2011, p.151). Mas foi a partir da década de 70 que houve uma intensificação do uso do veículo, com o advento das programações radiofônicas da Igreja Pentecostal Deus é Amor, comandada pelo pastor David Miranda, e da Igreja Universal do Reino de Deus, criada em 1977, pelo bispo Edir Macedo. (CAMPOS, 1999, p.272).

Conforme relata Campos, o emprego profissional do uso do rádio só se deu entre os evangélicos a partir do momento que passaram a captar recursos para os programas (CAMPOS, 1999, 273). Edir Macedo – líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e detentor de um grande aparato midiático – à época egresso da Igreja Nova Vida, foi quem deu início à viabilização desses recursos e, conseqüentemente, desse processo de profissionalização.

O líder da Universal começou suas pregações pela Rádio Metropolitana e pela extinta Rádio Tupi no final dos anos 70. Em 1984, adquiriu a Rádio Copacabana, primeira aquisição de seu atual império midiático. O rádio ainda é, até hoje, um dos grandes divulgadores da doutrina da IURD. De acordo com Campos, “seria impossível compreender o desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil e das ‘religiões de milagres’, sem uma análise das relações entre o rádio e o imaginário social de uma população...”. (CAMPOS, 1999, p.279).

Para fazer frente às igrejas pentecostais, a Igreja Católica também passou a se comunicar através das ondas do rádio. Segundo Ralph Della Cava e Paula Montero, a primeira estação católica foi a Rádio Aparecida, inaugurada em 1951 e sediada em Aparecida do Norte (SP). Inicialmente, seu alcance era restrito às cidades vizinhas, mas gradativamente passou a ter repetidoras em todo território nacional. O autor observa que o discurso predominante da emissora reproduzia praticamente o pensamento da igreja tradicionalista,

seguindo a orientação da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (DELLA CAVA; MONTERO, 1986, p.44). Conforme Della Cava e Montero, a Rádio Aparecida enfatizava o culto aos santos e devoções locais e “nada mais era do que uma extensão do santuário” (DELLA CAVA; MONTERO, 1986, p.45). A emissora adotava uma linguagem formal, não conseguindo atingir o ouvinte, enquanto os programas de rádio das igrejas pentecostais adotavam uma linguagem mais popular e tinham como tônica suas curas milagrosas. (DELLA CAVA; MONTERO, 1986, p.46).

Embora a Igreja Católica, no decorrer do século XX, tenha incorporado outros meios de comunicação de massa para a divulgação de sua doutrina, o rádio, assim como para outras confissões pentecostais, continuou a ser um veículo de grande importância. Marcelo Rossi, um dos ícones do catolicismo brasileiro na atualidade, não dispensa o mesmo, “fazendo do rádio sua prioridade pastoral, no qual investe maciçamente” (CARRANZA, 2011, p. 151). Atualmente, o padre-cantor, que desde 1997 faz uso do rádio - tendo começado na Rádio América -, comanda o programa diário “Momentos da Fé”, veiculado na Rádio Globo, através do qual estabelece uma grande interação com os radiouvintes como parte de sua estratégia evangelizadora.

Para a autora, por mais que se tente justificar o uso do rádio (e de outros meios de comunicação) como instrumento de evangelização, não se pode negar que, procedendo assim, cede-se ao maquiavelismo midiático. “Não basta ‘batizar’ o conteúdo, veicular mensagens ‘santas’, pois o meio é, também, a mensagem”. (CARRANZA, 2011, p.155), numa clara alusão à McLuhan. E é justamente deste autor que vem parte da explicação para o rádio ser, até hoje, um importante mediador entre as religiões e os fiéis.

O teórico canadense classifica os meios de comunicação como frios e quentes, sendo os últimos “aqueles que prolongam um único de nossos sentidos em ‘alta definição’, ou seja, alta saturação de dados”. (McLUHAN, 1969, p.38). O rádio é considerado um meio

quente, com uma enorme capacidade de afetar as pessoas e de envolvê-las em profundidade. Por essa razão, como nos lembra McLuhan, foi um instrumento vital na difusão do nazismo na Alemanha e a ele deve ser atribuída a própria existência política de Hitler. Além de exercer uma forte magia sobre as pessoas, o rádio é dotado de uma sublimaridade típica, pois “possui o seu manto de invisibilidade, manifestando-se a nós ostensivamente numa fraqueza íntima e particular, embora seja, real e primeiramente, uma câmara de eco subliminar cujo poder mágico fere cordas remotas e esquecidas”. (McLUHAN, 1969, p.339).

Dado a essas características, nenhum veículo poderia ser melhor para despertar nas pessoas sentimentos adormecidos ou mesmo para incutir novos sentimentos. Ao falar sobre a importância do rádio nas campanhas de nacionalização dos países da América Latina, Martín-Barbero observa que, na maioria deles, o rádio “proporcionou aos moradores das regiões e províncias mais diversas uma vivência cotidiana da Nação” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 229). Atendo-se mais ao exemplo da Colômbia, “antes de 1940, mais um país de países do que uma Nação”, o autor observa que a radiodifusão permitiu a criação de uma identidade nacional invisível, uma identidade cultural compartilhada pelos vários povos que compunham aquele país. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 230).

Retém-se do exemplo acima que o rádio é um veículo formador de identidades culturais nas quais se incluem as identidades religiosas. Para Leonildo Campos, não é possível compreender o desenvolvimento histórico do pentecostalismo e das “religiões de milagres” no Brasil sem analisar as relações entre o rádio e o imaginário social de uma população que, ao longo dos anos, tem-se sujeitado a “inúmeras formas de desintegração de suas maneiras de vida” sendo, portanto, “obrigadas a empreender a não menos penosa tarefa de reconstrução simbólica dessa visão duramente golpeada pelos processos de mudanças sociais”. (CAMPOS, 1999, p. 278). O autor assinala que:

Talvez a enorme popularidade do rádio, como veículo de comunicação, se deva ao espaço que ele deixa para ouvintes tão carentes, como o homem urbano, acionar a imaginação e gerar em seu cérebro, da forma como deseja, suas próprias imagens mentais. Nesse processo de comunicação, o destinatário se torna um cúmplice à medida em que preenche, com as suas fantasias e desejos, os claros do discurso e da linguagem falada. Nesse sentido, a oralidade desempenha uma importância fundamental ao servir de fonte de formação, informação e de prestação de serviço, inclusive religioso. (CAMPOS, 1999, p.278).

Como complementa Carranza, “o rádio é um meio que preenche o vazio dos aparelhos tradicionais na construção do sentido e na resignificação da vida cotidiana” (CARRANZA, 2011, p.145). Captar a essência do rádio não é tarefa fácil. Mas Néstor Garcia Canclini também dá uma grande contribuição nesse sentido. Em sua obra *Globalização Imaginada*, ao tratar das conseqüências da globalização, refere-se a um grupo de bolivianos residentes em Buenos Aires que se reúne assiduamente para ouvir uma emissora de rádio boliviana como forma de manter os laços com seu país de origem. Para ilustrar esse costume, Canclini recorre a uma frase bastante emblemática, de autoria de um antropólogo que estuda esse grupo de imigrantes: “a comunicação já não se dá em volta do fogo da aldeia, mas sim diante da aldeia construída pela rádio”. (GRIMSON, 1999 *apud* CANCLINI, 2010, p. 51).

Depreende-se desse exemplo que o veículo que nos remete às reminiscências do passado mantém acesa a chama do acolhimento e do pertencimento, sentimentos tão perseguidos pelas pessoas em qualquer período da história da humanidade. O rádio diminui distâncias, apazigua saudades. Mas, como qualquer meio de comunicação, tem seu lado perverso. Como pontua Debray, “todo *medium* é a melhor e a pior das coisas...” (DEBRAY, 2003, p. 27).

Com sua oralidade, que remonta às batidas insistentes do “tambor tribal”, o rádio persuade, repassa ideologias. Não é sem razão que este veículo, a despeito das novas tecnologias, continua sendo largamente utilizado pelas confissões religiosas, assim como pelos partidos políticos, que reservam atenção especial (e verbas) para os programas radiofônicos. Essa oralidade típica do rádio não será de todo suprimida nos programas

televangélicos que, acrescidos de imagens, invadem as telas da tevê e constituem uma não menos importante forma de mediação entre o sagrado e os fiéis na contemporaneidade.

2.4 - O SAGRADO NA VIDEOSFERA

“Ver para crer.” A expressão refere-se a uma passagem bíblica em que o apóstolo Tomé não acreditou na Ressurreição de Jesus Cristo, até que o filho de Deus teria aparecido para ele e mandado tocar suas chagas. Assim como para Tomé, a palavra dos outros apóstolos não bastou, por mais paradoxal que possa parecer, a crença depende da imagem.

Como argumenta Debray, a consolidação do Cristianismo só se deu graças às imagens – ainda que construídas simbolicamente – criadas por essa doutrina religiosa que sempre exaltou “Anunciações, Ascensões, Coroações, fadas, licornes, anjos e dragões..” (DEBRAY, 1994, p.92). Como levar a acreditar no Inferno, no Paraíso sem mostrá-los?, indaga o autor, para quem “não é fácil governar as lamas sem imagens, esses sinais exteriores de investidura, essas insígnias públicas do poder”. (DEBRAY, 1994, p.92).

A imagem, segundo Debray, “vivifica a palavra”. Além disso, ela propicia a emoção. E a emoção, “mais do que a ideia, ela põe a multidão em movimento”. (DEBRAY, 1994, p. 93). Como complementa Ludwig Feuerbach, “o homem enquanto um ser emotivo e sensorial só é dominado e satisfeito pela imagem”. (FEUERBACH, 1988, p.118). Um exemplo emblemático disso foi mostrado no filme *Habemus Papam* (Nani Moretti, 2011). Na ficção, o papa recém-eleito recusa-se a tomar posse por não se considerar apto para assumir o cargo. Acometido por um pânico, o cardeal deixa o Vaticano em busca da ajuda de uma psiquiatra. Mas, para manter os milhares de fiéis mobilizados na Praça São Pedro à espera do

anúncio do nome do novo papa, simula-se a presença do Sumo Pontífice em seus aposentos colocando outra pessoa em seu lugar para que os fiéis pudessem ver, por detrás das cortinas, ao menos sinais de Vossa Santidade.

Se a imagem é tão essencial para fazer crer, a videosfera - uma das esferas midiáticas propostas por Debray, que pode ser traduzida em era do visual ou era dos meios eletrônicos, na qual estamos vivendo – será, portanto, uma era bastante fértil para as religiões. Ao contrário do que se apregoava – que, com o desenvolvimento das ciências e da tecnologia, as religiões perderiam força – na realidade, o que houve foi uma adequação aos novos tempos, melhor dizendo, ao “espírito do tempo”. (MORIN, 1969).

Mas, para se manterem vivas – e se multiplicarem – as religiões passaram a contar como novas e mais sofisticadas formas de mediação, nas quais se destacam os programas televangélicos. Marcar presença na televisão é, na atualidade, um imperativo para as confissões religiosas pois:

Se Deus quiser existir, tem que aparecer na televisão, e se quiser se fazer ouvir, não é mais suficiente a palavra, ela tem que converter-se em imagem [...] se a igreja não conseguir se fazer presente nas telas deixará de participar do mundo criado pela TV, um mundo quase à parte, que forma hoje o imaginário da maior parte da população. (RONCARI, 1984, *apud* CAMPOS, 1997, p.281).

Isso porque, como salientam Raquel Paiva e Muniz Sodré:

A televisão é um *médium-síntese*, capaz de abranger todas as formas discursivas em circulação no *bios* virtual. Do cinema, dos discos, da rádio, das revistas e das seções de entretenimento dos jornais partem as formas, sintetizáveis pela TV, que se infiltram no *ethos* (hábitos, costumes, percepções, afetos) cotidiano, criando cenários de mudança para os estilos tradicionais de vida, em sintonia com as orientações do mercado e da consciência tecnológica. A cultura pública contemporânea mira-se no espelho televisivo, cujos reflexos difratam-se socialmente, produzindo novas subjetividades, novos tipos de comportamento, de modo análogo ao que fez no passado a tipografia, isto é, reorientando a educação, a política, o direito e o comércio. (PAIVA; SODRÉ, 2004, p.132-133).

Acerca disso, Campos complementa que “a hegemonia da televisão como meio de comunicação de massa trouxe profundas implicações para a convivência das pessoas e também para a comunicação religiosa” (CAMPOS, 1997, p.280). Segundo o autor, a penetração das igrejas eletrônicas no Brasil coincidiu com a expansão do capitalismo, que possibilitou o rápido crescimento da televisão nos moldes norte-americanos.

Foi justamente nos Estados Unidos, na década de 50, que surgiram os primeiros programas religiosos com o pregador de massas Billy Graham, considerado o precursor da chamada “igreja eletrônica”. Nas décadas que se seguiram, surgiram novos televangelistas naquele país, como Oral Roberts, Rex Hambar, Pat Robterson – produtor do programa Clube 700 nos anos 60 – e Jimmy Swaggart, que consolidou o televangelismo naquele país principalmente a partir dos anos 70 (HARTMANN, 2000, p. 4). Muniz Sodré tem uma explicação para esse fenômeno:

Nos Estados Unidos, desde o final dos anos 70, como intróito à era neoconservadora, que resultaria no economicismo de Ronald Reagan (a chamada reaganomic) floresceu uma espécie de “capitalismo cristão”, coadjuvado pelo televangelismo eletrônico. Debruçada sobre a derrocada de valores tradicionais e centrada no messianismo do espetáculo místico, a “igreja eletrônica” ou “igreja comercial”, passou a constituir verdadeiros impérios televisivos. Nesse contexto, tudo se vende e se compra – da fé à redenção. (SODRE, 2005, p.2)

“O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil”. A célebre frase, atribuída ao chanceler Juracy Magalhães e dita durante o governo de Gaspar Dutra, também se aplica às transformações ocorridas no cenário religioso brasileiro. As primeiras tentativas de se usar a televisão aqui por parte das igrejas evangélicas ocorreu nos anos 60, com o programa *Mensagem Real*, produzido pela Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo e transmitido pela TV Gazeta de São Paulo. Ainda nessa década, o pregador Josias Joaquim de Souza, da Cruzada Evangélica “A Volta de Jesus” também tentou. O missionário pregava a

cura divina e chegou a transmitir cenas de exorcismo que causaram forte reação, fazendo com que o programa saísse do ar.

Também na década de 60, foi exibido o programa *Reencontro*, do pastor Batista Nilson Amaral Fanini, que lotou o Maracanã, inclusive com a presença do Presidente da República João Figueiredo. Três anos mais tarde, o líder espiritual conseguiu a concessão do canal 13 do Rio de Janeiro, depois vendido à IURD de Edir Macedo. Ainda nessa década de 60, o pastor Caio Fábio, da Igreja Presbiteriana, levou ao ar o programa *Pare e Pense*, exibido todo sábado (90 minutos de duração), pela Rede Manchete. Em 1978, o reverendo Caio, fundou o Canal *Vinde TV*, primeiro canal evangélico por assinatura. Apesar dessas experiências, Campos salienta que:

A presença protestante no ar, ao longo dos primeiros 35 anos da história da televisão brasileira foi apenas esporádica e sem nenhuma criatividade [...]. Porém essa situação mudou durante o regime militar (1964-1985), com a modernização das telecomunicações, a ampliação do número de estações e a unificação eletrônica do País, a despeito do aumento do controle estatal sobre os meios de comunicação de massa, melhoraram as condições para a formação de redes [...]. (CAMPOS, 1997, p.284).

Quem melhor soube se aproveitar dessa situação foi a IURD, que não somente investiu na produção de programas evangélicos como também na aquisição de uma emissora, a TV Record, comprada pelo bispo Edir Macedo em 1989 (VEJA, 2007). Ao adquirir sua própria rede, o líder da universal introduziu no Brasil “uma estratégia pentecostal surgida nos Estados Unidos pela qual os líderes religiosos buscam conquistar um lugar mais privilegiado no principal centro gerador de símbolos da cultura ocidental – a televisão”. (CAMPOS, 1999, p. 287).

Inicialmente, a programação da Rede Record era constituída por vários programas evangélicos, realidade que aos poucos foi mudando, pois ela se tornou uma emissora mais comercial, ocupando hoje o segundo lugar em audiência pelo Ibope entre os canais abertos

nacionais. Mas até hoje ela mantém uma programação religiosa, no qual se inclui o *Fala Que Eu Te Escuto*, um dos carros-chefes da comunicação da Universal.

Numa contraofensiva ao crescimento pentecostal, alavancado em grande parte pela IURD, a Igreja Católica, que por muito tempo demonizara a televisão, acusando-a, dentre outras coisas, de desagregadora da família, também passou a utilizar o veículo. A primeira emissora ligada ao catolicismo de que se tem notícia é a TV Canção Nova (TVCN), que recebe o mesmo nome de uma das comunidades mais fortes do Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC).

Fundada em 1989 com o objetivo de evangelizar, inicialmente era uma retransmissora da TVE, recebendo a concessão para operar no Vale do Paraíba. Posteriormente, passou a atuar como produtora, mas somente em 1997 começou a operar como canal aberto, via satélite. A TVCN é hoje uma grande aliada na divulgação da doutrina católica. (CARRANZA, 2000) e tem como uma de suas principais atrações o padre-cantor Marcelo Rossi, com o seu programa *Terço Bizantino*.

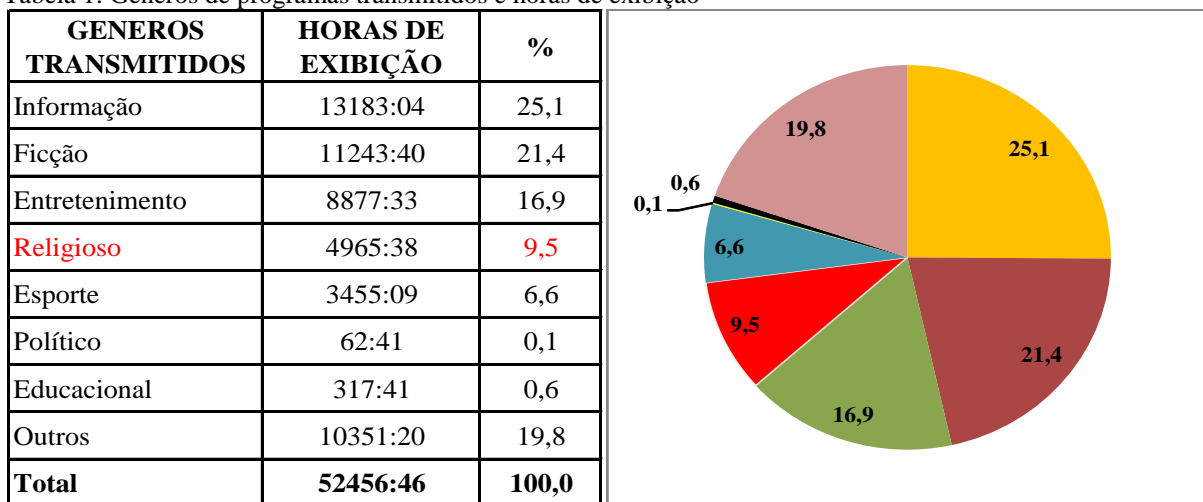
Em 1995, entra no ar, em caráter experimental e operando através do sistema de antenas parabólicas, outra emissora católica, a Rede Vida de Televisão – o “Canal da Família Cristã”, também ligada ao MRCC, que muito se empenhou para colocar a emissora no ar, pois se deparou com muitos entraves burocráticos para poder operar. De acordo com Carranza, a emissora “veio de encontro ao empenho do MRCC, à procura da hegemonia da Igreja Católica na mídia e das aspirações da CNBB de ter um projeto coordenado nos meios de comunicação de massa” (CARRANZA, 2000, p.266). A Rede Vida tem, entre seus astros, o padre-cantor Fábio de Melo que comanda o programa *Direção Espiritual*.

Quatro anos mais tarde, surge a TV Século XXI, fundada pela Associação do Senhor Jesus, outra emissora católica especializada em programas e minisséries de cunho religioso, cujos produtos são exportados para países de todos os continentes. De acordo com

Carranza, as três redes católicas de televisão possuem mais de 170 estações ligadas a elas. (CARRANZA, 2011, p. 183).

Os programas evangélicos, sejam pentecostais ou católicos, invadem hoje as telas da tevê, estando no ar por horas e horas. De acordo com dados do OBITEL – Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva -, durante o ano de 2011 foram registradas 4965:38 horas referentes aos programas religiosos, 1510:29 horas a mais do que os programas de esporte, mesmo estando no “país do futebol”. Outro dado emblemático é que os programas educativos registram apenas 317:41 horas, numa nação em que as taxas de analfabetismo, segundo o Censo de 2010 do IBGE, variam de 7,3 a 17,5%, dependendo da faixa etária e da renda per capita mensal.

Tabela 1: Gêneros de programas transmitidos e horas de exibição



Fonte: IBOPE/Obitel Brasil - 2011

A título de ilustração, a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), liderada pelo apóstolo Valdemiro Santiago, ocupa nada menos do que vinte e duas horas da programação do Canal 21, uma emissora subsidiária da Rede Bandeirantes. Além de tomarem um grande tempo, movimentam quantias vultosas, como é o caso da IMPD, que gasta seis milhões de reais mensalmente com aluguel de espaço televisivo. (ISTO É, 2011 A). Em artigo intitulado “Os Espertalhões da Fé”, o jornalista Luiz Cláudio Cunha revelou que a Igreja Internacional

da Graça de Deus pagava à Rede Bandeirantes cinco milhões de reais pela veiculação do programa *Show da Fé*, comandado pelo pastor R .R. Soares e que vai ao ar no horário nobre (20h30). Com o aumento do tempo de duração do programa para uma hora, certamente esse valor aumentou. (CUNHA, 2012, p.1)

Outro exemplo emblemático nos é dado pela Igreja Católica. A TV Canção Nova ganhou, no ano de 2003, o certificado da Guinness Word Records (Guinness Brasil) por ter uma programação de vinte e quatro horas totalmente religiosa e sem comerciais. (CARRANZA, 2011, p. 184). Com base nesses dados, é possível afirmar que nas últimas três décadas “a televisão converteu-se num veículo decisivo de proselitismo para as igrejas e de visibilidade da religião no campo midiático”. (CARRANZA, 2011, p. 189).

A Igreja Católica, no entanto, até hoje, diferentemente das igrejas pentecostais, não se sente totalmente à vontade ao fazer o uso dos *mass media*. Tanto é assim que o padre-cantor Marcelo Rossi, um de seus principais propagadores, deu a seguinte justificativa em entrevista à Revista Caras: “Se Jesus vivesse hoje, estaria nos meios de comunicação. O Senhor usava parábolas, que eram o dia a dia das pessoas. Hoje é pelos meios de comunicação que se vai até o coração das pessoas.” (CARAS, 1998. *In*: CARRANZA, 2011, p. 38).

Embora tanto as igrejas pentecostais quanto a católica façam uso de todos os meios de comunicação de massa, os investimentos maciços em televisão nos sugerem que é através deste meio que elas tentam atingir o coração dos fiéis. Mas de que forma conseguem tocar esse órgão vital das pessoas? Os programas televangélicos, um dos principais carros-chefes das religiões na contemporaneidade, trabalham mecanismos psicológicos de projeção e identificação⁶ (MORIN, 1969), através dos quais:

⁶Conforme Edgar Morin, a projeção pressupõe certa liberação psíquica, isto é, a expulsão daquilo que fermenta no interior obscuro de si. Já a identificação faz com que o espectador, ao mesmo tempo em que libera dele virtualidades psíquicas, fixando-as sobre heróis em questão, identifica-se com personagens que, no entanto, lhe são estranhas, e se sente vivendo experiências que, contudo, não pratica. (MORIN, 1969, p.86)

Diferentes fatores favorecem a identificação. O ótimo do equilíbrio se estabelece num certo equilíbrio de realismo e de idealização. É preciso haver condições de verossimilhança e de veracidade que assegurem a comunicação com a realidade vivida, que os personagens participem por um lado da humanidade quotidiana, mas também é preciso que o imaginário se eleve alguns degraus acima da vida quotidiana, que as personagens vivam com mais intensidade, mais amor, mais riqueza afetiva do que o comum dos mortais. É preciso também que as situações imaginárias correspondam a interesses profundos, que os problemas tratados digam respeito intimamente às necessidades e aspirações dos espectadores; é preciso, enfim, que os heróis sejam dotados de qualidades eminentemente simpáticas. (MORIN, 1969, p. 87).

Via de regra, os programas evangélicos, apesar de apresentarem “um cardápio diversificado para todos os gostos e paladares” (HARTMANN, 2000, p. 8), possuem alguns ingredientes comuns, como a abordagem de temas que dizem respeito ao cotidiano dos telespectadores com ênfase nos dramas vividos por eles, como doenças, vícios. Da mesma forma, se utilizam de pastores/padres carismáticos e com grande eloquência verbal. E os entrevistados, ex-sofredores, ao se converterem, tornaram-se pessoas bem resolvidas, felizes e prósperas, pois “os depoimentos selecionados [...] destacam a passagem do ‘mal absoluto’ para o ‘bem’ da instituição”. (MARTINO, 2005, p. 142). Os personagens utilizados nesses programas são muito comumente aqueles que Morin alega ser um *alter ego* idealizado. “Mais do que isso, esses heróis podem tornar-se exemplos, modelos. A identificação ‘bovarista’ suscita um desejo de imitação de comportamentos ou de condutas essenciais, como a busca do amor e da felicidade”. (MORIN, 1969, p. 88).

Conforme Morin, um dos expedientes utilizados pela cultura de massa para atrair seus telespectadores é o aconselhamento, fórmula bastante presente no televangelismo, que imprime “um novo estilo de familiaridade, de amizade e de cumplicidade [...] uma imagem de vida desejável” (MORIN, 1969, p. 109). Com uma forte dose de dramaticidade, os programas evangélicos se encaixam num modelo do que Melth chama de “televisão compassiva”, “televisão da intimidade” (MELTH *apud* FRANÇA, 2009, p.39). Segundo Vera França, eles são do tipo que “escorrem significados” e feitos para:

Fazer sentir – fazer rir, fazer chorar, provocar medo ou comoção. Falam para alguém que como “Zeca Baleiro” está à “flor da pele”. Usam a estética da televisão que é a estética do roçar; feitos para causar arrepios [...]. (FRANÇA, 2009, p.36).

Outra característica dos programas televangélicos é que, ao mostrarem templos lotados de fiéis, tentam mostrar que o mundo aqui fora é hostil enquanto naquela igreja ele se torna hospitaleiro. Um mundo assim descrito por Zygmunt Bauman: “Fora: tempestades, furacões, ventos congelantes, emboscadas na estrada e perigos por toda parte. Dentro: aconchego, cordialidade, *chez soi*, segurança e proteção” (BAUMAN, 2005, p.65).

Para além de provocar emoções e causar sentimentos fortes, os programas televangélicos parecem ter uma finalidade nada fácil de ser alcançada: a de converter/fidelizar as ovelhas de um enorme e diverso rebanho. Peter Berger e Thomas Luckman atentam para o fato de que essa é uma tarefa árdua, pois o processo de socialização religioso requer técnicas rebuscadas, porque “implicam na institucionalização de um complicado processo de iniciação, um noviçado, no curso do qual o indivíduo entrega-se inteiramente à realidade que está interiorizando”. (BERGER; LUCKMAN, 1996, p.193). Os autores acrescentam que o “protótipo histórico da alteração é a conversão religiosa”. (BERGER; LUCKMAN, 1996, p.209). No entanto, segundo eles, mais difícil do que converter é manter a conversão – o que o *marketing* chama de fidelizar. Para que a conversão seja bem sucedida, é preciso que a pessoa convertida mantenha os laços com a *ecclesia*. Dito de outra forma, é necessário que ela se torne membro efetivo da comunidade religiosa. De preferência, hoje, um membro contribuinte.

Esse trabalho de conversão se torna a cada dia mais difícil devido ao pluralismo religioso. Nas palavras dos autores, essa tarefa virou uma “briga de foice”, pois “a educação religiosa numa situação pluralista cria a necessidade de técnicas ‘artificiais’ de acentuação da realidade, desnecessárias numa situação dominada por um monopólio religioso” (BERGER;

LUCKMAN, 1996, p.194), como o que existia no Brasil no século passado com relação à Igreja Católica. O que se assiste hoje, principalmente através dos canais de televisão, é uma verdadeira batalha entre as diversas denominações religiosas. Como salienta Martino, “ter espaço na televisão deixou de ser um supérfluo para a divulgação, tornando-se uma necessidade para a sobrevivência” (MARTINO, 2005, p.9). Sobreviverão, por certo, os grupos religiosos que melhor souberem usar seus arsenais simbólicos.

Para Pierre Bourdieu, todo campo pressupõe antagonismos e lutas. (BOURDIEU, 1983). No campo religioso, não é diferente. Principalmente a partir do episódio denominado “chute na santa”⁷, em que um bispo da Igreja Universal desferiu pontapés em uma imagem de Nossa Senhora Aparecida (12 de outubro de 1995, feriado nacional em homenagem à padroeira do Brasil) durante um programa religioso da TV Record, deflagrou-se uma “guerra santa” no país. Alguns autores (CARRANZA, 2011; MARTINO, 2005; GUMBELLI, 2003) sustentam que esse acontecimento foi um marco na história religiosa do país. A partir de então, acirrou-se a disputa simbólica. De um lado do campo de batalha, a Igreja Católica que, a cada recenseamento, perde parte expressiva de seu rebanho para as igrejas evangélicas, como demonstra o quadro a seguir.

Tabela 2: Comparação entre as populações religiosas a cada censo no Brasil

GRUPOS RELIGIOSOS	1970	1980	1990	2000	2010
CATÓLICOS	91,8%	89,0%	83,0%	73,0%	64,6%
EVANGÉLICOS	5,2%	6,6%	9,0%	15,0%	22,2%

Fonte: Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais no Brasil e Censo 2010-IBGE.

⁷Esse episódio suscitou uma enorme repercussão na mídia, sendo que a maioria dos veículos se posicionou a favor da Igreja Católica, religião ainda hegemônica no país. Segundo Emerson Guimbelli, a mídia não apenas cobriu um fato, mas participou essencialmente de sua produção. Tal foi a participação da mídia que vários comentaristas preferiram falar, em vez de “guerra santa” a opor evangélicos e católicos, em “guerra de audiências” entre a Rede Globo e a Rede Record. (GUIMBELLI, 2003, p.170)

Ainda assim, a Igreja Católica não se abate e, muito menos, foge à luta. Prova disso são as constantes investidas em busca de uma reinstitucionalização que envolve seus soldados rasos - representados por um verdadeiro exército constituído pelo Movimento de Renovação Carismática Católica -, e a *intelligentzia*, concentrada no Vaticano. Juntos promovem ações coordenadas, como as que começaram a ser implementadas no Pontificado de João Paulo II, cuja ênfase foi dada ao carisma e à exposição constante nos meios de comunicação. Não foi sem razão que Karol Wojtyła e sua popularidade motivaram a música da banda de rock Engenheiros do Hawaii (1990), cujo refrão diz: “O papa é pop, o papa é pop, o pop não poupa ninguém...”. De acordo com Carranza, a nova postura de João Paulo II teve, dentre outros reflexos, a emergência dos padres-cantores, como Marcelo Rossi, Fábio de Melo e outros. Seu pontificado contribuiu decisivamente para a consolidação do uso dos *mass media* pelo catolicismo. (CARRANZA, 2011).

Do outro lado do *front*, encontram-se as igrejas neopentecostais, que, face ao intenso trânsito religioso, digladiam-se entre si. Um caso emblemático é o da Igreja Universal do Reino de Deus e da Igreja Mundial do Poder de Deus - uma dissidência da primeira que muito tem incomodado Edir Macedo- que vivem trocando acusações através da mídia. Isso porque, de acordo com a *Revista Isto É*, na matéria intitulada “O novo retrato da fé no Brasil”, a igreja do apóstolo Valdemiro Santiago é a que mais tira fiéis da Universal, constituindo uma ameaça à posição ocupada pela IURD de segunda maior igreja pentecostal do país, com cerca de 8 milhões de fiéis (ISTO É, 2011 B).

Principalmente através da Rede Record, constantes denúncias vêm sendo feitas contra o principal líder espiritual da IMPD, que por sua vez, usa parte de seu tempo na Rede 21 para se defender dos ataques do adversário. O ápice dessa batalha entre as duas igrejas se deu no dia 18 de março de 2012, quando o destaque do programa *Domingo Espetacular*,

exibido na emissora de Edir Macedo, foi a denúncia de que Valdemiro Santiago estaria desviando dinheiro doado pelos fiéis da igreja para enriquecimento pessoal.

A reportagem, apresentada pelo repórter Marcelo Rezende, citava, dentre outras acusações, a compra de duas fazendas no pantanal matogrossense, cujo valor total, segundo a matéria, beira cinquenta milhões de reais. O assunto voltou a ser notícia no dia seguinte no programa *Fala Que Eu Te Escuto*, também produzido pela Record, e em outras mídias utilizadas pela IURD. Nos dias que se seguiram, o pastor da IMPD, por sua vez, se defendeu, através de seu programa na Rede 21 e das redes sociais. Nessa batalha entre as igrejas, certamente vencerá quem detiver um maior capital simbólico - não que o capital financeiro não conte, pois não restam dúvidas de que é melhor ter uma rede de televisão do que simplesmente um programa em um espaço alugado.

Os programas televangélicos são armas poderosas nessa batalha simbólica travada no cenário televisivo. Muito embora pareçam metralhadoras a disparar tiros para todos os lados, podem também funcionar com a precisão de um fuzil no que se refere à identidade. Como enfatiza Carranza, veicular programas da própria religião tornou-se uma importante estratégia de reforço identitário para as confissões religiosas na contemporaneidade:

No caso das igrejas pentecostais, quanto mais tempo no ar, mais reforça-se o imaginário de estar saindo de sua condição de minoridade, outrora silenciosa, num universo marcadamente católico. Já para a Igreja Católica, representa a possibilidade de reativar seu estoque simbólico, para cotidianizar o catolicismo e reforçar o imaginário de ainda “sermos o maior país católico do mundo”. (CARRANZA, 2011, p.199)

A autora acredita que “mais que ganhar adeptos/fiéis ou promover adesão ou conversão, o que a mídia parece alavancar são processos de existência social” (CARRANZA, 2011, p.199). Para Carranza, a mídia cumpre também uma finalidade de “incentivar os mecanismos de pertença institucional dos que já participam, consolidando os tecidos sociais que sustentam as instituições”. (CARRANZA, 2011, p.199).

Na tentativa de converter e de fidelizar fiéis, bem como de criar laços de pertencimento, as instituições religiosas trabalham com dois tipos de bens: o simbólico, que se refere à satisfação mental-espiritual, e o material, do qual depende a sobrevivência das mesmas (MARTINO, 2005, p.11). Para ofertar esses bens a seus fiéis/consumidores, os programas televangélicos se utilizam de uma panóplia de recursos discursivos, sonoros, gestuais e imagéticos.

CAPÍTULO TRÊS

PROGRAMA *FALA QUE EU TE ESCUTO*

3- PROGRAMA *FALA QUE EU TE ESCUTO*

No capítulo que se segue, analisaremos o programa *Fala Que Eu Te Escuto*, um de nossos objetos de análise, produzido pela Igreja Universal do Reino de Deus. O motivo da escolha deste programa para representar o universo das igrejas evangélicas se deve ao fato de ele estar há mais de duas décadas no ar. Portanto, podemos afirmar tratar-se de um programa que possui uma tradição, sobretudo considerando a efemeridade da maioria dos programas televisivos, inclusive os de caráter religioso. Além disso, tem uma formatação que possibilita uma amostra mais objetiva, já que é exibido em horário fixo e em tempo determinado, seguindo um *script*, diferentemente de boa parte dos programas televangélicos cuja tônica são pastores falando ininterruptamente, o que dificulta o estabelecimento de parâmetros de acompanhamento e gravação.

Escolhemos, para compor nosso *corpus*, cinco programas relacionados mais abaixo que acreditamos constituir uma amostragem representativa, uma vez que se trata de um programa cuja estrutura produtiva é bastante homogênea, sofrendo mudanças de um dia para o outro apenas no que se refere aos temas abordados que, mesmo assim, são recorrentes, conforme pesquisa feita no site oficial da IURD. Como também explicitaremos mais adiante, há uma predominância de temáticas relacionadas à violência, às drogas e à prostituição.

Primeiramente, buscaremos mostrar o contexto no qual está inserido o programa, discorrendo sobre as bases da doutrina da IURD e sobre o aparato comunicacional que lhe pertence, o que lhe confere uma situação privilegiada diante das demais igrejas de mesmo corte. Em segundo lugar, faremos uma diagnose do programa, descrevendo de forma pormenorizada os recursos audiovisuais e outros aspectos empregados pela produção. Por

último, buscaremos analisar a mensagem do programa, utilizando como instrumento metodológico a Análise de Conteúdo (AC).

3.1- A DOCTRINA DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

O que era ideologia passou a ser crença, o que era política tornou-se religião e o que era religião passou a ser estratégia de poder.

(Mia Couto)

A IURD é de corte neopentecostal, mas, mesmo pertencendo a esse movimento denominado terceira onda (JACOB, 2003), possui diferenças doutrinárias em relação a outras igrejas de mesmo viés. Grosso modo, a doutrina iurdiana se assenta em um tripé: exorcismo, cura e prosperidade. Diferentemente do pentecostalismo clássico, no qual há uma tendência maior a enfatizar a alma e os valores espirituais, na igreja de Edir Macedo há uma “exacerbação do corpo”, passível de receber “espíritos *bons*, como, por exemplo, o Espírito Santo, ou *maus*, tais como os demônios”. (CAMPOS, 1999, p. 331-332).

Com base nesta ótica, o corpo tanto pode ser o *habitat* do Espírito Santo como do diabo. Para que o primeiro vigore, é necessário, pois, livrar-se do segundo através do exorcismo, considerado “uma porta de entrada para uma vida saudável”. (CAMPOS, 1999, p.337). Portanto, o exorcismo, uma espécie de desintoxicação, é parte significativa do ritual litúrgico iurdiano. Essa prática é vista como uma forma de libertação, na medida em que liberta o fiel dos maus espíritos, que a Universal faz questão de associar ao espiritismo e às religiões afro-brasileiras.

O curioso é que, segundo Refkalefsky, apesar de combater frontalmente essas manifestações religiosas, a IURD incorpora em seus ritos alguns elementos das mesmas, como as cirurgias espirituais e sessões de descarrego, além do próprio exorcismo. Não

obstante, também toma emprestado da Igreja Católica alguns símbolos como as oferendas, a unção e a utilização de termos como bispo e cardeal típicos do catolicismo e que não são adotados por nenhuma outra igreja pentecostal. (REFKALEFSKY, 2006, p.4).

Embora não seja o ponto mais forte da IURD, a cura divina também faz parte de sua doutrina, ainda que em proporção menor do que das igrejas da segunda onda do movimento pentecostal (exemplos: Igreja do Evangelho Quadrangular e Igreja Pentecostal Deus é Amor), que exaltam esse dom fazendo dele seu mote principal. Mesmo assim, a igreja do bispo Edir Macedo pratica a cura divina em seus templos, que funcionam como uma espécie de pronto-socorro espiritual “voltado para o alívio da opressão do mal, objetivado nas pessoas na forma de doenças e infortúnios”. No entanto, até para não ser acusada de curandeirismo, a IURD reconhece a necessidade da medicina em casos que fogem à sua alçada. Todavia, segundo Campos, para a IURD Deus é o “médico supremo” que se expressa no poder do Espírito Santo. (CAMPOS, 1999, p.352).

Assim como outras igrejas neopentecostais como a Internacional da Graça de Deus e a Renascer em Cristo, a IURD prega a necessidade do sucesso financeiro de seus fiéis, baseando-se na Teologia da Prosperidade. Introduzida no Brasil no final dos anos 1970, pelo bispo Rober Macalister, da Igreja Nova Vida, essa teologia exerceu forte influência sobre Edir Macedo, um de seus seguidores naquela época e que hoje faz dela o ponto central de sua doutrina. (BONFATTI, 2000).

Contraopondo-se ao catolicismo, que prega o paraíso pós-morte, para os pregadores da Teologia da Prosperidade a recompensa deve ser aqui e agora. Para eles, “a regra de atrasar a satisfação não parece mais um conselho sensato [...] as pontes que ligam a vida mortal à eternidade, laboriosamente construídas durante milênios, caíram em desuso”. (BAUMAN, 2005, p. 82-83). Patricia Birmam acrescenta que:

A IURD tem elaborado uma representação religiosa de seus fiéis enquanto integrantes de uma nação que nasce em oposição ao *ethos* católico. Constrói uma imagem de religião associada à riqueza, à opulência, ao cosmopolitismo e à globalização. Busca negar a equação católica que vincula o pertencimento religioso à pobreza e à tradicionalidade [...] (BIRMAN, 2003, p. 242).

A Teologia da Prosperidade “é um conjunto de crenças e afirmações que torna legítimo o fato de o crente buscar resultados, ter fortuna favorável, enriquecer, obter o favorecimento divino para sua vida material ou simplesmente progredir”. (CAMPOS, 1999, p. 363). Segundo seu criador, o americano Kenneth Hagin, o fiel não deve se conformar com a pobreza e a miséria, posto que:

Nós, como cristãos, não precisamos sofrer reveses financeiros, não precisamos ser cativos da pobreza ou da enfermidade! Deus proverá a cura e a prosperidade para seus filhos se eles obedecerem a seus mandamentos. Deus quer que seus filhos tenham o melhor de tudo (...). Ele (Deus) nos deu, individualmente um cheque assinado, dizendo: “Preencha-o”. Deu-nos um cheque assinável, cobrável aos recursos do céu. (HAGIN *apud* BITUN, 2009, p.68).

Esse cheque “dado” por Deus também pode ser para pagar o dízimo cobrado pela igreja, já que a Teologia da Prosperidade tenta desmitificar o caráter pecaminoso do dinheiro, estimulando as doações. Tanto é assim que no item número 11 da seção “Em que cremos”, do portal da IURD, a qual contém os pontos principais da doutrina da igreja, consta que:

Os dízimos e as ofertas são tão sagrados e tão santos quanto a Palavra de Deus. Os dízimos significam fidelidade, e as ofertas, o amor do servo para com o Senhor. Não se pode dissociar os dízimos e as ofertas, o amor do servo para com o Senhor Jesus, uma vez que eles significam, na verdade, o sangue daqueles que foram salvos em favor daqueles que precisam ser salvos.

Há um ditado popular que diz: “de grão em grão, a galinha enche o papo”. No caso da IURD, poderia ser dito que de dízimo em dízimo, ela vai construindo um patrimônio considerável que inclui, dentre outros negócios, empresas no ramo de comunicação, responsáveis por assegurar à IURD não só uma boa aplicação desses dízimos como também a

visibilidade necessária a um empreendimento religioso, muito provavelmente, o maior do Brasil.

3.2- O APARATO COMUNICACIONAL DA IURD

Até a década de 1970, portanto há pouco mais que quarenta anos, o cenário religioso brasileiro era pouco diversificado. A Igreja Católica reinava quase absoluta, possuindo o peso de uma “identidade mestra” (HALL, 2001.p.21). Naquela época, havia pouca mobilidade religiosa.

De acordo com Jacob, até os anos de 1970, os católicos representavam 91,8% da população, enquanto que os evangélicos (o censo ainda não detectava evangélicos pentecostais) somavam apenas 5,2%. Na década seguinte, o quadro pouco mudou, pois houve um decréscimo de apenas 2,8% em relação ao número de católicos e um aumento de 1,4% do total de evangélicos. A única diferença ocorrida nesse intervalo é que os evangélicos pentecostais já puderam ser contabilizados. Já de 1980 até 1991, ano em que excepcionalmente foi realizado o outro censo, houve uma diminuição do número de católicos da ordem de 6%, ao passo que os evangélicos passaram a totalizar 9%. Na década posterior, o número de católicos encolheu em 10% e os evangélicos atingiram a marca dos 15% da população. (JACOB, 2003, p.34). Entre 2003 e 2009, houve uma queda de 6% do número de católicos e um aumento praticamente da mesma ordem do número de evangélicos que passaram a representar 22% da população.

Os números descritos acima ilustram o que Anthony Giddens considera como uma das discontinuidades existentes na contemporaneidade, que ele atribui ao “*ritmo de*

mudança nítido que a era da modernidade põe em movimento” (GIDDENS, 1991, p.15). Segundo o autor, “a rapidez da mudança em condições de modernidade é extrema e se isto é talvez mais óbvio no que toca à tecnologia, permeia também todas as outras esferas”. (GIDDENS, 1991, p.15).

No Brasil, a esfera religiosa tem refletido bem essas mudanças galopantes, especialmente no que diz respeito ao aumento do número de evangélicos, que hoje já são 38 milhões, de acordo com dados do Centro de Pesquisas Sociais da Fundação Getúlio Vargas. (ISTO É, 2012 C). A Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977 por Edir Macedo e considerada a maior confissão religiosa entre as neopentecostais, tem adotado como um de seus principais trunfos o uso dos meios de comunicação. Mas a diferença fundamental entre ela e outras denominações do mesmo ramo é que, para além de simplesmente utilizá-los, a IURD também é proprietária de uma verdadeira *holding* que abrange mídias impressas, televisivas, radiofônicas e digitais.

Com todo esse poder em suas mãos, a IURD possui hoje oito milhões de fiéis (ISTO É, 2011 A, p.53), o equivalente a vinte e um por cento do número total de evangélicos existentes no país. Desde o início, a igreja de Edir Macedo teve uma postura mais arrojada, buscando ganhar maior visibilidade na mídia, como atesta Patricia Birman:

Quando pela primeira vez o maior estádio de futebol do mundo, situado no Rio de Janeiro, o Maracanã, orgulho de seus habitantes, foi ocupado por uma manifestação religiosa “não católica”, nos idos da década de 80, estava dado o sinal de que algo importante acontecia na prática religiosa habitual da cidade [...] A vocação para o espetáculo, presente nas concepções religiosas, sociais e políticas do Pentecostalismo no Brasil, afirmou-se, de início, pela preferência nunca desmentida em fazer de antigos cinemas, teatros e casas de shows espaços religiosos e ganhou mais alcance quando a conexão entre o palco, o púlpito e o espaço público se transformou definitivamente no seu modelo de atuação. (BIRMAN, 2003, p.235).

A IURD inaugurou uma nova maneira de evangelizar. Além dos megaeventos que ainda fazem parte de sua estratégia de evangelização, construiu, ao longo de seus trinta e

cinco anos de existência, o que Penha Rocha denomina de “império midiático”. (ROCHA, 2006). Sobre esse império, a autora acrescenta:

A extensão dos negócios de Edir Macedo talvez faça dele o mais poderoso empresário de comunicação social do Brasil, já que seu *holding* tem mais emissoras de TV próprias que afiliadas – a Rede Globo conta com o maior número de afiliadas no território nacional. (ROCHA, 2006, p.8).

Com base em levantamentos feitos recentemente por Cláudia Modesto, são vinte e três emissoras de TV, entre elas, a TV Record. (MODESTO, 2012, p.1). Desde agosto de 2007, conforme documentou a revista *Veja* em matéria intitulada “No ar, mais um vice-campeão de audiência”, a Record tornou-se a segunda rede brasileira em ibope, superando o SBT – Sistema Brasileiro de Televisão – de Silvio Santos em todas as faixas de horário. Na ocasião, o repórter Marcelo Marthe, responsável pela matéria, fez uma referência à emissora como sendo “a jóia central do império de comunicações de Edir Macedo”. (VEJA, 2007).

A utilização dos meios eletrônicos para difusão de sua doutrina começou no rádio, veículo que a IURD nunca deixou de utilizar por ser um de seus principais alicerces. Tanto é assim que atualmente possui a Rede Aleluia com setenta e uma emissoras de rádio (AM e FM), cuja área de abrangência cobre setenta e cinco por cento do território nacional. Fazem parte, ainda, do “império midiático” de Edir Macedo, o jornal mineiro *Hoje em Dia*, a *Editora Gráfica Universal*, responsável pela edição das revistas *Obreiro da Fé* e *Plenitude*, respectivamente com tiragens de 300 mil exemplares e 322.865 exemplares, além do jornal *Folha Universal*, cuja tiragem semanal é de 1,5 milhões de exemplares. Também pertencem ao líder religioso a *Line Records*, maior gravadora gospel do país e a produtora de vídeos *Frame*. (MODESTO, 2012, p.1).

Presente atualmente em cento e oitenta países, nos quais possui quatro mil, setecentos e cinquenta templos, a IURD dispõe de veículos de comunicação nessas localidades, como em Portugal, onde é proprietária do jornal *Tribuna Universal* e de seis

emissoras de rádio, e na África do Sul, onde edita a publicação *Stop Suffering: a new life awaits you!*, cuja tradução para o português seria *Pare de Sofrer: uma nova vida espera por você!*. A primeira parte do título é um dos *slogans* da Universal.

Em total sintonia com a era da informação, a IURD possui portais na Internet, sendo o *site* oficial a *Arca Universal*, criado em 2001, além do “R7.com” e a *TV IURD*, um canal via Internet que tem como objetivo transmitir testemunhos de fé e esclarecer dúvidas de fiéis. (MODESTO, 2012, p.1). De acordo com matéria publicada no portal *Arca Universal*, por ocasião do aniversário de trinta e quatro anos da IURD, este *site* é acessado mensalmente em mais de vinte milhões de vezes. O blog de Edir Macedo, hospedado nesse site, contribui com sete milhões de acessos. As mídias utilizadas pela igreja se interligam umas às outras, como é o caso da Rede Aleluia, que também transmite seus programas na IURD TV.

É através de um complexo aparato comunicacional que a igreja de Edir Macedo mantém a liderança no *ranking* das igrejas neopentecostais e continua arrebanhando fiéis nesse disputado “supermercado da fé” (REFKALEFSKY, 2006). Conforme o autor:

Lançando mão da tecnologia disponível, as igrejas da pós-modernidade têm usado estrategicamente os meios de comunicação de massa, e através deles, reúnem em suas dependências jovens, excluídos ou emergentes, (dependendo do público alvo da igreja). E a eles asseguram a vitória em meio às tribulações, pregam a prosperidade em tempos de crise e arrebanham para suas fileiras estas pessoas que buscam ansiosamente o sucesso e a solução imediata de seus problemas ou de suas exclusões sociais, quando puderem adentrar novos céus, aqui na Terra. (REFKALEFSKY, 2006, b, p.7)

Para além de ser uma estratégia de conversão/manutenção de fiéis, as tecnologias que a IURD utiliza mantêm seu rebanho conectado com seu ideário vinte e quatro horas por dia. Mas para os que preferem um contato presencial, a igreja disponibiliza, só no Brasil, um total de quatro mil e quinhentos templos - que seus integrantes chamam de cenáculos da fé. (ISTO É, 2011 A, p. 53). Fora daqui, são mais 225 templos espalhados por todos os continentes.

Atualmente, a IURD investe na construção de um megatemplo com capacidade para dez mil pessoas. O Templo de Salomão vai ocupar uma área de 74.000m² e terá onze pavimentos. O prédio, que abrigará a sede administrativa da igreja, tem custo estimado em trezentos e cinquenta milhões de reais e a previsão é de que fique pronto em 2014. (ÉPOCA, 2011, p. 87). Em entrevista a esta revista, Brenda Carranza declarou: “erguer um templo grandioso é uma forma de se impor perante as demais denominações e de mostrar que ‘somente aqui você encontra Deus’[...] os megatemplos se convertem em megapalcos”. (CARRANZA *In*: ÉPOCA, 2011, p. 56-57).

Em seu livro *Catolicismo Midiático*, a autora explica que os megaeventos “transformam a experiência religiosa em uma experiência de entretenimento, o que justifica a grande adesão”. Soma-se a isso o fato de que geram, dentre outros aspectos, “projeção e identificação, comunicabilidade, competência comunicativa e evocação identitária”. (CARRANZA, 2011, p.77).

O uso sistemático dos meios de comunicação e a realização de megaeventos conferem à IURD uma grande visibilidade, com certeza sem precedentes no campo religioso brasileiro. Mais do que nenhuma outra igreja, percebe que “o produto simbólico ofertado pelas instituições religiosas precisa aparecer para ser conhecido. Mais do que isso, precisa provar que é melhor. O único caminho para isso no mundo atual é a mídia”. (MARTINO, 2005, p.105). Desde a fundação de seu primeiro templo na cidade do Rio de Janeiro, Edir Macedo, ex-umbandista e ex-membro da Igreja Nova Vida, enxergou esse caminho ao longe, o que o levou primeiro aos programas religiosos no dial radiofônico. Num segundo momento, para as telas da televisão. Hoje, para a convergência midiática. Mas a televisão continua sendo uma importante – e poderosa – estratégia de difusão da doutrina, por tratar-se de um veículo que é “o principal centro gerador de símbolos da cultura ocidental” (CAMPOS, 1999, p.287).

Como complementa Flávio Porcello:

Entre os meios de comunicação de massa a televisão é, sem sombra de dúvidas, a mais influente forma de persuasão política e disseminadora de modelos e práticas sociais. Ela influencia, e como, todo o processo político, econômico e cultural da sociedade, seja ela urbana ou rural”. (PORCELLO, 2009, p.47).

Ainda que a televisão venha a ser suplantada pelas redes sociais, até nos dias atuais seu poder é incontestável. Ciente dessa força, já em 1989 o líder espiritual da IURD, não satisfeito em veicular sua doutrina em veículos de outrem, adquiriu a sua própria rede: a Record. Inicialmente, a emissora do bispo destinava uma parte maior de sua programação a programas religiosos, como o *Despertar da Fé*. Nas palavras da revista Veja “da compra por Edir Macedo até o episódio ‘chute na santa’, o televangelismo dominou a programação”. (VEJA, 2007, p.86).

Além de levar ao ar programas da própria igreja, também exibia alguns de outras denominações religiosas que alugavam horário, como era o caso do programa do pastor Silas Malafaia, da Assembléia de Deus. Mas, segundo Campos, uma das primeiras providências que o empresário tomou ao assumir a Record foi elevar o valor do cobrado pelo espaço televisivo, justamente para inviabilizar o uso de seu veículo pelas igrejas concorrentes. (CAMPOS, 1999, p.289).

O enorme poder que a televisão confere a Edir Macedo vem sendo usado tanto para minar a concorrência quanto para detratar seus rivais, a exemplo do que vem fazendo com o bispo Valdemiro Santiago, líder da Igreja Mundial do Poder de Deus, uma dissidência da Universal. De tempos em tempos, seu discípulo se torna alvo de denúncias em programas produzidos pela Record. Embora procure ser um canal de televisão cada vez mais secular, diminuindo o número de programas evangélicos e banindo os rituais de exorcismo antes presentes, sua programação nunca deixará de ser voltada para a “aquisição de dividendos religiosos”. (CAMPOS, 1999, p.287).

Atualmente, a maior parte da programação da Record é de telejornais, telenovelas e outros programas de entretenimento feitos nos mesmos moldes das outras tevês, até porque a emissora, como parte de seu *marketing*, tenta desvincular sua imagem da IURD. Mesmo assim, nunca abandonou totalmente sua tendência inicial, mantendo em sua grade de programação programas televangélicos, como o caso do *Fala Que Eu Te Escuto*, que vai ao ar diariamente no início da madrugada. A emissora produz também programas que enfocam temáticas identificadas com a doutrina iurdiana. Um exemplo emblemático disso são as minisséries bíblicas que vêm sendo exibidas pela emissora, como a *Rei Davi* (direção de Edson Spinello) que foi levada ao ar no período de janeiro a maio de 2012, com um total de 30 capítulos. Para gravá-la, a Record investiu um total de vinte e cinco milhões de reais de acordo com o site oficial da IURD, pois ela, a exemplo das grandes produções, foi rodada em várias locações, como no deserto do Chile, cidades do Canadá e, no Brasil, rodadas no Rio Grande do Norte, São Paulo e Diamantina (MG). Essa foi a terceira minissérie com temática bíblica exibida pela emissora, sendo as outras duas *História de Ester* e *Sansão e Dalila*, exibidas respectivamente em 2010 e 2011, o que configura uma tendência em apostar em programas do gênero.

Outro programa que, com certeza, gera “dividendos religiosos” é o *The Love School* (Escola do Amor), produzido pela IURD TV e comandado pelo casal Renato e Cristiane Cardoso, filha de Edir Macedo, cuja tônica são depoimentos sobre crises conjugais e de como elas podem ser superadas. O programa, que vai ao ar todo sábado às 12 horas, tem como proposta a interatividade, contando com a participação do público que presta seus depoimentos, através do *skype*, *facebook*, *twitter* e de *e-mails* enviados.

O principal programa de cunho religioso exibido atualmente é o *Fala Que Eu Te Escuto*, que começou a ser veiculado em meados da década de 1990. Inicialmente, apresentava somente temas religiosos e se limitava ao tripé exorcismo, cura e prosperidade.

Porém, de acordo com Karla Patriota, o programa foi sofrendo reformulações ao longo de sua existência, de forma a estar sempre em sintonia com o cenário comunicativo.

Gradativamente foi sendo transmutado e começou a enfatizar fatos e acontecimentos provenientes dos noticiários, com uma peculiar preferência por temas polêmicos, como violência, prostituição, drogas, entre outros, sob a alegação da Igreja Universal do Reino de Deus de que estes temas são de interesse mais geral. (PATRIOTA, 2009, p.2).

Outro aspecto salientado pela autora com relação ao programa é que ele passou a ser mais interativo, em adequação aos novos tempos:

A IURD também percebeu que a força da comunicação deve ser estruturada em cima do próprio fluxo de transmissão das mensagens e informações e que tal fluxo pressupõe o “receber e gerar” mensagens e informações, principalmente nos dias de hoje, em que estamos mergulhados na era da convergência tecnológica, do conteúdo colaborativo e da interatividade. (PATRIOTA, 2009.p.2).

Para autora, “essa forma de comunicação, através de um sistema de mão dupla, desperta no receptor um ser mais participativo que é estimulado a reagir às informações, seja fazendo um comentário, uma sugestão ou uma crítica”. (CARRANZA, 2011, p.166). Sua dinâmica faz dele um programa “cujo viés religioso se ajusta ao novo cenário comunicativo”. (PATRIOTA, 2009, p.3). Como complementa Carranza, é através dessas interações sociais que “a produção de sentidos é tecida nos programas religiosos”. (CARRANZA, 2011, p.166).

Outro aspecto salientado por Patriota sobre o *Fala Que Eu Te Escuto* é que ele se utiliza de elementos de espetáculo e de teatralidade, coadunando com a expectativa dos telespectadores “que buscam na experiência religiosa o transe, o êxtase, o espetáculo e não a doutrina religiosa propriamente”. (PATRIOTA, 2009, p.3).

Lançando mão de todos esses recursos, o programa busca criar um processo de identificação, com o objetivo de converter incrédulos, (re)converter ovelhas desgarradas ou fidelizar o rebanho, bem como propiciar a sensação de pertencimento a uma comunidade

religiosa. Mesmo não tendo uma audiência⁸ expressiva, registrando uma média de três por cento do ibope com picos de até sete por cento, segundo levantamentos feitos no próprio *site* da IURD – ultrapassando a audiência do *Programa do Jô* da Rede Globo - o *Fala Que Eu Te Escuto* cumpre uma importante finalidade que é a de “assegurar visibilidade às igrejas, em meio à diversidade religiosa do país”. (CARRANZA, 2011, p.198).

Dito de outra forma, o televangelismo é um investimento indispensável do ponto de vista institucional, pois é uma maneira de marcar presença em um cenário religioso cada vez mais plural e competitivo, no qual “a vivência religiosa tornou-se estilo de vida, pois há seitas para todos os gostos; assim como no mercado de consumo se diversificam a oferta e a demanda. Crença e mídia passam a ter mais afinidades do que supõe a vã teologia”. (SODRÉ, 2001, p.1).

Nesse disputado “supermercado da fé”, é fundamental apresentar um produto que atenda aos fiéis/consumidores ávidos de novidades. Diferentemente de grande parte dos programas evangélicos que dão ênfase ao discurso verbal em detrimento da imagem, o *Fala Que Eu Te Escuto* possui uma produção mais rebuscada, em que o papel sedutor da imagem é bastante explorado. Num olhar pouco atento, apresenta-se ao telespectador como um programa secular, com todos os ingredientes típicos de um espetáculo televisivo.

3.3 - Diagnose do programa

Segundo Durkheim, “não há um instante radical em que a religião tenha começado a existir e não se trata de encontrar um atalho que nos permita transportarmo-nos

⁸Tentamos obter junto à Rede Record de Minas Gerais a audiência oficial do programa *Fala Que Eu Te Escuto*, mas a solicitação nos foi negada.

até lá pelo pensamento. Como toda instituição humana, a religião não começa em parte alguma”. (DURKHEIM, 1973, p.512). Se é verdade que não é possível afirmar o momento exato do surgimento da religião, o fato é que desde que surgiram no mundo manifestações religiosas, por mais simples que nos possam parecer, o elemento espetacular sempre esteve presente nelas, em maior ou menor grau. Como constata Weber:

Desde seu início, a religião tem sido uma fonte inesgotável de oportunidades de criação artística, de um lado, e de estilização pela tradicionalização, do outro. Isso se evidencia em vários objetos e processos: ídolos, ícones e outros artefatos religiosos; na padronização das formas comprovadas magicamente, o que constitui um primeiro passo na superação do naturalismo por uma fixação de “estilo”; na música, como meio de êxtase, exorcismo ou mágica apotropaica; em feiticeiros que eram cantores e dançarinos mágicos: em relações de tons comprovadas magicamente e portanto magicamente padronizadas – as primeiras fases preparatórias na evolução dos sistemas tonais; nos passos da dança magicamente provados como uma das fontes de ritmo e como uma técnica de êxtase; nos templos e igrejas, como as maiores de todas as edificações, com sua tarefa arquitetônica estereotipada (e, com isso, formando um estilo) como consequência de finalidades estabelecidas de uma vez por todas, e com formas estruturais que se tornam estereotipadas através da eficiência mágica; em paramentos e implementos de igreja de todos os tipos, que serviram como objetos de arte aplicada. Todos esses processos e objetos foram classificados de acordo com a riqueza das igrejas e templos oriunda do zelo religioso. (WEBER, 1974, p.255).

A religião em si mesma é algo abstrato, intangível. Portanto, é preciso dar-lhe materialidade. E é justamente o espetáculo que cumprirá esta função. Nas palavras de Guy Debord (1997, p.14), “o espetáculo é a reconstrução material da ilusão religiosa. A técnica espetacular não dissipou as nuvens religiosas em que os homens haviam colocado suas potencialidades, desligadas deles: ela apenas os ligou a uma base terrestre”. Para o autor, a materialização de um ideal abstrato se dará pela “mediação técnica de signos e sinais” (DEBORD, 1997, p.140). Dito de outra forma, o espetáculo dá concretude ao ideal religioso. Mais do que isso, através desses signos e sinais aparentemente inocentes, traz, em seu bojo, o ideário defendido por uma determinada religião. Como atesta o sociólogo francês: “o espetáculo é a ideologia por excelência [...]”. (DEBORD, 1997, p.139).

Procederemos a seguir a diagnose do programa *Fala Que Eu Te Escuto* buscando destrinchar os elementos que o compõem a partir dos recursos imagéticos e sonoros utilizados, da *performance* dos apresentadores, da forma de participação do público e do cinético.

Para tal, utilizaremos como amostra cinco programas gravados no período de 12 de março a 13 de abril de 2012, sendo o primeiro deles gravado em uma segunda-feira, o segundo em uma terça-feira da semana seguinte, assim sucessivamente com os outros programas, sendo o último gravado em uma sexta-feira da última semana do período pré-estabelecido. Nesses dias, os programas exibidos foram: “Trabalho da Polícia” (12/03/2012), “Golpistas 171” (20/03), “Artistas Esquecidos” (28/03), “As infieis” (05/04) e “Baladas Noturnas” (13/04). Os dois primeiros tinham como foco central a questão da segurança e os três últimos abordaram temas comportamentais.

Pautando temáticas bastante exploradas pela mídia secular, o *Fala Que Eu Te Escuto* tende a seguir a mesma lógica dos programas profanos “distribuídos segundo uma alternância do informativo e do imaginário, do documentário e do espetáculo” (MORIN, 1969, p.103). Essa simbiose de ficção e realidade tem sido uma fórmula bastante utilizada pela televisão na contemporaneidade.

3.3.1- Arsenal Cênico

Quando se fala em programas televangélicos, a primeira imagem que vem à mente das pessoas é a de um cenário esteticamente pobre, sem maiores sofisticções. Grosso modo, poderiam ser assim resumidos: um pastor eletrônico fazendo um discurso proselitista e verborrágico, geralmente com uma entonação de voz enfática, gestos chamativos, frases de

efeito e hinos religiosos que servem de fundo musical. Na platéia, fiéis entusiasmados cantando, gesticulando, levantando as mãos para os céus e, por vezes, contorcendo-se como se estivessem possuídos pelo demônio. Tudo dentro de um estilo bastante performático. Por razões muito provavelmente de ordem financeira, a maioria dos programas religiosos ainda segue esse padrão por não exigir grandes gastos com a produção.

Já o programa *Fala Que Eu Te Escuto* investe na produção adotando um estilo próprio. Quanto mais competitivo se torna o mercado religioso, maior a necessidade de se diferenciar e de se adequar à sociedade do espetáculo, na qual:

Cada mercadoria específica luta por si mesma, não pode reconhecer as outras, pretende impor-se em toda parte como se fosse a única. O espetáculo é então o canto épico desse confronto, que nenhuma queda de Llion pode concluir. O espetáculo não exalta os homens e suas armas, mas as mercadorias e suas paixões. É nessa luta cega que cada mercadoria, ao seguir sua paixão, realiza de fato na inconsciência algo de mais elevado: o devir- mundo da mercadoria, que é também o devir-mercadoria do mundo. Assim, por uma astúcia da razão mercantil, o que é particular da mercadoria, gasta-se no combate, ao passo que a forma mercadoria caminha para sua realização absoluta. (DEBORD, 1997, p.44).

Para se tornar mais vendável, a mercadoria precisa de um belo invólucro que a distinga das demais, de uma embalagem atrativa. E é dessa forma que o *Fala Que Eu Te Escuto* se apresenta aos seus telespectadores/consumidores/fiéis. Diferentemente do painel naturalista com ovelhas num campo verde do programa da IMPD do apóstolo Valdemiro Santiago – uma das principais concorrentes da Universal –, o programa da Universal tende para o estilo abstrato, como forma de criar identificação com um maior número de pessoas.

Numa referência histórica às religiões, Weber salienta que “quanto mais desejavam ser religiões universalistas de massa, e assim se voltavam para a propaganda emocional e os apelos de massa, tanto mais sistemáticas eram suas alianças com as artes”. (WEBER, 1974, p.257). Não restam dúvidas de que a igreja de Edir Macedo, como o próprio nome já diz, busca o universalismo de massa. Prova disso é que está presente em cento e

oitenta países de todos os continentes. Portanto, a preocupação com a estética se faz necessária como parte de seu empenho para ganhar visibilidade, pois como assinala Morin:

A estética não é somente uma qualidade das obras de arte, mas um tipo de relação humana muito mais ampla e fundamental. Ela possibilita a troca do real pelo imaginário. A cultura de massa é uma cultura fundamentalmente profana e estética, mas secreta uma mitologia. (MORIN, 1969, p.82).

Perfeitamente adequada à cultura de massa, a IURD, principalmente em sua comunicação, se apresenta de forma elaborada. Embora, na essência, seja uma igreja bastante conservadora, que condena, por exemplo, a homossexualidade, na aparência ela procura se mostrar uma igreja moderna, sintonizada com os novos tempos, com as novas tecnologias. Se essa preocupação existe no que diz respeito a praticamente todos os meios de comunicação de que dispõe, ela é maior ainda em relação à sua vitrine: o programa *Fala Que Eu Te Escuto*. O cenário do programa assemelha-se ao de um telejornal das grandes redes de televisão, possuindo um *design* moderno, ainda que o elemento *kitsch* não tenha sido totalmente abolido, pois observamos uma exagerada mistura de materiais como madeira, metais, vidro e fórmica. O tom predominante é o azul, cor muito utilizada em cenários telejornalísticos. Embora as imagens que compõem os painéis de fundo sejam abstratas, elas nos remetem à ideia de uma réplica do universo, o que supostamente está relacionado com o nome da instituição religiosa a qual representa: a Igreja Universal.

Subdividido em três ambientes distintos, o que dá amplitude ao estúdio onde ele é gravado, em um deles se encontra uma TV de LCD ao fundo com a logomarca do programa. A logo tem como principal elemento o nome do programa, escrito com o tipo de letra que identificamos como sendo Lúcida Sans ligeiramente modificada. Notamos a prevalência da palavra FALA, a qual vem na linha de cima e em tamanho maior sobre o QUE EU TE ESCUTO, situado na linha de baixo e em letra menor. Tal destaque nos sugere que, já a partir da logo, busca-se passar a ideia de um programa em que o ator principal é o telespectador,

aquele que fala, que se posiciona, enquanto que o pastor/bispo é aquele que escuta atentamente e, se necessário, aconselha. Dito com outras palavras, tenta-se dar a impressão de que há uma primazia do receptor sobre o emissor.

Nesse mesmo ambiente, abaixo da logo, encontra-se um púlpito, em substituição à bancada de um telejornal onde fica o apresentador, único objeto ali exposto que pertence ao espaço sagrado. Mesmo assim, poderíamos dizer que ele se difere de um púlpito tradicional, pois é feito em madeira, porém pintado em cor clara, o que lhe dá uma certa leveza e um aura de modernidade. Sobre essa peça, encontra-se um *laptop* prateado, no qual está colado um discreto adesivo da IURD TV, um dos links do portal *Arca Universal* que funciona como um SOS Espiritual disponível *on-line* para os fiéis.

De pé no púlpito, de tempos em tempos, o bispo que comanda o programa consulta o *laptop*, onde estão registradas as perguntas feitas pelos telespectadores via *e-mail*, *facebook* ou *twitter*. Ao mesmo tempo em que se trata de um equipamento necessário, o computador compõe o cenário por ser um objeto que gera uma identificação, sobretudo com o público jovem que assiste ao programa, certamente um dos alvos da Universal. Por consistir, sem dúvida, em um signo da modernidade, a presença desse objeto faz com que as pessoas se identifiquem com o programa. “Como indispensável adorno dos objetos produzidos agora [...]” (DEBORD, 1997, p.17), o espetáculo *Fala Que Eu Te Escuto* se apropria de acessórios típicos da contemporaneidade.

No outro ambiente, encontram-se duas poltronas brancas com braços, uma mesa de centro grande em forma retangular também na cor branca, colocados sobre um assoalho de tábua corrida em madeira clara. Na parede ao fundo, também predomina a cor azul e uma imagem abstrata. Essa parte do estúdio só é utilizada mais ao final do programa, quando acontece o “Momento da Oração”, normalmente realizado pelos dois apresentadores que, de joelhos, seguram firmemente um copo de água cristalino. É chegada a hora do milagre.

Ao som da canção “Carta para Deus”, a cena performática é um dos raros momentos em que o telespectador percebe claramente tratar-se de um programa de cunho religioso. Ao discorrer sobre o simbolismo aquático, Eliade (2008, p.111) ressalta que “em qualquer conjunto religioso em que se encontram, as águas conservam invariavelmente sua função: desintegram, abolem as formas, ‘lavam os pecados’, purificam e, ao mesmo tempo, regeneram”.

De posse daquela “hierofania” (ELIADE, 2008), os apresentadores pedem aos que lhes assistem que façam o mesmo, de preferência colocando o copo sobre o aparelho de TV. Após evocarem o nome de Jesus, rezando a oração “Em nome do Pai” e se dizerem instrumentos do Senhor, os pastores bebem a água e convocam os telespectadores a repetirem o gesto junto com eles, para que assim sejam purificados e libertos de todos os males. Campos atenta para outro aspecto:

O gesto simbólico do “sacramento do copo d’água” é muito significativo, pois nele o telespectador pode associar de uma forma subliminar os rituais dos cultos afro-brasileiros com a mensagem neopentecostal. Isto porque, nas religiões afro-brasileiras, cachoeiras e beira-mar são lugares onde se dá a conexão humana com a esfera sagrada. Ali, o pai ou mãe de santo incorporam seus guias e oferecem aos orixás e entidades cultuadas as oferendas de seus adoradores. (CAMPOS, 1999, p.292).

Vale lembrar, com base em Refkalefsky, que a IURD incorpora em seus ritos alguns elementos das religiões afro-brasileiras. Soma-se a isso o fato de que muitos fiéis da igreja de Edir Macedo são egressos do espiritismo, portanto, não estando imunes a migrarem de religião, haja vista o intenso trânsito religioso existente no Brasil.

O estúdio onde acontece o momento do milagre, no entanto, é apenas um dos cenários que compõem o programa, já que grande parte de seu tempo de exibição segue o *script* de um telejornal, com reportagens feitas em diversas locações conforme o tema escolhido para aquele dia. As matérias apresentadas possuem todos os recursos imagéticos como cenas externas, entrevistas com celebridades, ilustrações gráficas (tabelas, gráficos etc.).

No programa em que o tema tratado foi “As infieis” (exibido em 05/04/2012), por exemplo, a edição utilizou de quadros com estatísticas sobre infidelidade masculina e feminina. Também foram usadas imagens de *sites* de relacionamentos que a reportagem sugeriu ser um expediente usado pelas pessoas para traírem.

Alguns temas merecem edições especiais ricas em recursos cênicos, pois o dinamismo visual é uma marca desta produção iurdiana. Um exemplo disso foi o programa em que se abordou o “Trabalho da Polícia”, no qual foram exibidas cenas do filme *Tropa de Elite 2* (Direção: José Padilha, 2010), para ilustrar uma reportagem realizada sobre o BOPE – Batalhão de Operações Especiais – da Polícia Militar do Rio de Janeiro. O mesmo recurso foi repetido em “As infieis”, no qual se utilizou um diálogo do filme *Malu de Bicicleta* (Direção: Flávio Tambellini, 2010), em que dois personagens masculinos usam argumentos para justificarem a infidelidade masculina.

Durante os 45 minutos em que permanece no ar, o programa *Fala Que Eu Te Escuto* faz poucas referências à IURD. Basicamente, o nome da instituição religiosa que ele representa só aparece no final, após o “Momento da Oração”, quando os apresentadores anunciam atividades a serem realizadas pela igreja nos próximos dias. Imediatamente, aparecem impressos na tela os nomes dos eventos, acrescidos dos respectivos endereços dos templos.

De uma maneira geral, ao analisarmos o arsenal cênico do programa, percebemos que sua produção opta por priorizar imagens profanas, como forma de tentar se passar por um programa secular, mais especificamente um telejornal. Dessa forma, busca-se atrair um público diversificado, oriundo de classes sociais, faixas etárias e, até mesmo, religiões distintas. Tratando de temas polêmicos explorados pela mídia secular e primando pela espetacularização dos fatos, no *Fala Que Eu Te Escuto* o sagrado se traveste de profano numa tentativa de encobrir o caráter religioso do mesmo. De acordo com Debord (1997, p.47), “o

espetáculo é absolutamente dogmático e, ao mesmo tempo, não pode chegar a nenhum dogma sólido [...]”. Dito de outra forma, no espetáculo, o lobo deve vir sempre na pele do cordeiro.

3.3.2- Os recursos sonoros

Se, nos recursos imagéticos empregados pelo programa *Fala Que Eu Te Escuto*, há uma forte tendência em se basear nos telejornais de rede, no que concerne aos recursos sonoros, a produção do programa segue a mesma linha, a começar pela trilha de abertura. Trata-se de uma música instrumental, muito semelhante àquelas usadas por programas desse gênero. Há uma nítida exploração dos recursos sonoros, principalmente nas reportagens externas exibidas, de forma a torná-las dinâmicas e atrativas. Nos dias em que foram abordados temas relativos à segurança, ou seja, “Trabalho da Polícia” e “Golpistas 171” (20/03/2012), o sobe-som do barulho das sirenes das viaturas de polícia deram o tom, lembrando, até mesmo, filmes de ação. Ou aquelas antigas edições do sensacionalista *Cidade Alerta* que marcou a “fase popularesca” da emissora do bispo Edir Macedo. (VEJA, 2007, p.86)

Nos programas analisados, a música foi um componente forte nas edições. E da mesma forma que as imagens, priorizou-se o uso de um repertório profano e moderno. Em “Artistas Esquecidos” (transmitido no dia 28/03/2012), enfatizaram-se, nas edições, músicas cantadas ou tocadas pelas personalidades escolhidas, como as de Ricardo Rocha, ex-componente da extinta banda Legião Urbana. Ao mostrar a trajetória decadente do baixista, devido ao uso de drogas, sucessos do grupo como “Que país é este” e “Pais e Filhos” entremearam os textos das reportagens.

O mesmo ocorreu com a matéria feita com a cantora Deborah Blando, afastada da carreira para tratar-se da dependência de psicotrópicos, em que foram apresentadas algumas músicas que a projetaram, como “A maçã”. Ainda nesse programa, ao falar de cantores que saíram de cena rapidamente como Bruno Coimbra – filho do ex-jogador Zico – foi colocado no ar um de seus poucos sucessos: “Só no Sapatinho”.

No programa “As infieis”, as músicas escolhidas reforçaram o conteúdo dos textos das reportagens. Uma delas foi “Ser corno ou não ser” do grupo Mamonas Assassinas, que ilustrava o tema de forma jocosa, sendo usada na edição de forma “casada” com a imagem de um chifre de touro exposto na Feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, principal locação da reportagem. Para completar, utilizou-se a música “brega” “Quem é o gostosão daqui sou eu” (Cris Cabana) em uma cena em que aparecia um homem trocando de par para dançar.

Já no programa “Baladas Noturnas”, levado ao ar no dia 13/04/2012, as músicas não só consistiram no principal recurso sonoro utilizado, como também tiveram papel preponderante na condução da matéria cujo foco central era mostrar o lado “demoníaco” das baladas. *Hits* do momento como “Lê, lê, lê” (João Neto e Frederico), “Balada Boa” (Gustavo Lima), “Zuar e Beber” (interpretada por Leonardo), “É tenso” (Fernando e Sorocaba), “Cerveja” (Leandro e Leonardo), “Mãe, tô na balada” (Trio Bravana) e “Beber, Cair e Levantar” (Aviões do Forró) foram muito exploradas na edição, uma vez que as próprias letras reforçavam os argumentos usados pela reportagem.

A jornalista Tatiana Tempori deixa claro uma crítica às músicas que fazem apologia à bebida, cujo consumo é desaconselhado pela IURD:

Texto da reportagem: “Com tantos *hits* falando de bebidas alcoólicas, existe um que talvez já tenha virado um hino para muitos jovens que pensam que para uma boa balada a mão não pode estar vazia e o copo tem que estar sempre cheio...”
Sobe-Som: “Beber, cair e levantar!/ Beber, cair e levantar!/Beber, cair e levantar!...
(BALADAS NOTURNAS, 2012)

Vale acrescentar que a imagem que acompanha a música é a de um jovem completamente bêbado, comprando mais bebida em uma loja de conveniência. A cena chega a ser cômica, pois o rapaz mal consegue se equilibrar. Por fim, ele cai no local, derrubando tudo ao seu redor, e permanece desmaiado.

Nesse mesmo programa, outra matéria registra um famoso baile funk do Rio de Janeiro. Durante a reportagem, entram vários *sobe-sons* com volume exagerado das músicas da funkeira MC Annita, responsável pela animação da festa. Ainda como parte dos recursos sonoros utilizados, numa outra reportagem enfocando as baladas ao ar livre - como a que acontece no bairro Itaim Paulista (São Paulo) -, são reproduzidos sons de motos e carros acelerando e/ou arrancando em alta velocidade, com o propósito de mostrar ao telespectador o estardalhaço feito pelos “baladeiros”, verdadeiros perturbadores da ordem, na visão do programa. A fala do repórter comprova isso: “A bagunça é generalizada. O caos dura a noite toda. E mesmo quem não tem nada a ver com a baderna é prejudicado [...]”. (BALADAS NOTURNAS, 2012)

Os ritmos da moda selecionados pela produção do programa despertam a atenção dos telespectadores. Mas, ao mesmo tempo em que os entretêm e os seduzem, permeiam a veiculação de mensagens moralistas através do conteúdo das reportagens; algumas delas produzidas especialmente para o programa e outras extraídas de telejornais da Rede Record, porém reeditadas em conformidade com a linha editorial do *Fala Que Eu Te Escuto*.

A matéria sobre o baile funk é bastante emblemática no que concerne ao moralismo apresentado pelo programa, como demonstra um trecho da reportagem:

Texto da reportagem: A tribo mais popular do Rio se veste com roupas para lá de sensuais. Os homens mostram os músculos e as mulheres, a forma. As roupas estão cada vez mais curtas e coladas no corpo.
Sobe-som: *pout-pourri* de MC Annita.
(BALADAS NOTURNAS, 2012)

Como se descesse da terra para o céu, contrapondo-se radicalmente aos ritmos e ruídos do mundo profano e anunciando o “Momento da Oração”, entra no ar a música “Carta para Deus”, que cria uma atmosfera religiosa:

A lágrima que cai, desbota tinta no papel
 É uma carta aberta endereçada, ao Coração de Deus
 Diz que eu sou a palmatória do mundo
 Que pra mim talvez não tenha jeito
 Talvez seja melhor desistir, o que está feito, está feito.
 É que nos palcos da vida, quando se fecham as cortinas
 É dura a realidade, a minha dor jamais termina
 Já não ouço mais aplausos, os amigos viraram as costas
 Então me pego olhando pro céu, procurando uma resposta
 Se hoje eu crê a Fé me diz que assim seja
 Meu Deus me entende, me responde, vira a mesa
 No cenário dessa vida, vem e muda o meu papel
 Pois és fiel
 Se hoje eu crer, quando se abrirem as cortinas
 Não vai se ver a mesma dor, a mesma sina
 Porque o Autor da Vida entrou, mudou a cena
 Deu solução pro meu problema
 É que nos palcos da vida, quando se fecham as cortinas
 É dura a realidade, a minha dor jamais termina
 Já não ouço mais aplausos, os amigos viraram as costas
 Então me pego olhando pro céu, procurando uma resposta. (SILVA. In: BALADAS NOTURNAS, 2012))

De autoria do bispo Adilson Silva, pastor-âncora do programa, essa canção é uma espécie de hino, pois faz parte de um quadro fixo do mesmo, ilustrado por celebridades do *show biz*, como Michael Jackson, Amy Winehouse e Sean Penn. Elas aparecem em cenas editadas cuja tônica é a degradação. Segue-se o “Momento da Oração”, em que se ora pelos “pecadores”. Logo depois, os pastores convidam verbalmente os telespectadores para uma visita aos Cenáculos do Espírito Santo para conhecerem as atividades salvadoras da IURD. Após anunciados os endereços e horários dos cultos, a rede nacional se desfaz e entram no ar programas religiosos locais. Geralmente, uma música instrumental, como a da trilha sonora do filme *Cinema Paradiso* (autoria de Enio Morricone), encerra o espetáculo.

Nos termos de Weber, “especialmente a música, a mais ‘interior’ de todas as artes, pode surgir em sua mais pura forma de música como um *Ersatz* da experiência religiosa direta”. (WEBER, 1974, p.257). Um bom epílogo para que os fiéis durmam em paz e sonhem com anjos iurdianos.

3.3.3 - Os apresentadores

Há uma grande diferença entre o estilo de apresentação do bispo Sérgio Von Helde, aquele que foi responsável pelo “chute na santa”, e os atuais apresentadores do programa *Fala Que Eu Te Escuto*, produção que sucedeu o programa *Despertar da Fé*, em que ocorreu o célebre episódio em 12 de outubro de 1995, dia de Nossa Senhora Aparecida. O fato teve uma repercussão negativa, inclusive entre os próprios evangélicos, que consideraram o ato arrogante e violento. A imprensa nacional tratou o acontecimento como se fosse o prenúncio de uma “guerra santa” entre evangélicos e católicos. Conforme Emerson Guimbelli, a mídia tentou caracterizar “o fundamentalismo por parte do representante da IURD” e, por outro lado, a quebra “de uma tradicional ausência de conflitos religiosos no Brasil”. (GUIMBELLI, 2003, p.173).

A IURD teve sua imagem abalada respingando na Rede Record, adquirida por Edir Macedo seis anos antes. Não demorou muito para que ele virasse essa página e adotasse um novo padrão de qualidade em sua emissora, até para fazer frente à Rede Globo, ainda hoje sua principal concorrente. Uma de suas primeiras iniciativas nesse sentido foi tentar dissociar a imagem da Record da IURD, mesmo sendo ela sua principal mantenedora. Esse novo

conceito de fazer televisão refletiu, inclusive, nos programas religiosos, que passaram a ter uma aura de modernidade e um padrão de qualidade.

Como já mencionamos, o programa *Fala Que Eu Te Escuto* sofreu várias reformulações ao longo de sua existência com vistas a estar sempre se adequando ao cenário comunicativo. Como parte dessas mudanças, os apresentadores do programa também foram “repaginados”. O estilo do televangelista Von Helde foi praticamente banido da emissora, assim como o próprio desaparecera do cenário nacional. Ciente de que o apresentador é um importante elemento de articulação entre o produto televisivo e o público, agindo como um mediador, a produção do programa passou a escolher bispos e pastores com outro perfil. Ser carismático e possuir uma boa capacidade de articulação passaram a ser requisitos básicos na escolha dos apresentadores, o que pode ser observado na atual fase do programa.

Dominique Wolton ressalta que uma das funções da televisão é criar laços sociais. (WOLTON, 1997, p.153). Portanto, os mediadores do programa *Fala Que Eu Te Escuto* são peças-chave na criação desses laços. Por se tratar de um programa exibido em nível nacional, conta com uma equipe de apresentadores. Atualmente, sua versão paulista fica a cargo do bispo Adilson Silva, que atua como uma espécie de âncora, e do pastor Jonas Pelegrini. No Rio de Janeiro, assumem o comando o bispo Clodomir Santos e o pastor Carlos. Existem também algumas produções locais que são apresentados por pastores da região.

Dos cinco programas da IURD que constituem nosso *corpus*, três foram com a equipe da capital paulista e dois com apresentadores do Rio. Mas não há diferenças substanciais entre eles. Observamos apenas que o bispo Clodomir Santos é mais informal, adota uma imagem mais coloquial e faz mais humor do que os demais colegas de trabalho.

Para passarmos à análise da postura, da gestualidade e da entonação de voz dos pastores/apresentadores é necessário salientar que:

O corpo humano apresenta interessantes aspectos simbólicos, dotando-se assim de um sentido socialmente concebido. Além de suas funções orgânicas universais, há variadas possibilidades de expressão, que se cristalizam como codificações particulares de um certo grupo social.(RECTOR; TRINTA, 1985, p.103).

Depreende-se dessa constatação que os líderes religiosos que comandam programas evangélicos devem estar sintonizados com os anseios das instituições religiosas que representam, bem como com os do público alvo que pretendem atingir. Portanto, espera-se deles determinadas formas de comportamento. Sobre essa expectativa, Reinaldo Polito, um especialista na arte de se apresentar em público, observa que:

Quem manda no orador não é o orador, mas sim os ouvintes, desde que no final ajam de acordo com a sua vontade; atenda a expectativa do auditório, fale a linguagem que ele entende, transmita a emoção que ele espera receber, conceda, recue, concorde, deixe-o satisfeito e, no final, vença-o. Essa é a comunicação da inteligência, da previsão estudada, do orador vitorioso. (POLITO, 1993, p.19)

Dito como outras palavras, é preciso saber persuadir a plateia. E dessa técnica de persuasão os apresentadores do programa *Fala Que Eu Te Escuto* entendem bem. “[...] Dotados de qualidades eminentemente simpáticas” (MORIN, 1969, p.87) e de “[...] rostos próximos e amigáveis, nem fascinantes nem vulgares [...]” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 295), eles se diferem de grande parte dos televangelistas de outros canais. Adotam um estilo próprio, até porque procuram fazer com que esta produção se assemelhe a um programa secular, mais especificamente a um telejornal. Portanto, seus apresentadores também devem ter uma aparência secular, a começar pelos trajes que vestem.

Assim como os apresentadores dos telejornais das grandes redes, vestem ternos bem talhados sobre camisas sociais lisas ou com listras discretas, não se excedendo nas cores, geralmente clássicas e sóbrias. Azul marinho, cinza e preto são as cores mais comumente usadas nos ternos enquanto que as camisas normalmente são brancas ou em tons pastéis. A única diferença em relação aos seus pares dos telejornais é que não usam gravatas e deixam os paletós abertos, fazendo um estilo mais despojado.

Os cortes de cabelo são modernos, sendo que o pastor Jonas Pelegrini faz uso de gel. As barbas são bem feitas e as unhas das mãos cortadas e tratadas. Não foram observados acessórios pessoais como óculos e relógios, por exemplo. Quanto à postura, os apresentadores demonstram certos cuidados com a mesma, sabendo o momento certo de agirem com seriedade, de interagirem mais com os telespectadores, de fazer alguma brincadeira e de opinarem sobre um determinado assunto. O que não quer dizer que por vezes, principalmente quando estão ouvindo as opiniões dos telespectadores na enquete sobre tema do dia, não conduzam sutilmente as respostas.

Diferentemente de grande parte dos pastores eletrônicos de outros canais, os do *Fala Que Eu Te Escuto* não gesticulam demais e evitam excessos no decorrer da maior parte do programa. A dramaticidade fica reservada para o “Momento da Oração”, quando se ajoelham e seguram firmemente o copo de água e oram veementemente por seus fiéis. Durante esse quadro, aí sim, apelam para uma postura mais teatral, mais dramática. A entonação da voz acompanha o estilo de representação. Nesse momento, os apresentadores, mais do que simples mediadores entre o programa e o público, se tornam enviados de Deus, portanto mediadores entre o sagrado e os fiéis.

De um modo geral, embora eloquentes, os apresentadores do programa usam um tom de voz normal e uma linguagem coloquial, bem ao estilo dos telejornais como estratégia para ganharem audiência. Nesse aspecto, se distinguem muito de outros televangelistas que se comunicam aos berros com os telespectadores e fazem uso de uma linguagem verborrágica, por vezes incompreensível, causando uma certa estranheza nos telespectadores que comungam de outras crenças.

A maneira como os apresentadores do programa *Fala Que Eu Te Escuto* se portam diante do público nos faz supor que sejam treinados para a função e que há todo um trabalho para que consigam criar um processo de identificação com os telespectadores, não

necessariamente fiéis da igreja. Isso porque o programa da Universal não possui um público alvo específico. Ao contrário, tenta atingir pessoas de todas as classes, idades, sexo e religião, o que fica evidenciado durante o “Momento da Oração”. No programa “Artistas Esquecidos” (28/03), por exemplo, enquanto o pastor rezava dizia: “[...] a pessoa que ora conosco, independente de ser católica ou espírita, evangélico, espiritualista, o que importa é que nós todos somos seres humanos [...]” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012).

De forma a darem dinamismo ao programa, característica essencial de um bom espetáculo, os apresentadores se revezam o tempo todo, ouvindo as perguntas e/ou depoimentos dos telespectadores, sobre os quais fazem comentários entre si. Há uma grande interação entre eles, a exemplo do que vem ocorrendo nas bancadas dos telejornais atualmente. Nos programas analisados, também foram mostrados locutores da *Rádio Aleluia*, pertencente à IURD, que, de suas cabines radiofônicas, participavam do bate-papo, opinando sobre o assunto em questão.

Tudo acontece num clima de muita descontração. Perfeitamente sintonizados com a “telinha”, os apresentadores imprimem ao programa da Universal “um novo estilo de familiaridade, de amizade, de cumplicidade, que sucede à solenidade recitante e cerimonial”. (MORIN, 1969, p.108). Ao estabelecer uma relação de confiança com o telespectador, esses mediadores podem ser elevados à categoria de “novos olímpianos”, pois, “por meio de sua dupla natureza, divina e humana, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e da identificação”. (MORIN, 1969, p.113). Ao criarem mecanismos que levam à projeção/identificação, os apresentadores do programa *Fala Que Eu Te Escuto* “garantem a empatia com o produto e/ou vedete, angariando adesão, pois está ancorado no princípio de que a cultura constitui-se de símbolos e imagens, os quais penetram a intimidade dos indivíduos e orientam suas emoções”. (MORIN, 1969, p.85).

Num mercado religioso que prima pela competitividade, angariar novas adesões é objetivo precípua das igrejas que, estrategicamente, usam os programas televangélicos. Imbuídos da finalidade de aumentarem o rebanho, os mediadores - no caso, vedetes - devem conduzir o espetáculo com maestria, veiculando de forma subliminar a mensagem religiosa. É tarefa deles, acima de tudo, convencer o fiel/consumidor de que o produto IURD é eficiente, o que pode ser comprovado numa visita a um dos milhares de Cenáculos do Espírito Santo anunciados no programa.

Se, no âmbito do programa, agem como vedetes e podem, assim, ser considerados novos olímpicos-, fora dali, os apresentadores do programa *Fala Que Eu Te Escuto* se mostram discretos. Enquanto os padres-cantores do Catolicismo se projetam na mídia secular, aparecendo constantemente em programas de entretenimento e em revistas de celebridades, os pastores eletrônicos da IURD, ao contrário, preservam mais sua privacidade.

Ainda que pertençam à chamada “classe mídia”, eles se encaixam mais naquele estilo de celebridade “restrita a um pequeno número de reconhecedores”. (PAIVA; SODRÉ, 2004, p.139). Ou seja, ficam mais circunscritos aos meios de divulgação da própria Igreja, como é o caso do pastor-cantor Adilson Silva, cujas músicas - gravadas pela *Line Records* da *holding* de Edir Macedo - são mais conhecidas nos espaços da Universal. Participar do *show-biz*, pelo menos até o momento, não faz parte do *marketing* pessoal dos pastores iurdianos, prerrogativa que se restringe ao seu líder espiritual mor: o bispo Edir Macedo. Recentemente, ele voltou às páginas dos jornais e revistas por seu desempenho como escritor. Seu livro “Nada a perder”, lançado em 30 de agosto de 2012, em pouco mais de dois meses tornou-se o livro mais vendido no Brasil: 350 mil exemplares segundo a Revista *Isto é*, da qual o empresário foi capa. (MACEDO, 2012 D, p.70)

Como elucidada Campos, a IURD possui fortes mecanismos para impedir a personificação do carisma, o que é válido não só para os meios de comunicação como

também para os templos. Segundo o autor, “ao pastor iurdiano é dado apenas o ‘carisma de função’, reservando-se mais para Edir Macedo [...] o direito ao ‘carisma pessoal’”. (CAMPOS, 1997, p.98). Esse cuidado é tomado para que os pastores não alcem vôos próprios, gerando dissidências no seio da poderosa Universal. A exceção da Igreja Internacional do Reino de Deus, liderada pelo cunhado e dissidente RR Soares e, mais recentemente, a Igreja Mundial do Poder de Deus, comandada pelo discípulo Valdemiro Santiago, a estratégia de não dar brilho próprio aos sacerdotes iurdianos continua dando certo.

3.3.4 - Participação do público

No programa *Fala Que Eu Te Escuto*, a participação do público se dá de duas formas: uma através das reportagens exibidas que trazem o “povo fala” e a opinião de outros atores sociais e outra mediante a enquete popular que é feita diariamente acerca do tema escolhido, normalmente suscetível de causar bastante polêmica. Tão logo é feita a apresentação do tema, na abertura do programa, através de uma grande reportagem, é colocada no ar uma pergunta com três opções de respostas para que o telespectador opine sobre o assunto. Ela aparece impressa na tela e, além disso, seu conteúdo é reforçado verbalmente pelo pastor âncora. A enquete instiga a participação popular e promove o debate sobre assuntos que fazem parte do cotidiano do telespectador.

O programa intercala reportagens sobre o tema e o debate com o público. Essas perguntas são colocadas no ar a cada novo bloco como forma de serem lembradas, bem como de estimular, a todo momento, a interatividade. O público participa através do telefone, do *skype*, de *e-mails*, do *facebook* e do *twitter*, cujos números e endereços eletrônicos são

divulgados exaustivamente durante a apresentação do programa, aparecendo na parte de baixo da tela de forma destacada.

Quando o telespectador participa através do *skype*, imediatamente a tela se divide, ficando do lado direito um dos apresentadores –eles se revezam durante a enquete – e do lado esquerdo, o telespectador. Esse recurso reforça a ideia de que se está diante de um programa apresentado em tempo real. De acordo com Juliana Gutmann, a partir de Martín-Barbero, como forma de criar mecanismos discursivos de identificação com o cotidiano da audiência, utiliza-se a *retórica do direto*, que “refere-se às estratégias de proximidade evocadas através da sensação de simultaneidade das transmissões televisivas”. (GUTMANN, 2009, p.111).

Nesse momento em que o apresentador interage com o telespectador com quem divide a cena, tem-se também *simulação do contato*, que se dá através do diálogo com a recepção.

O efeito de experiência cotidiana que atravessa a produção televisiva vale-se justamente dessa interpelação forjada pela possibilidade de partilhar um tempo simultâneo (“agora”) que, por sua vez, conforma um espaço virtual de interação (“aqui”), no qual são acolhidos os sujeitos do discurso. A simulação do contato e a retórica do direto, portanto, estruturam a própria configuração espaço-temporal da cena comunicativa de modo a conformar um momento partilhado, vivido simultaneamente. (GUTMANN, 2009, p. 111).

Mesmo quando a forma de participação se dá através do telefone ou de outros meios, os apresentadores procuram interagir, fazendo algum tipo de comentário, ou mesmo induzindo a resposta, quando esta não é conclusiva. Em todos os programas analisados, a participação se deu de forma intensa, não só no que diz respeito ao número de pessoas, mas também na forma como se manifestavam, demonstrando sempre bastante interesse pelo assunto em questão. No quadro a seguir, expomos as perguntas feitas durante os dias que escolhemos para analisar o programa:

Tabela 3: Os temas tratados e suas respectivas perguntas:

TEMA	DATA	PERGUNTA
1- TRABALHO DA POLÍCIA	12/3/2012	O serviço de inteligência da polícia tem-se mostrado um sistema eficiente, ultrapassado ou para "inglês ver"?
2- GOLPISTAS 171	20/3/2012	É possível a vítima prever que está entrando numa fria, eles sempre dão algum sinal ou quem confia dança?
3- ARTISTAS ESQUECIDOS	28/3/2012	Faltou talento, a mídia não os valorizou ou eles não souberam administrar a carreira?
4- AS INFIEIS	5/4/2012	Quando a mulher trai é porque se apaixonou por outro, quer se vingar ou ela está se vulgarizando?
5- BALADAS NOTURNAS	13/4/2012	Lazer noturno: sem bebida e música ele não existe, a noite foi feita para dormir ou dá pra curtir sem barulho e bebida?

No programa 1, o qual destacou o trabalho da polícia, foram levados ao ar um total de doze depoimentos de telespectadores de várias partes do país e de várias profissões, que se comunicaram através de todos os meios, mas principalmente por telefone. O resultado da enquete foi o seguinte: três pessoas opinaram que o trabalho da polícia era “para inglês ver”, oito consideraram “eficiente” e apenas um o considerou “ultrapassado”. Vale ressaltar que os telespectadores não se restringem a responder uma das opções apresentadas, aproveitando a ocasião para externarem seu ponto de vista sobre o assunto em questão. Nesse caso especificamente, foram unânimes em dizer que o trabalho da polícia ainda precisa melhorar e que o governo deve investir mais em equipamentos modernos, aumento do contingente de policiais. Quatro dos depoentes chamaram a atenção para o fato de que os

crimes que são amplamente divulgados na mídia merecem mais atenção da polícia e são resolvidos mais rapidamente.

No programa 2, o qual mostrou os vários golpes existentes na atualidade, foram apresentados 10 depoimentos, sendo um deles de uma telespectadora brasileira atualmente morando na Nova Zelândia. Ela fez questão de dizer que era ser uma fiel da igreja e que frequentava a Universal naquele país. Dessas pessoas que participaram da enquete, duas escolheram a primeira opção da pergunta formulada, ou seja, “é impossível prever que a vítima está entrando numa fria”. Três se posicionaram: “eles sempre dão um sinal”, enquanto cinco indicaram a opção “quem confia dança”. Foi voz corrente entre os depoentes que hoje em dia não se deve confiar em ninguém, ou seja, é preciso sempre “confiar desconfiando”.

Já no programa 3, o qual enfocou a trajetória de artistas que caíram no esquecimento, o número de depoimentos levados ao ar foi de sete. Dentre as pessoas que opinaram, apenas uma respondeu que “a mídia não os valorizou”, enquanto que os demais (seis) ficaram com a opção “não souberam valorizar a carreira”. Os motivos apontados pelos telespectadores sobre a decadência dos artistas foram o uso de drogas e a falta de apoio psicológico da família. Ao final desse programa, apresentou-se o resultado de uma enquete geral, cujo resultado, apesar de não ter sido divulgado o número total de participantes, foi o seguinte: “Faltou talento” - 8%; “A mídia não os valorizou” - 21% e “Não souberam administrar a carreira” - 71%. Note-se que o resultado dessa enquete mais ampla coincide com o resultado dos depoimentos apresentados.

O programa 4, o qual tratou da infidelidade, bateu recorde em participação, o que muito provavelmente se deu em função do tema abordado, ou seja, a infidelidade feminina, assunto que mexe fortemente com o imaginário coletivo. Foram levados ao ar um total de vinte e nove depoimentos, sendo que onze optaram pela alternativa “ela está se vulgarizando”; dez pela alternativa “quer se vingar” e apenas uma pela alternativa “se apaixonou por outro”.

Cinco dos telespectadores que deram depoimentos apontaram outras causas diferentes das contempladas pela enquete, sendo que quatro atribuíram a traição feminina à carência afetiva e um alegou ser “a falta de Deus na vida da pessoa”. Dois dos participantes não se posicionaram, mas aproveitaram o momento para um desabafo público, alegando terem sido traídos e que a traição lhes causou imensa dor.

No programa 5, o qual abordou as baladas noturnas, houve quase unanimidade com relação à resposta, sendo que seis pessoas declararam que “a noite foi feita para dormir”, enquanto que apenas uma escolheu a opção “sem bebida e música ele não existe”. Das quatro pessoas que escolheram a opção mais votada, quatro ressaltaram a necessidade do sono para que a pessoa acorde bem e seja produtiva no dia seguinte. Assim como no programa 3, neste também foi mostrado na tela o resultado geral da enquete: “Sem música e bebida ele não existe” – se referindo ao lazer noturno - 30%; “A noite foi feita para dormir” – 26% e “Dá para curtir sem barulho ou bebida” - 43%. Neste caso, a opinião que preponderou nos depoimentos selecionados não coincidiu com o resultado geral da enquete.

Essa via de mão dupla proporcionada pela participação popular, através da enquete, em que ora é dada a voz ao telespectador, ora ao apresentador/mediador, ou nas palavras de Gutmann “a construção de um eu, tu, aqui e agora” (GUTMANN, 2009, p.109), gera um enorme dinamismo ao programa, além de assegurar a interatividade que ele busca mostrar. Como argumenta Karla Patriota, essa participação massiva faz com que o programa *Fala Que Eu Te Escuto* “[...] coloque-se como um fórum, uma arena para discutir temas polêmicos, principalmente os comportamentais”. (PATRIOTA, 2009, p.4).

Outro aspecto a salientar é que, no decorrer do programa, à medida que o tema vai sendo apresentado através de uma série de reportagens abordando várias angulações do mesmo, o debate se acalora. Enquanto isso ocorre, paralelamente divulgam-se exaustivamente na tela mensagens impressas, estimulando a participação do telespectador. Não raro, o

enfoque dado ao tema na reportagem que antecede aos depoimentos mostrados no intervalo entre uma e outra matéria interfere na opinião dos telespectadores. Isso ficou bem evidenciado no programa 3, no qual quanto mais se mostravam artistas que se tornaram decadentes, quer pelo uso de drogas quer por não saberem conviver com a fama, mais tendia-se para a resposta “não souberam administrar a carreira”.

A interatividade proposta pelo programa tanto serve para fazer com que o telespectador se sinta efetivamente um participante ativo, quanto para fornecer um *feed-back* dos temas que mais interessam a esse público, bem como de que maneira se posiciona ideologicamente frente aos assuntos abordados. A partir desse retorno - e do que está sendo veiculado na mídia secular-, a produção vai pautando os próximos programas, levando-se em conta as preferências dos telespectadores, porém em consonância com o ideário da IURD.

Para além da enquete que tanto movimentava o programa, a outra forma de participação do público se dá de maneira indireta, ou seja, através de recursos como “povo fala”, bastante utilizado nas matérias apresentadas. Esse recurso também contribuiu para que o telespectador se reconheça no programa. Também são utilizadas entrevistas com especialistas no tema focado, artistas e outras celebridades, o que confere credibilidade às matérias veiculadas.

3.3.5 - O cinético

Comparado a outros programas televangélicos, em que os pastores eletrônicos se movimentam bruscamente de um lugar para o outro, observamos que a parte do *Fala Que Eu Te Escuto*, gravada em estúdio, é mais parada, o que se deve ao fato de tentar se assemelhar a

um programa telejornalístico. Mesmo assim, num olhar mais atento, percebem-se algumas marcações cênicas que ficam evidenciadas. O apresentador âncora fica sempre de pé, permanecendo no púlpito a maior parte do tempo, pois é de lá que lê as mensagens da enquete que chegam via internet e anuncia as reportagens que serão exibidas, lendo as chamadas. Mas quando conversa com o público, desce do púlpito e se desloca suavemente dentro do mesmo cenário, em que só há o fundo. Ali ele se movimenta um pouco mais e faz gestos com as mãos, esfregando-as uma na outra enquanto indaga o telespectador a respeito da enquete.

Já o pastor, uma espécie de auxiliar do bispo, permanece sentado em uma poltrona branca de braços. Em grande parte do programa, a tela se divide, de forma que de um lado aparece a imagem de um dos apresentadores e de outro, participantes do programa via *skype*. Quando o telespectador se comunica por outros meios, no lugar da imagem dele são utilizadas cenas de arquivo alusivas ao tema que está sendo tratado.

A título de ilustração, no dia em que o tema do programa foi “Artistas Esquecidos”, mostraram-se no lado esquerdo da tela várias imagens de arquivo do comediante Luiz Alves Pereira Neto, o “Ferrugem”, que caiu no ostracismo depois de ter feito sucesso nos anos 70 e 80, atuando, inclusive, no programa “Os Trapalhões” da Rede Globo e como garoto propaganda da marca de calçados infantis Ortopé. É muito comum também a exibição de cenas de filmes que retratam o tema, como, por exemplo, no programa sobre o “Trabalho da Polícia”, em que foram editadas várias cenas do *Tropa de Elite 2*.

Quando os dois apresentadores estão conversando entre si, a câmera ora focaliza um e ora outro, dificilmente usando um enquadramento que mostra os dois juntos. Isso só acontece no “Momento da Oração”, quando ambos se deslocam para outro cenário, onde ficam ajoelhados. Nesta parte do programa, aí sim são focalizados juntos, embora, quando estão rezando, são mostrados *closes* e *super closes* de cada um deles, de forma a criar um clima mais intimista com o telespectador.

Após o “Momento da Oração”, ao anunciar as atividades da igreja, o apresentador âncora volta a ficar de pé. Nessa posição, reforça verbalmente os anúncios e os endereços que aparecem na tela, dividindo a cena com imagens de templos lotados sob os quais são impressas essas informações.

Fora do estúdio, nas reportagens externas, são utilizados praticamente todos os recursos sonoros e imagéticos, a exemplo do que acontece nos telejornais. Os fatos são mostrados de forma espetacularizada. Daí a necessidade de cenas fortes, produzidas com toda gama de movimentos de câmera, pois o objetivo quase sempre é chocar. Um exemplo emblemático do uso excessivo desses recursos foi o programa sobre o tema “Baladas Noturnas” (13/4/2012), a começar pelos *closes* e *super closes* utilizados para mostrar jovens segurando ou ingerindo bebidas alcoólicas ou, até mesmo, fazendo uso de drogas. Também foram exibidos vários enquadramentos fechados de jovens se agarrando e/ou se beijando.

Por outro lado, foram usados planos de corpo inteiro quer para mostrar as roupas utilizadas principalmente pelas jovens, normalmente shorts e blusas bem curtas, ou para evidenciar pessoas alcoolizadas que tinham dificuldade de ficar de pé. Ou ainda, focando grupos de jovens dançando e rebolando com as partes íntimas bem grudadas uns nos outros.

De forma a mostrar o ambiente frequentado por esses jovens, os cinegrafistas usaram planos gerais, principalmente de bailes funks e shows musicais superlotados, adicionados de movimentos de câmera panorâmicos e chicotes. Já o *zoom*, movimento de aproximação, foi bastante utilizado para detalhar o que acontece dentro dos salões, como casais dançando colados ou pessoas com garrafas de bebida de vidro nas mãos.

Ao exibirem cenas das baladas ao ar livre, que acontecem em bairros residenciais, fizeram-se uso também de planos mais abertos que possibilitavam visualizar o local tomado por pessoas invadindo as calçadas, carros e motos mal estacionados por todos os lados. Além

desse recursos, os cinegrafistas usaram *travellings* para focalizar “pegas” de carro e motociclistas andando em alta velocidade.

3.4- A MENSAGEM DO PROGRAMA

Conforme Durkheim (1973, p.530), “a fé estiolar-se-ia rapidamente se permanecesse sozinha”. Depreende-se dessa afirmação que a fé, qualquer que seja ela, tem necessariamente que ser propagada, difundida, sob pena de esvair-se. Esforços de todo tipo foram empreendidos pelas religiões para que, usando uma linguagem bíblica, a fé não se tornasse pó. O ato de convencer o outro, portanto, é inerente à conservação de uma religião. O cristianismo, ramificação religiosa com maior número de adeptos no mundo nos dias atuais, só existe até hoje porque, desde o seu início, contou com fiéis que se dignaram a espalhar as Boas Novas, em outras palavras, o Evangelho.

Diante do exposto, não restam dúvidas de que o objetivo precípua de toda religião é converter. Da mesma forma, é finalidade última de todo programa televisivo atingir o telespectador. Quando esses dois propósitos se juntam, o resultado da conversão pode ser potencializado desde que o discurso ofertado seja capaz de sensibilizar o fiel/telespectador.

Os indivíduos constroem suas identidades a partir de valores culturais e dos artefatos simbólicos social e historicamente disponíveis. Não é diferente com a identidade religiosa. Mais do que mero resultado de condições concretas de materialidades presentes nas vidas de indivíduos e grupos, a autopercepção religiosa decorre, sobretudo, de um sentimento de identificação com um discurso. (LEAL, 2008, p.98).

Para criar essa identificação, é de fundamental importância a mensagem a ser veiculada, a qual, como já mencionamos, poderá ser mais ou menos explícita. No caso do

Fala Que Eu Te Escuto, trava-se o tempo todo um duelo entre Deus e o Diabo através de mensagens subliminares que buscaremos desvendar. Conforme Fonseca Junior, a mensagem é justamente o ponto de partida da Análise de Conteúdo (AC), metodologia escolhida para analisar o programa em questão. Visando interpretar suas mensagens de maneira sistematizada, utilizaremos a categorização, uma das técnicas previstas no método “que consiste no trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias, com o objetivo de torná-la inteligível a massa de dados e sua diversidade”. (FONSECA JUNIOR, 2008, p.298).

3.4.1 – A categorização

De forma a possibilitar um melhor enquadramento das mensagens, optamos por criar, com base em nosso referencial teórico e na pré-análise dos programas, as seguintes categorias e subcategorias de análise respectivamente:

SENSIBILIZAÇÃO DO TELESPECTADOR:

- Demonização do cotidiano
- Espetacularização dos fatos

O RECONHECER-SE NO DRAMA:

- Melodrama existencial

A SOLUÇÃO PARA OS PROBLEMAS:

- Autoajuda na tela,

- O milagre virtual
- O convite à conversão

A seguir, partiremos para a análise, procedendo ao enquadramento das mensagens nas subcategorias elencadas, com base nas inferências feitas. Vale salientar que nos programas evangélicos *Fala Que Eu Te Escuto* que analisamos não foram evidenciadas mensagens de autoajuda.

3.4.1.1 – *Demonização do cotidiano*

De acordo com Brenda Carranza (2011, p.212), “no atual campo religioso brasileiro, o demônio é a etiologia de todos os males que a humanidade enfrenta e o responsável por todas as mazelas pessoais e sociais presentes e passadas”. E ele está por toda parte, podendo habitar tanto o exterior, ou seja, a sociedade, quanto o interior da pessoa, manifestando-se de várias maneiras.

O maligno, uma das expressões utilizadas para se referir ao tão temido demônio, é um denominador comum do “catolicismo midiático” e do neopentecostalismo. As duas propostas religiosas aceitam a existência do diabo e de seus emissários e acreditam que o mal que deles emana está por toda parte. O que vai diferir nos programas televangélicos é a forma de abordagem, podendo ser mais ou menos explícita.

Anteriormente, os programas da IURD lançavam mão de rituais de exorcismo e sessões de descarrego. Gradativamente, essas cenas foram deixando de fazer parte dos mesmos, tendo em vista a atingir um leque mais abrangente de pessoas advindas de outras

religiões. Nas produções atuais, o demônio aparece de modo subliminar, através das reportagens que funcionam como um elemento neutro, ou mesmo das mensagens dos pastores nas quais ele é apenas mencionado. Recorrendo a uma expressão popular, poderíamos dizer que no programa *Fala Que Eu Te Escuto*, na maioria das vezes, “o capeta aparece na forma de gente”. Ou de instituições. Ou até mesmo das novas tecnologias.

O programa “Trabalho da Polícia” (12/03) inicia com uma reportagem cuja primeira parte aborda a prisão de um pedófilo, certamente um dos tantos emissários do diabo. O *off* do repórter explica como ele agia: “José Álvaro exigia que as meninas fizessem sexo em troca de dinheiro”. Mas conforme a reportagem, graças ao trabalho de rastreamento da polícia, ele foi localizado: “A investigação incluiu a gravação de conversas telefônicas autorizadas pela justiça. José Álvaro negou os crimes, mas a equipe do delegado Zacarias já havia juntado provas suficientes para prendê-lo”(TRABALHO DA POLÍCIA, 2012). Pelo menos desse demônio foi possível se livrar por uns tempos.

No programa “Golpistas 171” (20/03), no entanto, outros demônios surgem encarnados na figura de criminosos que aplicam vários tipos de golpes. A vinheta de abertura traz, em letras garrafais, a palavra: ARMADILHAS. Nos termos de Bauman, poderíamos dizer que as pessoas estariam diante “do incontrolável cortejo dos perigos camaleônicos”. (BAUMAN, 2005, p.75).

Com sua onipresença, esses seres endemoninhados podem estar espreitando clientes ingênuos que utilizam os serviços de atendimento vinte e quatro horas dos bancos para lhes aplicarem golpes, como aquele em que a vítima, após ser ludibriada, entrega seu cartão magnético e revela sua senha. A primeira reportagem desse programa, realizada na zona Leste de São Paulo, abordou especificamente esse tipo de golpe, muito comum nos dias atuais. Ou podem vir na pele de prostitutas que, não satisfeitas em realizar seu trabalho, aplicam nos clientes o golpe do “Boa noite, Cinderela”, em que durante o encontro, após

dopá-los, roubam-lhes praticamente todos os pertences, só lhes deixando com a roupa do corpo. A aplicação do golpe é mostrada com riqueza de detalhes na segunda reportagem desse programa, feita em uma praça central da cidade paulista de São José dos Campos.

Quem poderia imaginar que o maligno pode se travestir de empresário e lesar jovens em um dos dias mais especiais de suas vidas: o da formatura? É o que mostra a reportagem sobre uma firma de eventos que descumpriu o contrato e deixou os formandos na mão justamente na hora do baile. A abertura da matéria resume tudo:

A noite era para ser inesquecível. Duzentos e cinquenta estudantes do Ensino Médio estavam prontos para o baile de formatura, mas encontraram o local da festa com as portas fechadas. A alegria deu lugar à frustração. A festa acabou em frente à delegacia, todos em trajes de gala, mas revoltados. (GOLPISTASS 171, 2012)

O demônio ataca também através das falsas empresas de crédito pessoal, que oferecem o serviço, através dos classificados de um jornal, de forma vantajosa: juros baixos e prazo de pagamento facilitado. Mas, no ato da contratação do empréstimo, os representantes da empresa pedem aos clientes que, caso não possuam avalistas, que desde já deixem uma quantia para avalizar o empréstimo, como mostra um trecho da reportagem: “Para cada dez mil, você paga oitocentos e cinco reais, o suporte, e eu já deposito esse cheque na sua conta livre para saque imediato. Daqui a trinta dias, você começa a pagar as prestações através do carnê em qualquer agência bancária” (GOLPISTAS 171, 2012). Necessitada, a pessoa acabava se rendendo aos argumentos da falsa financeira, como explica a sonora com um delegado da polícia civil: “Primeiro, eles pediam um avalista com dois imóveis, depois pediam outro para dificultar. Como as vítimas tinham dificuldade em conseguir, eles propunham o pagamento de um ‘seguro fiança’ para elas”. (GOLPISTAS 171, 2012)

Se, antes, o veículo televisão - hoje exaustivamente usado pelas denominações religiosas – era demonizado por elas, atualmente, essa demonização recai sobre as novas tecnologias, um perigo a mais para a sociedade. A última reportagem do programa começa

assim, no *off* do repórter: “No carro, no telefone, na Internet, sem perceber, as pessoas podem estar sendo vítimas de um golpe” (GOLPISTAS 171, 2012). De forma confusa, numa edição que nitidamente reaproveita matérias antigas, são mostrados alguns tipos de golpes, como aquele aplicado através do celular, em que o criminoso simula o sequestro de algum parente de quem atende o telefonema, pedindo, em troca da libertação da vítima, pagamento em dinheiro ou na forma de crédito para um número de celular indicado por ele.

A reportagem se propõe a fazer um alerta, inclusive através de entrevistas com especialistas, para que as pessoas evitem esses golpes como, por exemplo, não expondo nas redes sociais fotos que indiquem o *status* social da família, sob pena de ficarem na mira de algum criminoso. Ou simplesmente que não usem adesivos em carros com os membros da família, “pois isso facilita a ação de criminosos”, como observa um “consultor de segurança” entrevistado para a matéria.

Todas as matérias apresentadas durante o programa “Golpistas 171”, num olhar mais superficial, parecem se enquadrar nos critérios de *noticiabilidade*⁹ que pautam a maioria dos telejornais, nos quais os alertas sobre golpes são recorrentes. Mas há especificidades:

A pauta da mídia religiosa engloba tanto temas gerais de interesse que devem ser filtrados pela ótica institucional, quanto temas da própria instituição. Isso gera formas específicas de definição do que é ou deixa de ser notícia, diferentes das formas existentes. (MARTINO, 2005, p 97).

Portanto, o critério de escolha do que é ou não notícia deve necessariamente coadunar com aquilo que a igreja crê e quer que o telespectador/fiel também creia. Numa análise mais aprofundada, percebe-se que por trás da informação, do modo espetacularizado como esses golpes são apresentados pelo programa, o discurso iurdiano perpassado corrobora

⁹ O que deve ou não ser notícia? Ao tomar essa decisão, cada meio de comunicação particularmente, sobretudo em conformidade com sua linha editorial, leva em conta um conjunto de critérios de relevância, os quais definem a *noticiabilidade* (*newsworthiness*) de cada evento, isto é, a sua “aptidão” para ser transformada em notícia. (WOLF, 2012, p.195).

não só para que se creia no diabo, como também para a sensação de que ele pode estar em cada esquina.

O mal a que se refere o programa *Fala Que Eu Te Escuto* tanto pode ser exterior quanto interior. Como sublinha Carranza (2011, p.213): “[...] o mal se encontra em toda parte e na própria pessoa [...]”. É o que buscará evidenciar o programa “Artistas Esquecidos” (28/03), cuja tônica são artistas, especialmente músicos, que não souberam lidar com o sucesso, com a fama e colocaram tudo a perder por estarem possuídos, já que vícios e doenças, na concepção da IURD, são formas de possessão demoníaca.

O programa destaca a trajetória do músico Renato Rocha, ex-integrante da Banda Legião Urbana – liderada por Renato Russo – que dos palcos foi descendo até chegar às ruas do centro do Rio de Janeiro, onde vive como um mendigo. Como bem ilustra um trecho da matéria: “Do estrelato a uma vida anônima nas ruas...”. O demônio sempre rondou esse grupo musical, sucesso nas décadas de 1980 e 90, manifestando-se, através dos vícios – bebidas e drogas, principalmente, e de uma vida desregrada.

Conforme Leonildo Campos, na teologia iurdiana, há um nexos causal entre possessão e doença. A reportagem faz questão de lembrar, no *off* da repórter, que o *pop star* Renato Russo “morreu aos 33 anos em decorrência da AIDS, em 1996”. Não satisfeito, o demônio voltou-se também para o xará que, durante a entrevista concedida à jornalista, embora o cantor negue ter sido um dependente, admite ter feito uso de algum tipo de droga: “Às vezes eu tomava um calmante, porque muita gente, aí eu ficava nervoso e tomava um calmante” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012). No entanto, a dificuldade em articular essa e outras respostas, bem como a aparência física do contrabaixista que ajudou a emplacar sucessos como “Que país é este” e “Eduardo e Mônica”, revelam a debilidade do músico em decorrência do uso de drogas. Entrevistado pela reportagem na capital federal, onde reside, o pai do músico, Seu Sebastião, não titubeou quando indagado sobre o motivo da degradação do

filho: “Foram as drogas, sem dúvidas, a mãe dele sempre tratou ele com muito carinho, todos os irmãos e eu também. Ele nunca recebeu de nós repúdio. Mesmo com o problema de drogas, a gente sempre procurou aconselhá-lo, entendeu...” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012). Mas o diabo parece ter soprado mais alto em seu ouvido.

Situação semelhante viveu a cantora Deborah Blando, que chegou a fazer sucesso nos anos 80 gravando músicas como “A Maçã” (Raul Seixas) e “Chocolate com Pimenta”, de sua autoria e usada na abertura da novela de mesmo nome, escrita por Walcyr Carrasco (TV Globo, 2003-2004). Tema da segunda matéria do programa “Artistas Esquecidos”, seu destino foi assim resumido na chamada do bispo Adilson Silva: “Uma voz calada pela Síndrome do Pânico, a doença acabou com a carreira da cantora...” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012). A própria artista que, segundo o *off* da repórter “buscou refúgio em uma praia de Florianópolis, declarou em uma sonora: “O que acabou comigo foram os remédios da psiquiatria”. Na mesma matéria, Deborah frisou: “os remédios me fizeram tão mal que eu virei robótica. Atrapalhou minha carreira, atrapalhou minha vida, atrapalhou a minha voz.” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012).

Diferentemente do baixista Renato Rocha que, de acordo com reportagem, parece já ter-se entregado, a cantora Deborah Blando tenta se reerguer. Tanto é assim que voltou a fazer shows, como relata a matéria Mas da forma como suas trajetórias foram enfocadas pelo programa *Fala Que Eu Te Escuto*, as drogas e os psicotrópicos, “coisas do diabo”, teriam sido as responsáveis pela degradação dos artistas, deixando marcas profundas em suas vidas, como o abandono e a solidão.

De acordo com Brenda Carranza (2011, p. 215), na perspectiva da demonização, a culpa é transferida a um terceiro elemento. Foi exatamente o que o bispo Adilson Silva fez no encerramento desse programa, durante o “Momento da Oração”, ao se referir ao drama dos artistas que caíram no ostracismo: “Mas quando a gente analisa a situação com a visão

espiritual, a gente entende meu Pai, porque quando o mal entra, ele entra pra matar, pra roubar, pra destruir...” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012).

O maligno costuma destruir lares fazendo com que homens e mulheres caiam em tentação, mas, na opinião do bispo Edir Macedo: “Entre o sexo masculino e feminino, o feminino é mais maleável e suscetível de dar crédito ao diabo que o sexo masculino”. A declaração, extraída de um *houseorgan* da IURD, é citada por Campos, ao analisar o papel da mulher na Igreja Universal. (CAMPOS, 1999, p.444). Em consonância com o pensamento do líder espiritual da IURD, no programa “As infieis” (05/04), o foco principal foi justamente a infidelidade feminina. Nele, o maligno também mostrou sua força ubíqua, podendo estar nos bares, nos forrós e até na Internet, disfarçado em sites de relacionamento, atendendo pelo nome de Ohhtel. Segundo a reportagem, esse é um *site* de relacionamento americano muito acessado no Brasil e voltado para pessoas que querem ter relacionamentos extraconjugais. O *off* do repórter afirma, sem citar a fonte e o período que “Setenta mil pessoas se inscreveram no site, o que é considerado um número recorde”. (AS INFIEIS, 2012)

Na mesma matéria, o repórter relata que “No Brasil, em sete dias, sessenta e três mil pessoas se cadastraram, número considerado alto se comparado a países como Estados Unidos, China e Argentina” (AS INFIEIS, 2012). Para ilustrar, a reportagem ouviu uma mulher que admite marcar encontros pela Internet, explicando que “alguns encontros virtuais se transformam em casos, como o que eu já tenho há três anos.” (AS INFIEIS, 2012).

Em outra reportagem sobre o mesmo tema, entrevista-se a proprietária de uma *lanhouse*, a qual mostra a face demoníaca da Internet contanto que seus clientes “se comunicam pela webcam com mulheres que se exibem em frente à câmera tirando a roupa e, o que é pior, eles chamam os outros rapazes que estão lá para ver, inclusive eu.” (AS INFIEIS, 2012). A mesma visão é compartilhada por outro entrevistado, um psicólogo que argumenta que o anonimato e a rapidez da Internet propiciam e estimulam a traição. “O

envolvimento começa no plano virtual e pode se desenvolver no plano real.” (AS INFIEIS, 2012).

Essa mesma reportagem apresenta o depoimento de um homem que diz ter caído na tentação do diabo virtual, ao se envolver com uma mulher casada que conheceu pela Internet. A chamada da matéria dizia: “Homem descobriu que a nova namorada que encontrou na Internet era casada e tinha filhos” (AS INFIEIS, 2012). Na entrevista concedida ao repórter, ele declarou: “Quando a pessoa procura a Internet é que ela já não está mais satisfeita com alguma coisa na relação dela” (AS INFIEIS, 2012). Ou seja, na visão dele, o próprio fato de usar a Internet já é um indício de que a pessoa estaria disposta a trair. Recorrendo à McLuhan para quem o meio é a mensagem, a Internet, em si, já é o demônio. (McLUHAN, 1969).

Outro local demoníaco apontado pelo programa foram as casas de forró. Outra reportagem, realizada na Feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, teve como fundo musical o refrão “Quem é o gostosão daqui sou eu, sou eu” (Cris Cabana). O texto do repórter diz: “O chamego do forró pode ser a desculpa para o começo de uma traição” (AS INFIEIS, 2012). A imagem que se segue mostra um casal dançando bem agarrado, mas sugere tratar-se de um homem comprometido. “O gostosão”, no caso. Na ótica desse programa da IURD, a traição masculina é mais desculpável que a feminina, como atesta a fala de uma terapeuta sexual entrevistada: “O homem trai sem uma razão específica. A traição masculina pode ser uma resposta do hormônio” (AS INFIEIS, 2012).

O demônio nunca esteve tão solto quanto no programa “Baladas Noturnas”. (13/04), tratadas pela produção como se fossem o próprio inferno. Os textos, as imagens e as músicas apresentadas, bem como outros recursos sonoros e visuais utilizados nas matérias, corroboraram para causar nos telespectadores essa impressão. As principais manifestações demoníacas mostradas pelo programa foram a promiscuidade sexual, o exibicionismo, o uso

de bebidas alcoólicas e de outras drogas e os bailes funks – considerados, não só pela IURD, mas por várias denominações religiosas evangélicas, verdadeiras moradas do diabo. Usando uma antiga expressão, poderíamos dizer que o maligno ataca via “sexo, drogas e *rock and roll*”.

Um dos trechos da primeira matéria, gravada em uma danceteria diz assim: “Azaração, beijo na boca, curtição, essas e outras imagens revelam o que na opinião da galera é uma balada boa demais” (BALADAS NOTURNAS, 2012). Em seguida, entra uma sonora com um “baladeiro da noite” – termo usado pela repórter - que pergunta: “O que você procura num sábado à noite?”. O rapaz responde em tom irônico: “Diversão, mulher”. (BALADAS NOTURNAS, 2012).

A reportagem prossegue nessa linha no *off* da repórter: “Enquanto alguns buscam apenas entretenimento ou uma namorada, outros querem muito mais. E para isso um combustível parece ser indispensável” (BALADAS NOTURNAS, 2012). As imagens utilizadas pela edição mostram jovens dançando e, ao mesmo tempo, consumindo bebidas alcoólicas no gargalo. A jornalista entrevista alguns jovens. Um deles, com uma garrafa na mão, vai logo dizendo: “Pior que é neste ritmo que eu vou até o final” (BALADAS NOTURNAS, 2012). O outro ironiza: “Toma um golinho pra você ficar que nem nós” (BALADAS NOTURNAS, 2012)., oferecendo a bebida à profissional. Um terceiro rapaz levanta o copo para a câmera e explica em voz alta: “Aqui é bombeirinho, que é pra chegar lá dentro já no grau” (BALADAS NOTURNAS, 2012). Para completar, entra sonora com duas jovens que praticamente gritam com os copos nas mãos: “Isso aqui é o meu café da manhã...” (BALADAS NOTURNAS, 2012).

Mais à frente, a repórter volta a mostrar, em seu texto, que as baladas não acontecem sem bebidas alcoólicas: “Mas afinal, essa alegria depende mais do ambiente, dos frequentadores ou é a bebida que faz a noite ficar boa. Ou, quem sabe, é a noitada boa que faz

a pessoa beber? Quem é baladeiro tem a resposta na ponta da língua” (BALADAS NOTURNAS, 2012). A resposta vem na forma de um sobe-som com um trecho do *hit* “Balada Boa”, acrescida de imagens do autor: “[...] Dançar, pular, que hoje vai rolar/Tchêchererêchêchê/ Tchêchererêchêchê/Gustavo Lima e você [...].”(BALADAS NOTURNAS, 2012).

A próxima reportagem inicia com um sobe-som do refrão da música “Zuar e Beber” (Marquinhos Maraiá e Luizinho Lino) interpretada pelo cantor Leonardo, cuja imagem aparece na matéria. O *off* da repórter sugere que a música faz apologia à bebida: “Muitas vezes a bebida alcoólica vira refrão de música e conquista multidões. O mais novo sucesso das rádios deixa claro. Uma boa balada tem que ter uma boa bebida” (BALADAS NOTURNAS, 2012). Completando a frase, entram imagens de pessoas dançando e se embebedando ao som de outro *hit* do momento: “É tenso” (Fernando e Sorocaba): “É meu defeito/eu bebo mesmo/beijo mesmo, pego mesmo/e no outro dia nem me lembro/ É tenso...”

Numa terceira reportagem sobre as baladas, o repórter faz a seguinte abertura: “A gente logo percebe que eles não vieram aqui só para dançar.” (BALADAS NOTURNAS, 2012). As imagens editadas na sequência mostram um rapaz beijando na boca de várias moças. O jornalista deixa a imparcialidade de lado e comenta *in loco*: “Meu Deus, o que é isso? Estou chocado!” (BALADAS NOTURNAS, 2012). Para finalizar a matéria, é utilizada uma entrevista com uma senhora (não identificada) em um consultório que faz o seguinte comentário: “Nunca a política do corpo foi tão grande quanto agora, e a balada é um grande teste de aprovação” (BALADAS NOTURNAS, 2012).

Para a maioria das igrejas evangélicas, os bailes funks representam a própria morada do diabo, pois neles tudo é permitido. Essa permissividade é combatida por elas através dos meios de comunicação de que dispõem. O programa “Baladas Noturnas” dedica uma parte expressiva a esses locais infernais, como mostra a matéria a seguir:

Off do repórter: Aqui no Rio de Janeiro o funk é a principal diversão dos jovens [...]. Nos finais de semana, as pistas ficam lotadas. A garotada que embarca na viagem do funk sabe bem o que quer.
 Sonora com uma frequentadora: Muita curtidão, muita dança, gatinhos...
 Pergunta do repórter: Sem limites?
 Sonora: Praticamente (risos).
 Pergunta do repórter a um frequentador: Os homens vêm com intenção de dançar ou pegar as meninas?
 Sonora: Pegar as meninas, é claro. (risos)
 Off do repórter: No baile, a diversão é quase sempre regada a muita bebida e muitos beijos. Eles começam aqui e nem sabem onde vão parar.
 Sonora com outro frequentador: A gente leva pro hotel, pra casa.
 (BALADAS NOTURNAS, 2012).

Tão demoníacos quanto os bailes que acontecem em ambientes fechados são os que acontecem nas ruas, que, além de tudo, infernizam a vida dos moradores do entorno, como ilustra a reportagem apresentada pelo programa no bairro Itaim Paulista, na zona leste de São Paulo:

Off do repórter: Aqui nesta região os moradores não têm sossego. Na praça, centenas de jovens se reúnem para o baile funk a céu aberto. O barulho é ensurdecedor.
 Sobe-som de uma música funk e de uma motocicleta acelerando.
 Off do repórter: As garotas se exibem ao som do funk e bebem também com este ritmo (entra imagens garotas dançando de shorts e minibusas, com copos na mão). Enquanto isso, o garotos aceleram as motos para, digamos, retribuírem a exibição das meninas.
 Sobe-som de várias motos acelerando ao mesmo tempo.
 Off do repórter: A bagunça é generalizada. E repare aqui neste grupo de jovens: esse rapaz prepara um cigarro de maconha. (entra imagem em *close* de um jovem preparando a droga). Ou seja, som, bebidas e drogas. O caos dura a noite inteira.
 (BALADAS NOTURNAS, 2012).

Depreendemos que todas essas reportagens mostradas pelo programa *Fala Que Eu Te Escuto* que, ao demonizarem o cotidiano ao extremo, remetem o telespectador à ideia de um estado anômico sobre o qual nos fala Durkheim em sua obra *O Suicídio*, ou seja, uma sociedade em que há ausência de regras claras, de normas, de valores, em decorrência das transformações socioeconômicas profundas por que passa essa sociedade. A anomia social, por sua vez, gera no plano individual a falta de objetivos, incidindo até mesmo na perda de

identidade. O estado anômico deixa no indivíduo um vazio, na medida em que não fornece novos valores capazes de substituir os que foram abolidos. (DURKHEIM, 2005).

Esse mesmo estado detectado pelo sociólogo francês, no final do século XIX –o estudo foi publicado em 1897 – é descrito quase cem anos depois por Giddens com outros argumentos:

A desorientação que se expressa na sensação de que não se pode obter conhecimento sistemático sobre a organização social, devo argumentar, resulta em primeiro lugar da sensação de que muitos de nós temos sido apanhados num universo de eventos que não compreendemos plenamente, e que parecem em grande parte estar fora de nosso controle (GIDDENS, 1991, p.12).

O conteúdo dos programas da Igreja Universal, sobre os quais nos debruçamos, reforçam essa sensação de desalento, de impotência diante dos fatos que, para se tornarem mais drásticos aos olhos dos telespectadores, são apresentados de maneira espetacularizada.

3.4.1.2 - *Espetacularização dos fatos*

De acordo com Debord (1997, p.42), “o espetáculo é o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares, informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante da sociedade [...]” (DEBORD, 1997, p.171). O autor acrescenta que “o espetáculo nada mais seria do que o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às vezes chegar a excessos [...]”. (DEBORD,1997,p.171)

A espetacularização dos fatos perpassa todos os programas *Fala Que Eu Te Escuto*, os quais constituem o nosso *corpus*. No entanto, é possível inferir que, em determinados momentos de algumas de suas reportagens, o elemento espetacular torna-se

mais forte, mais perceptível, na medida em que “o espetáculo, quer em sua forma concentrada ou difusa, não passa de uma imagem de unificação feliz cercada de desolação e pavor; ocupa o centro tranquilo da desgraça”. (DEBORD, 1997, p.42).

E é justamente um quadro de desolação e pavor tendo como cerne a desgraça humana que o programa busca criar. Sua matéria-prima é o *fait divers*, em que ocorre a primazia da dramatização sobre a informação. Como assinala Morin, “as balaustradas da vida normal são rompidas pelo acidente, pela catástrofe, o crime, a paixão, o sadismo” (MORIN, 1969, p.105).

Dito de outra forma, essa produção televisiva iurdiana explora o que popularmente é chamado de “mundo cão”. Para ilustrá-lo, privilegia textos, imagens e outros recursos audiovisuais que mostram indivíduos ultrajados, humilhados, ou seja, de preferência que estejam no fundo do poço. As cenas selecionadas pela edição do programa procuram, através do elemento espetacular, potencializar ao máximo as mazelas individuais e sociais.

No programa sobre o “Trabalho da Polícia” (12/03), a produção utiliza como principal recurso para mostrar o trabalho do BOPE – Batalhão de Operações Especiais, da Polícia Militar do Rio de Janeiro, cenas do filme *Tropa de Elite 2* (dirigido por José Padilha) que, por si só, pode ser enquadrado dentro de um estilo espetacular. O critério de escolha das cenas, pontuadas pelo texto da reportagem, parece ter sido: quanto mais grotesco, melhor.

O *off* da repórter introduz assim o treinamento do BOPE, foco principal da matéria: “[...] As estatísticas mostram que de cada onze pessoas que enfrentam o BOPE, seis são presas e cinco morrem. Todos os policiais, conhecidos como homens de preto, têm uma ficha impecável. Os escolhidos passam por um treinamento rigoroso de três meses [...]” (TRABALHO DA POLÍCIA, 2012). Como parte da matéria, é editada uma sonora com um coordenador de treinamento do BOPE que declara o seguinte: “O treinamento se propõe a isso: colocar o policial no estresse máximo, que quando chega na (SIC) situação real ele

consiga desempenhar a técnica que o curso ensina” (TRABALHO DA POLÍCIA, 2012). Para ilustrar a fala do policial, o real dá lugar à ficção. Na cena que se segue, o personagem que interpreta o treinador ordena: “Quando vocês acabarem de almoçar, eu vou querer esse chão limpo, vocês entenderam?” Em seguida, é exibida uma cena da película em que os policiais ajoelhados, assim como animais, ingerem uma comida de aspecto ruim espalhada no chão.

Dando prosseguimento à matéria sobre o BOPE, a repórter entrevista o ex-capitão da corporação, Rodrigo Pimentel, no qual foi inspirado o personagem principal de *Tropa de Elite 2*, o capitão Nascimento, interpretado por Wagner Moura. O ex-policial explica que:

“O curso de operações não tem como missão apenas ensinar técnicas. Ele tem outro objetivo: formar um espírito de corpo, um grupo coeso que acredita em seu potencial. Não é possível formar guerrilheiros urbanos com tanta determinação, com tanta coragem, sem essa ritualística”. (TRABALHO DA POLÍCIA, 2012)

As imagens do filme que são editadas a seguir mostram as humilhações por que passam as pessoas que participam dessa prova de fogo. Entra o capitão Nascimento gritando: “De cada 100 pessoas que tentam fazer o curso do BOPE, cinco chegam ao fim. Quando eu fiz o curso, parceiro, só sobraram três. Mostra que você é um fraco.” Um soldado em treinamento responde, também gritando e quase chorando: “Eu desisto”. A cena utilizada acontece em uma mata onde um soldado é submetido a um treinamento exaustivo, do qual desiste no final. A fisionomia do personagem demonstra seu estado emocional, que, por fim, cai no chão, de joelhos, rendendo-se a tanta pressão. Terminada a reportagem, de volta ao estúdio, os apresentadores comentam ironicamente: “É o famoso pede pra sair”. (TRABALHO DA POLÍCIA, 2012)

A utilização de cenas do filme *Tropa de Elite 2* não foi aleatória. Primeiramente porque, em se tratando do *fait divers*, “elementos do cinema, como aventura, proeza e vida privada, são igualmente privilegiados junto à informação” (MORIN, 1969, p.105). Em segundo lugar, a vedete é parte fundamental de qualquer espetáculo. Wagner Moura, ator que

protagonizou o personagem principal do filme, capitão Nascimento, sobretudo, a partir de seu trabalho em *Tropa de Elite 1*, ascendeu ao Olimpo. No caso, “seu olimpismo nasce do imaginário, ou seja, de papéis encarnados no cinema (astros) [...]”. (MORIN, 1969, p.111). Vale ressaltar que o autor encarnou nesse filme um herói, o que aguça ainda mais esse imaginário.

Graças principalmente às suas atuações nas duas obras de José Padilha, o ator se tornou uma celebridade ainda maior, passando a fazer parte do *jet set* internacional, não lhe faltando convites para gravar fora do Brasil. Sua estreia lá fora se deu no thriller *Elysium*, do diretor Neill Blomkamp, no qual trabalhou ao lado do ator Matt Damom. No Brasil, mais de 11 milhões de espectadores assistiram ao filme *Tropa de elite 2*, sendo a maior bilheteria de toda história do cinema brasileiro, segundo o *blog* oficial do filme.

Com base nesses dados, é possível afirmar que *Tropa de elite 2* possui os ingredientes necessários ao espetáculo: um soldado herói no melhor estilo salvador da pátria interpretado por ninguém menos do que uma celebridade com reconhecimento internacional. Esses, assim como outros elementos espetaculares presentes nas cenas do filme usadas pelo programa, são suscetíveis de acionar mecanismos de identificação/projeção nos telespectadores.

Mas nem só de celebridades se abastece o espetáculo. Existem também os “celetoides”, ou seja, aqueles que segundo Vera França, a partir de Rojek, “são celebridades rápidas, de curta-duração [...] que a televisão fabrica o tempo inteiro” (FRANÇA, 2009, p.40). No programa “Artistas Esquecidos” são mostrados alguns deles, como o músico Bruno Coimbra, filho do ex-jogador Zico, que nos anos de 1990 fez sucesso com a música “Só no Sapatinho”, mas ficou pouco tempo em evidência; ou os integrantes da banda P.O.Box, contemporâneos de Bruno, que ficaram famosos com a música “Papo de Jacaré”, mas logo depois caíram no ostracismo.

Nem tão “celetoide” foi o músico Renato Rocha, ex-integrante da banda Legião Urbana. Ele é justamente a figura central de uma das cenas mais espetaculares exibidas pelo programa, que mostra a degradação do músico de forma a comover o público. O *off* da repórter diz: “Ele caminha com um saco nas costas onde estão os seus guardados e nos leva a um lugar especial” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012). Imagens do músico andando maltrapilho por uma rua cheia de poças d’água nas quais ele pisa com seu chinelo de borracha, carregando um minguido saco de tecido assim como um mendigo, ilustram o texto da reportagem.

A reportagem prossegue: “O dono deste hotel é um amigo que guarda o bem mais precioso que Renato possui: o contrabaixo” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012). A cena é ilustrada por imagens do músico segurando carinhosamente seu instrumento musical, apertando-lhe junto ao peito. Logo em seguida, tenta tocar e cantar para a repórter. O sobressom da música, difícil até mesmo de ser identificada, deixa claro que ele está totalmente fora de forma. Reconhecendo que desafinou, o músico diz desapontado: “É, acho que preciso tocar mais” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012).

Na mesma reportagem sobre o ex-parceiro de Renato Russo, a espetacularização se dá em outro trecho. O *off* da repórter diz assim: “Essa foto, tirada há dez anos, mostra a mulher com um dos filhos, um momento feliz na vida de Renato Rocha” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012). Em seguida, ela pergunta ao músico: “Você sente muita falta?” E ele responde com olhos lacrimejantes como mostra o *close*: “Sinto, mas isso é breve, se Deus quiser” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012).

O abandono, a solidão e o desalento também estão presentes na vida de Deborah Blando, como relata a reportagem que inicia exibindo imagens da cantora caminhando com dois cachorros em uma praia de Florianópolis. O *off* da repórter diz assim: “Foi aqui que Deborah encontrou dois grandes amigos: Xandi e Ananda, retirados da rua. Encontrou carinho

e companheirismo” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012). A mesma matéria mostra a artista tentando se reerguer, através das imagens dela fazendo um show em uma casa noturna e sendo reconhecida por uma jovem. A repórter entrevista a fã que diz eufórica: “Eu não acredito. Eu passei ali, vi e resolvi dar uma de tiete, tirar uma foto” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012). A imagem que se segue exibe a cantora e a tiete sendo fotografadas. O sorriso de Deborah sinaliza a emoção que ela sente ao ser reconhecida após alguns anos de anonimato.

O “mundo cão” vitimiza as pessoas de diferentes formas. As ameaças podem vir de fora, como no programa “Golpistas 171”. A primeira reportagem, que segue o *script* dos programas policiais especialistas na espetacularização dos fatos, simula um golpe em que a vítima, um senhor de meia idade, é lesado em um caixa eletrônico. Assim que sofre o golpe, procura por um policial. Nervoso, conta que teve seu cartão magnético roubado por um casal. O policial sugere que ela entre na viatura para que juntos possam localizar os criminosos. A viatura anda correndo pelas ruas em direção ao Banco 24 horas mais próximo, para onde, supostamente, os golpistas teriam ido, já que estavam de posse do cartão magnético da vítima.

Ao avistar os criminosos justamente no outro caixa eletrônico, a vítima grita: “É aquele cara lá”. Imediatamente, a viatura estaciona. Um dos golpistas percebe a chegada da polícia e tenta fugir. O policial corre atrás dele, consegue pegá-lo rapidamente, levando-o até o local onde a vítima permanecera. Ao se aproximar, pergunta: “Você conhece esse senhor aqui?”. O golpista responde: “Não, nunca vi”. Em seguida, o criminoso tenta se desvencilhar do cartão. O policial percebe e indaga: “o que você jogou ali”? Ele responde: “não joguei nada”. O guarda o revista e acha uma quantia em seu bolso. O criminoso tenta se explicar, dizendo que aquele dinheiro era para ser depositado. O policial não aceita seu argumento, ordenando que ele ponha as mãos para trás e coloca a algema nele.

Enquanto isso, a parceira no golpe manteve-se escoltada por outro policial. Assim que o colega termina de prender o outro golpista, volta-se para ela, começa a interrogá-la e logo vai dizendo: “Devolve o cartão dele!”. Ela inicialmente nega que tenha pegado o cartão, mas acaba se rendendo. Tão logo termina toda essa encenação, a fim de tentar dar veracidade à matéria, entra o *off* do repórter dizendo: “Os golpistas foram levados para a delegacia onde foram apreendidos vários cartões... (imagens mostram uma pequena bolsa cheia de cartões magnéticos, dentre os quais se encontrava o da última vítima). Em casos assim, é difícil recuperar o cartão e muito menos o dinheiro. Pelo menos desta vez o final foi feliz” (GOLPISTAS 171, 2012).

No mesmo programa, outra cena espetacular utilizada é a que mostra o golpe “Boa noite, Cinderela”. A reportagem começa em uma praça deserta, onde duas prostitutas, depois de uma delas ter dado o sonífero para um cliente, entram em ação. As imagens mostram as golpistas roubando a carteira, o boné e até a aliança de uma vítima, abandonando-a depois no banco da praça.

O texto do repórter continua descrevendo o acontecimento: “As duas comemoram o roubo, caminhando pela praça como se nada tivesse acontecido. Mas o roubo ainda não está completo” (GOLPISTAS 171, 2012). As imagens usadas são de uma outra prostituta retirando o tênis do cliente da colega. A reportagem é finalizada assim: “As imagens ilustram com perfeição o famoso golpe ‘Boa noite, Cinderela’, um tipo de furto em que a vítima é dopada pelo criminoso enquanto espera algum tipo de relação sexual” (GOLPISTAS 171, 2012). A fala do repórter é ilustrada com uma cena da vítima dormindo no banco da praça, após ter sido depenada.

No programa “As infieis”, a infidelidade feminina ganha ares espetaculares em uma matéria que descreve todos os passos de uma “traidora”. A repórter age como se fosse um detetive, pois a acompanha, inclusive, em sua “aventura”.

Off da repórter: A preocupação com a aparência, o visual caprichado. O cuidado antecede o momento do risco, quando essa mulher desafia a confiança do marido. (entra imagens da mulher com um enorme salto subindo sorrateiramente uma escada, sendo mostrada apenas do joelho para baixo.)

Passagem da repórter: É durante o dia que os encontros secretos costumam ser marcados. A infiel usa o próprio carro, mas toma cuidado para não levantar suspeitas do marido, Aproveita o horário do trabalho ou algum compromisso na rua e gasta pouco tempo nas aventuras conjugais.

Off da repórter: Ela tem 50 anos. Viveu a metade da vida com um companheiro. Tiveram filhos, mas nos últimos anos a relação entrou em crise.

Pergunta da repórter: O que leva você que é uma pessoa casada a fazer isso?

Resposta da mulher (o rosto não aparece e a voz é modificada): Eu não tenho relacionamento nenhum com o meu marido. Então eu sinto falta de ter um relacionamento. Também um pouco de afetividade. Ter prazer.

Off da repórter: A internet é usada para marcar encontros. Ela mantém conversas com homens pelo computador. Alguns contatos virtuais se transformam em casos. Esse é o modo de marcar encontros extraconjugais sem levantar suspeitas. O problema é que os relacionamentos virtuais podem se tornar mais sérios e até virar um romance.

Sonora com a mulher: Tem um que eu saio com ele há três anos. A gente se encontra de vez em quando e fica umas três, quatro horas juntos e só.

Off da repórter: A mulher nos mostra como age. Segue de carro para o local combinado, normalmente uma área pública longe de casa. A vida dupla se tornou um hábito, mas faz questão de tomar muitos cuidados. Quando encontra com o amante, prefere seguir no automóvel dele. Tem medo de ser vista por parentes, amigos ou pelo próprio marido.

Pergunta da repórter: Você acha que é certo o que você faz?

Resposta da mulher: Não sei. Às vezes eu acho que sim, porque é uma coisa que me faz bem. Às vezes eu acho que não, porque estou fazendo mal a ele.

Pergunta da repórter: Por que você continua casada?

Resposta da mulher: É bom, tenho minha casa, minhas coisas. Tenho o meu filho, que eu penso em não me separar por causa dele. Eu acho que é só. Conveniência mesmo. (AS INFIEIS, 2012)

Conforme Debord (1997, p.138), “o espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe em sua plenitude a essência de todo sistema ideológico: o empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real [...]”. Ainda que a sociedade tenha evoluído, é inquestionável que ela permanece machista. Por essa razão, via de regra, a infidelidade feminina é mais condenável do que a masculina. O que não faltam são argumentos para justificar a necessidade de o homem trair. O mesmo programa, recorrendo novamente à ficção, exhibe uma cena do filme *Malu de Bicicleta* (direção: Flávio Tamebellini, 2010), em que dois personagens masculinos, durante um almoço, têm o seguinte diálogo: - “A comida está uma delícia”, diz um deles em tom afirmativo. O outro personagem rebate indagando:

“Mas você comeria esta comida todo dia?” - se referindo ao fato de ter que manter relações sexuais com uma única mulher.

Como afirma Debord (1997, p 139), a força do embuste está concentrada em todo espetáculo. Tentando se passar por um programa que discute temas da atualidade a exemplo da mídia secular, nada mais faz do que permear o ideário moral da instituição religiosa ao qual está vinculado: a Igreja Universal do Reino de Deus que, na maior parte dessa sua produção televisiva - o *Fala Que Eu Te Escuto* - permanece escondida. Mas, de forma subliminar, posiciona-se ideologicamente frente às questões sociais.

No programa “Baladas Noturnas”, a ingestão de bebidas alcoólicas, prática condenada pela IURD, é ridicularizada em mais uma das cenas em que o ponto forte é a espetacularização. Uma das matérias exibidas, cujo fundo musical é “Beber, cair e levantar” (Aviões do Forró), apresenta um jovem já completamente bêbado comprando mais bebida em uma loja de conveniência. Devido ao seu estado, ele esbarra em uma prateleira do estabelecimento e derruba tudo que está ao seu redor. Depois, ele cai no chão por não aguentar manter-se de pé, mas tenta se levantar, até que desiste e permanece ali desacordado, como mostram as imagens em plano fechado no rapaz. Para completar o espetáculo, entra sobe-som do refrão da música: “Beber, cair e levantar/Beber, cair e levantar/ Beber cair e levantar...”

No mesmo programa, a bebida novamente é o destaque em uma produção sobre uma balada ao ar livre. A chamada do bispo Adilson Santos já dá o tom da reportagem: “Jovens que vão para a balada e extrapolam no uso da bebida” (BALADAS NOTURNAS, 2012). Em seguida, entra a reportagem conduzida na mesma linha:

Off do repórter: Litoral de São Paulo. Uma balada na praia, entrada livre, milhares de pessoas se divertindo. Ao ritmo de muita música e de muita bebida. (entra sobe-som de música muito alta e imagens de jovens fazendo um brinde).

Off do repórter: Descontração aqui tem nome: cerveja, cachaça e vodka, direto do gargalo. É um cachaçal coletivo. São muitas misturas: vodka com suco, vodka com

refrigerante e cachaça com tudo. Álcool em excesso. (entra imagem de um jovem cambaleando na rua).

Off do repórter: Quando vê a câmera, ele acerta a nossa câmera. (entra imagens da mão do jovem tampando a lente, o que faz com que ela escureça).

Off do repórter: Voltamos a filmar e ele insiste. Quer briga, mas acaba nocauteado. (entra imagens do jovem caindo no chão devido ao seu estado e, em seguida, sendo carregado por policiais, já desmaiado).

Off do repórter encerrando a matéria de forma enfática: O rapaz entra em coma alcoólico. (BALADAS NOTURNAS, 2012)

Conforme Carranza, os programas televangélicos em sua maioria buscam fazer contraponto à programação profana, veiculando programas “sadios” que moralizam *os mass media* (CARRANZA, 2011, p.190), normalmente ainda demonizados por grande parte das instituições religiosas. O curioso no caso do programa *Fala Que Eu Te Escuto* é que a produção se vale de uma programação profana, pois exhibe reportagens extraídas de telejornais da Rede Record, mas consegue, através de uma nova edição, dar um novo enfoque. O produto final é impregnado de valores morais com os quais compactua a IURD. Em outras palavras, podemos afirmar que o produto traz consigo a marca indelével de seu produtor.

No entanto, para que o produto seja bem aceito no concorrido mercado religioso, é necessário que ele atinja os consumidores/fiéis. Mais do que isso, é preciso fazer com que o telespectador se reconheça naquilo que lhe é oferecido, o que, *a priori*, já faz parte da sociedade do espetáculo. Como assinala Debord:

[...] A consciência expectadora, prisioneira de um universo achatado, limitado pela tela do espetáculo, para trás da qual sua própria vida foi deportada, só conhece os interlocutores fictícios que entretêm unilateralmente com sua mercadoria e com a política de sua mercadoria. O espetáculo, em toda sua extensão, é sua “imagem do espelho”. Aqui se encena a falsa saída de um autismo generalizado. (DEBORD, 1997, p.140).

Para fazer com que o telespectador se reconheça no drama apresentado pelo programa, uma das estratégias adotadas como recurso narrativo é o melodrama existencial. A música “Carta para Deus” (Adilson Silva), uma espécie de hino do programa *Fala Que Eu Te Escuto*, consegue exprimir em um de seus trechos a melodramatização que será explorada ao

longo do mesmo: “[...] Diz que eu sou a palmatória do mundo/ Que pra mim talvez não tenha jeito/Talvez seja melhor desistir/O que está feito, está feito/ É que nos palcos da vida, quando se fecham as cortinas/ É dura a realidade, a minha dor jamais termina/ Já não ouço mais aplausos, os amigos viraram as costas [...].”

3.4.1.3 - *Melodrama existencial*

De acordo com Carranza, é na perspectiva da exploração da aflição, da dor cotidiana, priorizando temas como a tristeza, a desgraça, a violência que grande parte dos programas evangélicos trabalha (CARRANZA, 2011, p.206). O programa *Fala Que Eu Te Escuto* se inclui perfeitamente nessa perspectiva, a qual a autora denomina de melodrama existencial. A inclusão da narrativa melodramática tem toda uma razão histórica e cultural. Como lembra Roberta Manuela Barros Andrade, o melodrama é uma forma cultural que se tornou popular desde o século XIX. (ANDRADE, 2003, p.53). Conforme Martín-Barbero, esse gênero teve aceitação impar na América Latina, passando a fazer parte de nossa matriz cultural:

Nenhum outro gênero conseguiu agradar tanto nesta região quanto o melodrama, nem mesmo o de terror – e não por falta de motivos – ou o de aventuras – ainda que tampouco faltem selvas ou rios. É como se estivesse nele o modo de expressão mais aberto ao modo de viver e sentir de nossa gente. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.304).

O melodrama se manifesta de várias maneiras em nossa cultura, contribuindo de forma decisiva na construção de nosso imaginário coletivo. Como salienta o autor: “Em forma de tango ou telenovela, de cinema mexicano ou reportagem policial, o melodrama explora nestas terras um profundo filão de nosso imaginário coletivo, e não existe acesso à memória

histórica nem projeção possível sobre o futuro que não passe pelo imaginário [...]. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.304).

Uma das razões do sucesso do melodrama apontados pelo pesquisador é que esse gênero dramaturgico permite que as pessoas se reconheçam nele, através de um mecanismo denominado de *interpelação*. “Todo sujeito está sujeito a outro e é ao mesmo tempo sujeito para alguém” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.305). Fatores sociais e econômicos, sobretudo, farão com que aqueles que têm a “sociabilidade negada” se reconheçam nas histórias de outrem.

Essas histórias não precisam ser necessariamente de sucesso, pois como observa Morin (1969, p.86) os telespectadores podem se identificar tanto com os heróis quanto com personagens que lhe são estranhas, que fazem com que se sintam vivendo experiências as quais não praticam. Dito de outra forma, no caso das telenovelas, por exemplo, os telespectadores podem se identificar quer com os mocinhos quer com os vilões.

Cientes da importância do melodrama e dos processos de identificação/projeção que dele decorrem é que alguns programas evangélicos, dentre eles o *Fala Que Eu Te Escuto*, fazem desse recurso um de seus principais focos narrativos. São substratos do gênero melodramático, explorados especialmente nas telenovelas, encontros e desencontros entre pais e filhos, entre pessoas que se amam; a decadência que se dá entre ricos que ficam pobres da noite para o dia, famosos que caem no esquecimento; pessoas trapaceadas, dentre outros.

No programa “Trabalho da Polícia” (12/03), foi dada ênfase às ações desenvolvidas pela Polícia Militar. Portanto, a melodramatização foi um recurso narrativo pouco utilizado, mas esteve presente no “Momento da Oração” a cargo do pastor Jonas Pelegrini:

[...] Nós sabemos, meu Pai, quantas pessoas que sofrem agora por não conseguirem ver a Justiça. Pessoas que até hoje choram a perda do filho que foi assassinado. Pessoas, meu pai, que trazem o grito da Justiça dentro de si, mas não conseguem vê-la.

Intercedemos, meu Pai, pelas autoridades que também sofrem. Pelos policiais que dão a vida pelo trabalho, mesmo não tendo recursos. Eles se esquecem, às vezes, até da família para dar a vida à sociedade, às pessoas. Vá de encontro às pessoas que estão doentes, desesperadas, deprimidas. Pessoas que se sentem inseguras e que estão sendo ameaçadas de morte. Por esta mãe que tem um filho viciado no crack, na cocaína. A todas as pessoas que assistem ao programa[...] (TRABALHO DA POLÍCIA, 2012)

No programa “Golpistas171” (2012), a reportagem mostra o drama de famílias de formandos que foram trapaceadas por uma empresa especializada em eventos. Ao chegarem ao local do baile de formatura de seus filhos, descobriram que o principal momento da festa não aconteceria, pois a firma descumpriu essa parte do contrato, deixando-as no prejuízo. O *off* do repórter diz: “Cada estudante pagou mil e quinhentos reais pelo pacote que incluía viagem para Porto Seguro e Colação de Grau. Os dois eventos foram realizados, mas na hora do baile, a empresa Lilith deixou os alunos sem nada para comemorar” (GOLPISTAS 171, 2012). Em seguida, entra sonora com a mãe de um dos formandos que, desesperada, declara: “Não são somente 250 formandos, mas 250 famílias que estão aqui. É decepção para os pais, é decepção para eles que estão aqui.”(GOLPISTAS 171, 2012)

As reportagens que compõem o programa “Artistas Esquecidos” (2012) se esmeram na exposição de melodramas existenciais, a começar pela reportagem que mostra a decadência do músico Renato Rocha. Após exibir cenas espetaculares do baixista vivendo no Rio de Janeiro como um mendigo, o *off* da repórter diz assim: Renato Rocha tinha tudo para ser um artista produtivo, rico e famoso até hoje. Ele fez parte da formação original da Legião Urbana. Participou dos três primeiros discos e ajudou a compor algumas músicas, como “Geração Coca-Cola” e Eduardo e Mônica” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012).

Outro trecho da reportagem relata como ele deixou de pertencer ao grupo: “O baixista Renato Rocha foi expulso da banda. Dois ex-integrantes da banda, Dado e Bomfá explicam o motivo”. Na sequência, sonora com os músicos: “Primeiro, que ele era muito louco. Depois, ele perdia ensaio. Eu não entendo o que aconteceu, foi um vacilo dele. Até que um dia a gente falou chega, você tá atrapalhando.” A matéria prossegue no *off* da repórter:

“Vinte e cinco anos depois Renato recorda os dias de sucesso”. Entra sonora com Renato Rocha: “Você tem saudades?” Ele responde, enxugando as lágrimas: “Penso nisso todo dia...” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012)

Mais adiante, a matéria fala sobre a solidão do músico: “Hoje, distante da família, distante dos amigos, Renato Rocha bem de longe lembra o sucesso da Legião Urbana” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012). Mas o drama não termina aí e, para que ele seja completo, é preciso envolver a família. Assim sendo, a reportagem é complementada em Brasília, onde mora o ex-militar e atual advogado Sebastião Rocha, pai do baixista. A matéria começa assim: “Em um pequeno escritório aqui na capital, Seu Sebastião topou falar sobre o que teria acontecido com Renato”. Em seguida, a repórter pergunta: “O senhor sabia que hoje seu filho vive nas ruas?” Ele responde: “Tomei conhecimento disso há poucos dias”. O *off* da repórter prossegue falando da indignação do pai: “Seu Sebastião, diz que sempre procurou dar uma boa educação a seus filhos e não entende como Renato pôde ir parar nas ruas”. Uma nova sonora com o pai revela a sua dor: “Um problema que dá nó até em cabeça de psicólogo. Não dá para entender”. O *close* no rosto dele mostra os olhos lacrimejantes.(ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012)

A matéria continua explorando a emoção do pai, como mostra o *off* da repórter: “O pai de Renato não vê a hora de tirar o filho dessa situação. Quando pergunto a ele se sente saudades , mesmo com o jeito durão de militar, ele se emociona.” Seu Sebastião permanece calado. A repórter insiste: “O senhor tem saudades dele”? Com as lágrimas já escorrendo, responde: “Eu penso nele vinte e quatro horas por dia”. (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012)

A mesma carga dramática é usada na reportagem com Deborah Blando, a começar pelo *off* da repórter: “Uma voz calada pelo desespero. Refém da própria. Uma vítima do *show-biz*”. Ao ser entrevistada, explica o que lhe acontece: “Cresci muito como artista, mas minha vida pessoal ficou para trás. Hoje em dia, minha família são os cachorros” (ARTISTAS

ESQUECIDOS, 2012). Imagens de Deborah atravessando uma ponte com ar solitário, levando dois cachorros pela coleira, demonstram sua dor. O *off* da repórter reforça ainda mais a trajetória da artista, marcada por altos e baixos: “A cantora, que viveu o auge do sucesso nos anos 90, amargou quase uma década de ostracismo”. Na sonora que se segue, ela lamenta: “As pessoas acham que você sumiu do planeta, que você não existe mais” – referindo-se ao fato de ela não ser mais uma pessoa famosa. (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012)

Na ótica do programa, tanto Deborah quanto Renato Rocha experimentaram o sucesso e a fama, mas ambos não souberam lidar com isso. Devido às adversidades da vida, perderam tudo. Suas identidades foram ultrajadas e suas fotografias encontram-se expostas na galeria de outras tantas ex-celebridades que:

Feridas pela experiência do abandono [...] suspeitam ser peões do jogo de alguém, desprotegidas dos movimentos feitos pelos grandes jogadores e facilmente renegadas e destinadas à pilha de lixo quando estes acharem que elas não dão mais lucro. Consciente ou subconscientemente [...] são assombradas pelo *espectro da exclusão*. (BAUMAN, 2004, p.53).

Como complementa o autor, “Autoridades hoje respeitadas, amanhã serão ridicularizadas; celebridades serão esquecidas; ídolos formadores de tendências só serão lembrados nos *quizz shows* da TV; novidades consideradas preciosas serão atiradas nos depósitos de lixo [...]”. (BAUMAN, 2004, p.58). Por mais paradoxal que possa parecer, o melodrama faz com que as pessoas se identifiquem não só com o que está em alta, pois uma de suas principais características é exacerbar a luta entre o sucesso e o fracasso, entre o bem e o mal, entre o pecado e a virtude.

E é justamente essa polarização entre o pecado e a virtude que será tratado no programa “As Infieis” (2012). Os motivos apontados pelas “traidoras” são situações dramáticas vivenciadas por milhares de mulheres de todo o mundo. Uma delas, ao ser indagada pela repórter sobre a relação com o marido, responde: “Meu marido não me dá afeto. Hoje em dia, nós somos apenas amigos. Não tem mais um beijo, não tem mais carinho,

não tem mais nada”. O *off* da repórter prossegue dizendo: “A mulher se manteve fiel por vinte anos. De repente, começou a mudar de atitude e trair o marido”. Entra sonora com a mulher novamente justificando a traição: “Hoje em dia a gente briga muito, tem um relacionamento difícil, ele tem um gênio muito forte. Tem horas que ele me magoa muito pelo jeito que ele me trata”. (AS INFIEIS, 2012)

Na mesma reportagem, uma outra entrevistada, já separada do marido, se diz decepcionada com o casamento e explica o motivo da separação: “Ele queria continuar levando uma vida de solteiro. Eu me sentia muito fragilizada com essa situação e isso me levou a traí-lo. Mas foi uma vez só, em uma festa. Foi um caso passageiro” (AS INFIEIS, 2012). Apesar de, em alguns momentos, o programa mostrar o drama das mulheres que, por alguma razão, são levadas a trair o marido, colocando-as até mesmo na condição de vítimas, mesmo assim a mensagem é clara: a infidelidade feminina é mais imoral do que a masculina.

No programa “Baladas Noturnas” (2012), buscando mostrar o quanto essas festas são nocivas não só para os jovens que delas participam, mas para toda sociedade, a melodramatização, recurso bastante utilizado, serve mais para mostrar o drama daqueles que são vítimas deste aterrorizante demônio que ataca nas madrugadas. Uma das reportagens começa enfocando o desespero dos pais, como mostra o *off* da repórter: “As baladas são, em sua maioria, frequentadas por jovens que deixam seus pais em casa aflitos. Imaginem se esses pais escutam esse refrão” (BALADAS NOTURNAS, 2012) . Entra sobe-som da música “Mãe, tô na balada” (Trio Bravana) que certamente contribui para aumentar a aflição dos pais: “Ô mãe, tô na balada!/Não se preocupe que eu tô sendo bem cuidado pela mulherada/Ô mãe, relaxa aí!/Se você soubesse da verdade e da metade do que eu já bebi...”

Vale ressaltar que o programa *Fala Que Eu Te Escuto* é exibido na madrugada e pais e mães, cujos filhos estão na balada, assistem a ele. Inevitavelmente, serão tocados pelas dramatizações apresentadas pelo programa. Com certeza, eles se reconhecerão no drama.

Uma vez sensibilizados e provocados, tornam-se alvos fáceis dos milagreiros televisivos de plantão.

3.4.1.4 - *O milagre virtual*

O milagre é parte indissociável de qualquer programa televangélico, que o explora em maior ou menor escala. Para Carranza (2011, p.209), o que vai diferir nos diversos programas existentes são as formas de se interpretar o que é o milagre, bem como sua função na vida do fiel. A autora acrescenta que, em algumas dessas produções, o milagre se torna tão corriqueiro que acaba se banalizando.

Esse não é, entretanto, o caso programa *Fala Que Eu Te Escuto*, que reserva uma pequena parte a essa prática, largamente explorada em programas das denominações religiosas concorrentes, como a Igreja Mundial do Poder de Deus. As primeiras produções televisivas de cunho religioso da IURD, como o *Despertar da Fé*, exaltavam o milagre, tanto através de demonstrações de pessoas que, após sofrerem algum tipo de intervenção sobrenatural, viam-se curadas de algum mal, quanto por meio de fiéis que testemunhavam terem sido beneficiados por algum tipo de milagre.

O próprio programa *Fala Que Eu Te Escuto* inicialmente, como sustentam Campos (1999) e Patriota (2009), seguia uma linha cujo o tripé eram exorcismo, cura e prosperidade. Mas essa fórmula foi sendo gradativamente abandonada, o que se deve ao fato de o programa ter procurado se tornar cada vez mais secular, com vistas a atingir um público mais heterogêneo. Com isso, os rituais de amarração e os de cura divina passaram a ficar restritos aos templos da IURD, não sendo mais levados ao ar. Isso se deu, certamente, porque

as cenas de transe podem chocar e até mesmo repelir telespectadores que não comungam dessas crenças.

Mesmo assim, o programa dedica uma parcela de seu tempo ao milagre, que acontece durante o quadro fixo “Momento da Oração”. É quando os apresentadores/pastores, em um cenário próprio para isso, ajoelham-se e, de posse de um copo d’água cristalino, convocam os telespectadores a fazerem o mesmo. Vale lembrar que, conforme Eliade (2008, p.112), “a água natural possui a virtude da santificação no sacramento, se Deus for invocado sobre ela”. Utilizando-se de uma *performance* convincente, os pastores tentam fazer crer que, através daquele simbolismo, a vida dos fiéis pode mudar. Para tal, basta que os mesmos coloquem o copo, preferencialmente, sobre o aparelho de televisão, para que aquela água se torne abençoada e, ao ser ingerida, o milagre se efetive.

Nesse instante em que entra no ar a prática milagrosa, normalmente retorna-se ao tema central do programa e se pede por aquelas pessoas, em geral problemáticas, retratadas nas reportagens que antecedem a esse quadro. No programa “Trabalho de Polícia”, os pastores intercedem não só pelos criminosos, mas também pelos “policiais que agem em prol da sociedade”. Pedem também pelos pais que têm filhos usuários de drogas. Eles repetem o tempo todo a frase “Nós intercedemos junto ao nosso Pai” e pedem que “através da água o poder de Deus envolva a todos” (TRABALHO DE POLÍCIA, 2012)

Já no programa “Golpistas 171”, a mensagem é mais generalista. O pastor pede ao Senhor que “nos atenda e nos dê a cura, a prosperidade, a libertação e a paz”. Vale ressaltar que o verbo libertar, segundo Campos (1999), no glossário evangélico, significa a vitória de Deus sobre os demônios que atormentam as pessoas. O sacerdote virtual solicita a interseção do Pai para “os que se encontram encarcerados, hospitalizados e todos os desfavorecidos”. Ao final, pede ao Senhor que “consagre esta água para que quando bebermos dela possamos receber vida, e vida em abundância” (GOLPISTAS 171, 2012).

No programa “Artistas Esquecidos”, a oração é feita quase que exclusivamente para o músico Renato Rocha, personagem principal daquele dia. Já na abertura o artista é lembrado: “Quantas pessoas, meu Deus, estão pensando em desistir da vida profissional, como esse rapaz que fez tanto sucesso e hoje mora nas ruas”. Mais adiante, o pastor conclama: “Então, meu Deus, toque no âmago, no mais íntimo desse ser... Toca nessa criatura, para que ela possa se erguer para que ela possa crer que tudo vai começar a mudar, a partir desse momento”. O copo d’água é erguido e novamente o músico é lembrado: “Que essa água, meu Deus, seja ungida e consagrada. Eu te peço pela vida desse rapaz, Renato Rocha...” (ARTISTAS ESQUECIDOS, 2012)

A infidelidade foi lembrada no “Momento da Oração” no programa que abordou o tema. O pastor dedicou sua prece “às pessoas que estão em busca de algo e que ainda não encontraram e pediu uma benção especial “para as pessoas que se encontram nessa situação, para aqueles que traem”. Em seguida, o pastor pede às pessoas que acompanham o programa que bebam seu copo d’água junto com ele. (AS INFIEIS, 2012)

No mais demoníaco dos programas, o que aborda as baladas noturnas, o momento do milagre pediu mais por aqueles pais que passam a noite toda, aflitos, à espera de seus filhos. O bispo Adilson Silva dedica uma parte significativa de sua mensagem a eles: “Quantos pais essa hora ficam sem dormir por causa dos filhos que estão na rua. Por mais cansados que estejam, não conseguem dormir”. Mais adiante, ele volta a mencionar o drama que envolve os familiares: “Pedimos pelas famílias, meu Deus. Nós sabemos que neste momento há mães que choram aflitas. Mães que estão tomadas de preocupação porque o filho ou a filha não voltou para casa”. (BALADAS NOTURNAS, 2012)

É de se supor que, como o programa vai ao ar de madrugada, pais insones assistem a ele, assim como outras pessoas que vivem algum outro tipo de desespero que não as deixe dormir. Em meio ao tormento, como ressalta Bauman, [...] há uma busca fanática e

furiosa por soluções de segunda classe, meias soluções, soluções temporárias, paliativos, placebos. Servirá qualquer coisa que possa afastar as dúvidas corrosivas e as questões irrespondíveis [...] (BAUMAN, 2004, p.75). Por que não aquele copo d'água cristalino que os pastores juram ser milagroso? Ao cederem aos apelos dos sacerdotes de plantão, ou seja, ingerindo-se o copo d'água, é possível que se esteja dando o primeiro passo para criar um vínculo inicial com a Igreja ali representada. Não é sem razão que, tão logo termina o momento do milagre, os pastores, ainda revestidos de uma aura de mediadores de Deus, imediatamente anunciam os eventos que acontecerão nos próximos dias nos Cenáculos do Espírito Santo.

Ao analisar a retórica da IURD, Campos (1999, p.305) explica que há todo um ordenamento cuidadosamente estudado, isto é, o “*Dispositio*”, que conduz a experiência religiosa dos fiéis ao longo do ritual. Embora ele se refira mais especificamente ao que acontece nos templos, verifica-se que essa mesma preocupação orienta a produção do programa *Fala Que Eu Te Escuto*. Dito de outra forma, nada no programa acontece de forma aleatória. Uma vez seduzidos pela promessa de um milagre, ofertado inicialmente através de um copo d'água abençoado, os telespectadores são instigados a conhecerem melhor aquela religião que, de maneira subliminar, apresenta-se como tendo soluções para todos os males que afligem a humanidade.

3.4.1.5 - *O convite à conversão*

Foi-se o tempo em que a conversão religiosa era feita no *tetê-a-tête*, batendo-se de porta em porta. Essa forma rudimentar de proselitismo religioso ficou restrita às seitas, como

as Testemunhas de Jeová, que ainda insistem nessa prática. A peregrinação deu lugar à sofisticação, pois a tarefa de converter almas em um mercado altamente competitivo passou a exigir das inúmeras religiões existentes sutilezas dignas de um comercial de TV ou de um programa eleitoral. Entretanto, vender sabão em pó ou um candidato certamente é mais fácil do que fazer com que uma pessoa faça adesão a uma religião. Isso porque se trata de um produto intangível. Não basta dizer que ele “lava mais branco” do que o outro. Nem que esse candidato é mais competente e honesto do que aquele outro. É preciso provar o que de essencialmente aquela religião tem de diferente das outras.

Nessa acirrada competição que hoje toma conta do campo religioso, ganha o jogo quem souber usar melhor as diversas técnicas de convencimento à disposição no mercado, nas quais se destacam os meios de comunicação. A IURD, reconhecidamente, tem-se saído muito bem nas disputas, mas para isso, não mede esforços. Lança mão de tudo que há de mais novo no mercado, mantendo-se sempre atualizada. Essa preocupação constante em estar em sintonia com o cenário comunicativo faz com que de tempos em tempos seus carros-chefes sejam modernizados.

O programa *Fala Que Eu Te Escuto* é um forte exemplo disso. Nele, a sutileza parece ser a isca para fisgar fiéis nesse mar revolto. A tentativa de conversão de novas ovelhas para seu rebanho ocorre nem sempre de forma explícita. A estratégia é assim: primeiro, demoniza-se ao máximo a vida cotidiana, mostrando-se a realidade pelo espectro da espetacularização e da dramatização, ingredientes já naturalizados pela maioria dos telespectadores. Trava-se no âmbito do programa um verdadeiro duelo entre o bem e o mal. Em outras palavras, entre Deus e o Diabo. Através de um formato bem diferente de grande parte dos programas televangélicos, nele o discurso religioso se esconde na maior parte do tempo em reportagens sensacionalistas, que conseguem seduzir os telespectadores sem que se lance mão da mesmice dos seus concorrentes. O óbvio, como mostrar pessoas deixando de

andar de cadeiras de rodas depois de um suposto milagre, não faz mais parte da estratégia do programa *Fala Que Eu Te Escuto*. O mesmo não se poderia dizer do maniqueísmo. Esse permanece, só que com um invólucro diferente. A batalha moral entre Deus e o Diabo ocorre de forma subliminar, mas é certamente o que constitui sua essência.

Ao assombrar o telespectador que, ao final do programa, se vê diante de um mundo repleto de problemas insolúveis, é chegada a hora de acenar com “a promessa fundamentalista de ‘renascer’ num novo lar cordial e seguro, do tipo familiar, uma tentação à qual é difícil de desistir”. (BAUMAN, 2004, p.53). Nos cinco programas analisados, o último quadro constitui-se no momento de estender os braços para os fiéis, convidando-os a conhecerem de perto o que a IURD tem a lhes oferecer. Basta uma visita a um de seus milhares de templos espalhados pelo Brasil e pelo Mundo. Depois de ofertarem aos telespectadores uma pequena amostra do milagre, através do simbolismo do copo d’água, os pastores/apresentadores passam a anunciar as atrações que serão realizadas nos templos da IURD nos próximos dias. No programa “Trabalho da Polícia”, anunciou-se a Santa Ceia, que seria realizada na quarta-feira, ou seja, na noite seguinte ao programa. Entretanto, o bispo Adilson Silva frisou: “Se você estiver sofrendo muito, não precisa esperar até lá. Nesta terça-feira teremos um trabalho de libertação em todos os Cenáculos do Espírito Santo”.

O anúncio feito após o programa “Golpistas 171” foi da construção do Templo de Salomão, o megatemplo que está sendo erguido pela Igreja Universal no bairro do Brás, em São Paulo, com dimensões astronômicas. Uma voz em *off* dava detalhes do projeto, cujo término está previsto para 2014. Vale lembrar que essa obra tem um custo estimado em trezentos e cinquenta milhões de reais. Divulgar os investimentos feitos pela Igreja pode ter uma dupla finalidade: justificar para onde vai o dinheiro do dízimo dos fiéis e, ao mesmo tempo, fazer um apelo no sentido de que não deixem de contribuir para que obras como essas sejam viabilizadas. Pode-se acrescentar ainda uma terceira finalidade: causar impacto positivo

nas pessoas que assistem ao programa, não necessariamente fiéis, mostrando a imponência dos investimentos realizados pela Igreja.

O “Dia da Verdade” foi o evento anunciado ao final do programa “Artistas Esquecidos”, Um detalhe importante ressaltado pelo apresentador é que esse evento aconteceria no próximo domingo, dia 1º de abril, considerado o Dia da Mentira sendo, portanto, uma forma de se contrapor a essa data, já que uma Igreja prega que a virtude não compactua com a mentira.

No programa “As Infieis”, a chamada de encerramento foi para o evento “Sexta-Feira do Impossível”. Coincidentemente, ele aconteceria no mesmo dia em que a Igreja Católica comemora a Paixão de Cristo, data que sequer é lembrada pela Igreja Universal. Somente no dia do programa sobre “Baladas Noturnas”, que se estendeu muito, provavelmente por uma questão de tempo, não houve chamada para atividades realizadas nos templos.

Os anúncios das atrações nos templos feitos pelos apresentadores/pastores são realçados na parte baixa da tela, onde aparecem não só o nome deles impresso, mas também endereços destacados dos Cenáculos do Espírito Santo. Tudo isso devidamente ilustrado por imagens criteriosamente escolhidas de igrejas lotadas de fiéis cantando e louvando o Senhor. Dessa forma, busca-se mostrar uma igreja forte e vigorosa, onde habita um Deus com as mesmas qualidades. Mais que isso: um Deus grandioso, assim como a maior igreja evangélica do Brasil. A IURD tem a presunção não só de oferecer um Deus especial aos duvidosos ou incrédulos. Ela vai além, pois se julga capaz de reordenar o caos oriundo de um estado anômico não só no plano espiritual como também no material. Em entrevista exclusiva à revista *Isto é*, seu líder Edir Macedo fez a seguinte declaração:

[...] Quantos bilhões os governos economizam com o atendimento espiritual proporcionado pela Igreja Universal? Quando alguém vence uma crise crônica de depressão ou supera o vício das drogas, por exemplo, quanto o sistema de saúde

pública economiza? Imagina esse efeito multiplicado aos milhões. (MACEDO, 2012, p.76).

Mais que uma Igreja, a Universal de Macedo é um pronto-socorro espiritual que se contrapõe ao caos que está hoje a saúde pública, oferecendo aos desassistidos atendimento sem filas de espera e cujo preço a pagar é apenas o dízimo.

CAPÍTULO QUATRO

PROGRAMA *DIREÇÃO ESPIRITUAL*

4- PROGRAMA DIREÇÃO ESPIRITUAL

Neste capítulo, debruçaremos sobre o programa *Direção Espiritual*, transmitido pela TV Canção Nova. Assim como no caso do programa evangélico, o nosso *corpus* também será constituído por cinco programas, amostra que consideramos atender aos critérios de representatividade necessários à AC. Da mesma forma que o *Fala Que Eu Te Escuto*, o programa do Padre Fábio de Melo possui uma formatação adequada, com horário e tempo de apresentação estipulados, diferentemente de grande parte dos outros programas católicos que, muitas vezes, são transmitidos em tempo real de templos ou santuários, com a predominância de uma linguagem cúltica.

Inicialmente, buscaremos contextualizar o programa dentro do emaranhado de vertentes que a Igreja Católica vem apresentando ao longo dos séculos, sendo hoje no Brasil a mais forte delas o Movimento de Renovação Carismática Católica, ao qual estão ligados a TV Canção Nova e o padre-cantor Fábio de Melo. Em seguida, descreveremos o arsenal de comunicação de que dispõem a Renovação Carismática Católica (RCC). Para finalizar, analisaremos a mensagem do programa, também tendo como suporte a AC.

4.1- O MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICO: BERÇO DOS PADRES-CANTORES

De acordo com Smith (1991), o Catolicismo firmou-se como religião no ano 313 d.C, quando foi legalmente reconhecido, passando a ter os mesmos direitos que as outras religiões existentes no Império Romano, do qual se tornou religião oficial no ano 380 d.C. Até

1054 d.C, não sofreu cisões significativas, até que naquele ano ocorreu sua primeira divisão com o surgimento da Igreja Católica Ortodoxa ou Igreja do Oriente, a qual se contrapôs à Igreja Católica Romana. A outra grande divisão só viria a acontecer no século XVI, com a Reforma Protestante, que deu origem inicialmente a quatro grandes ramos: Batista, Luterano, Calvinista e Anglicano, depois se subdividindo em milhares de denominações religiosas.

Apesar desses cismas, ao longo de sua história secular, o Catolicismo soube como nenhuma outra instituição religiosa administrar seus conflitos internos e externos, ainda que de forma autoritária em muitos momentos. Haja vista, por exemplos, a Inquisição (origem: século XII) ou, mais recentemente, a perseguição a padres vinculados à Teologia da Libertação. As mãos de ferro da autoridade papal fizeram com que, conforme Smith, até hoje o Catolicismo seja a religião dominante na Europa central e meridional, na Irlanda e na América do Sul. (SMITH, 1991, p. 329).

Uma das características fundamentais da religião católica é que esta possui uma administração hierarquizada, sendo o Vaticano, em Roma, o centro das decisões sobre tudo o que diz respeito à doutrina católica. Mesmo assim, não há como afirmar que existe em todos esses continentes um Catolicismo único, essencialmente igual. Embora a maioria dos preceitos da doutrina católica seja seguida onde ela se faz presente, Carranza sustenta que não existe um Catolicismo e sim “Catolicismos”. (CARRANZA, 2011).

No Brasil, considerado até hoje a maior nação católica do mundo - 65 % da população declararam esta pertença religiosa no Censo Demográfico de 2010 -, esses “Catolicismos” trazem em seu bojo propostas religiosas que se situam em extremos. Carranza enumera alguns deles como parte da paisagem católica brasileira, mas, de forma sintética, teríamos de um lado, representando o Catolicismo progressista, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), desde sua origem mais identificadas com as questões sociais e políticas; de

outro lado, o Catolicismo midiático, “um Catolicismo de massas para massas” (CARRANZA, 2011, p. 279), que tem como seu carro-chefe a RCC.

Considerado na atualidade o movimento mais pujante da Igreja Católica no país, a RCC, introduzida aqui em 1960, veio ao encontro da necessidade de um Catolicismo que contemplasse mais a assistência espiritual, relegada a segundo plano pelas correntes voltadas para as causas políticas, como a luta contra a Ditadura Militar. Desde o início, a RCC supriu essa lacuna deixada pelos setores progressistas da Igreja.

A RCC enfatiza os dons e carismas, bem como o batismo no Espírito Santo, uma das três pessoas da trindade católica. De origem americana, foi trazida para o Brasil pelo padre Harold Joseph Rahm, sacerdote texano pertencente à ordem dos Jesuítas. Num primeiro momento, foi fundado o movimento de Treinamento de Lideranças (TLC) e, mais tarde, já no final da década de 60, o movimento de Renovação Carismática Católica propriamente dito.

Inicialmente, a RCC se instalou em Campinas, cidade que se configurou como um pólo difusor do movimento. Sua formação original era de fiéis oriundos da classe média, que se reuniam em salões paroquiais ou em locais próximos às paróquias, sob o olhar desconfiado do clero. Afinal, tratava-se de algo novo, cujas consequências para a Igreja Católica eram imprevisíveis, mas, ao contrário do que alguns setores imaginavam, não era um movimento dissidente.

De acordo com Carranza, além do TLC, cujo objetivo era iniciar os jovens na vivência espiritual através dos encontros catequéticos, pode-se identificar como outra forma embrionária da RCC os chamados Cursilhos de Cristandade, surgidos em decorrência do Concílio Vaticano II (1962-1965) que modernizou a Igreja Católica. De origem espanhola, eles se tornaram muito frequentes no Brasil, sobretudo na década de 60, perdurando até a década de 80, sendo uma de suas finalidades a formação de lideranças leigas. Muitos membros desses Cursilhos passaram a integrar mais tarde a RCC. (CARRANZA, 2000, p.32).

Além do padre Harold, outro sacerdote que impulsionou a RCC foi o padre Eduardo Dougherty. Nascido nos Estados Unidos e ordenado jesuíta, a partir de 1969, passou a viver no Brasil, onde fundou a Comunidade Aliança Jesus Te Ama, que viria a dar suporte para o movimento carismático. Com uma visão empreendedora e responsável por introduzir elementos do *marketing* na RCC, uma de suas primeiras realizações foi a publicação do livro *Sereis batizados no Espírito Santo*, obra aprovada pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – e prefaciada pelo bispo de Campinas, Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, considerado conservador.

Essa publicação deu início a um trabalho de divulgação do movimento carismático no país, além de sinalizar a quebra de resistência ao mesmo pela cúpula da Igreja Católica, que se dava principalmente pelo fato de ser considerado uma forma de manifestação de corte pentecostal, sendo tachado, inclusive, de pentecostalismo católico.

O reconhecimento do movimento carismático pela CNBB, no entanto, só aconteceu de fato em 1973, quando foi declarado, ainda que com ressalvas, “um novo modo de ser da Igreja”. Nesse mesmo ano, o Papa Paulo VI também reconheceu o movimento, ratificando a aprovação do mesmo em 1979. Até porque não havia razão para não o reconhecer, já que se tratava de um movimento de caráter conservador que nunca negou, muito pelo contrário, a pertença ao Catolicismo.

Com o aval da hierarquia católica em nível nacional e internacional, a RCC deslanchou. Com vistas a se manter e crescer, a partir de 1975 começou a se estruturar. Através da realização de eventos como congressos, foi ganhando força e um maior número de adeptos, além de garantir espaços nas publicações oficiais da CNBB. Vale lembrar que o movimento avançou num contexto histórico marcado pelo autoritarismo, pela pobreza e influência norte-americana, ou seja, no mesmo cenário que propiciou o crescimento das

igrejas neopentecostais. Não por acaso, a explosão do movimento carismático católico se deu a partir da década de 90, coincidindo com o “boom” do neopentecostalismo.

Segundo Weber, “a busca carismática e verdadeiramente mística da salvação, por parte dos virtuosos religiosos, foi, naturalmente, em toda parte apolítica ou antipolítica, pela sua própria essência”. (WEBER, 1974, p.252). No Brasil, não foi diferente. Sem nenhuma forma de engajamento político, os carismáticos católicos se espalharam pelo território brasileiro, marcando presença principalmente através dos grupos de oração. Esse crescimento fez com que o movimento necessitasse de uma estrutura organizativa, levando-o a se institucionalizar. Dessa forma, pôde se consolidar e se vincular ao movimento internacional, o que lhe permitiu a obtenção de recursos financeiros vindos do exterior.

Atualmente, a RCC é formada por um Conselho Nacional. Todos os projetos e atividades do movimento são articulados por um projeto mais amplo denominado Ofensiva Nacional, cuja finalidade precípua é promover atividades para atrair os membros afastados da Igreja Católica, aumentando assim o número de fiéis. Em suma, toda essa organização visa, em última instância, à manutenção da hegemonia católica. Mesmo que não haja uma unanimidade em torno do movimento por parte das várias alas da igreja, credita-se à RCC uma capacidade de promover a readesão e a conversão de novos fiéis.

As marcas registradas da RCC são: emotividade, afetividade, espontaneidade e uma grande capacidade aglutinadora. O movimento ficou conhecido inicialmente pelo gesto típico dos fiéis de erguer os braços durante as liturgias, ao som da música “Erguei as mãos”, de autoria do Padre Marcelo Rossi, um de seus maiores ícones. Eventos como os Cenáculos, o Rebanhão e o Encontrão – uma alternativa ao Carnaval “profano” –, geralmente realizados em espaços físicos públicos, também contribuíram de forma decisiva para dar-lhe visibilidade. Neles, assim como nos acontecimentos das igrejas pentecostais, não raro têm lugar curas espirituais e milagres. Como salienta Carranza:

Esses eventos apresentam um duplo movimento: de um lado, atrai o católico afastado, apresentando-lhe um Catolicismo vigoroso capaz de aglutinar maiorias e mostrando um relativo poder e hegemonia da Igreja Católica. De outro lado, oferece um serviço religioso de massas que favorece o trânsito religioso (CARRANZA, 2000, p.53).

Se na forma de celebrar a fé os adeptos da RCC são despojados, o mesmo não se pode dizer dos valores morais que cultuam. Para Weber (1974, p.257), nas religiões de salvação, como é a católica, sempre houve uma tensão entre o sexo e a religião. Os adeptos do movimento vivenciam essa tensão, pois, em relação à sexualidade, mantêm-se conservadores:

A sexualidade no universo carismático é voltada para moralizar e disciplinar os impulsos sexuais, quando não se torna numa demonização da atividade e da orientação como último recurso para frear aquilo que, na sua concepção da sexualidade, a RCC condena como pecado. Essa última postura da Igreja não é nova, muito pelo contrário, ela acompanhou-a no processo de cristianização do Brasil. (CARRANZA, 2000, p.152).

Com relação à contracepção, apesar de haver divergências de opinião dentro do próprio movimento, há uma tendência dominante em só fazer uso dos métodos naturais aceitos pelo Vaticano. Isso porque os carismáticos procuram seguir à risca os dogmas da Igreja, pois, em nome da virtude, sua sexualidade é baseada em princípios (WEBER, 1974, p. 257), já que almejam a santificação pessoal.

Outro traço característico dos participantes da RCC é a atividade devocional intensa, sendo que a prática religiosa ocupa lugar central em suas vidas. Assim sendo, além de missas, principalmente os jovens frequentam locais criados pelo movimento, como os barzinhos de Jesus, as Cristotecas e a “aeróbica” de Jesus, que representam “um estilo de vida moderna revestido de uma rubrica sagrada” (CAMURÇA, 2011, p.5). Apresentando outras semelhanças com o neopentecostalismo, movimento ao qual deve fazer frente, os carismáticos formam hoje um grupo representativo e já consolidado não só dentro da Igreja Católica, como também no cenário religioso brasileiro.

Para se ter uma ideia da envergadura do movimento, atualmente ele conta com duzentas e oitenta e cinco coordenações arquidiocesanas ou diocesanas, organizadas e cadastradas junto ao Escritório Nacional, e com vinte mil grupos de oração, números que conferem ao Brasil a posição de uma das maiores nações carismáticas do mundo, como atesta Edênio Valle:

O Brasil, que rapidamente absorve qualquer novidade religiosa, não tardou em se tornar uma das maiores nações carismáticas católicas do mundo. Eles representam, nos dias de hoje, a força provavelmente mais organizada e motivada de que dispõe a Igreja Católica em nosso país. Claro que a força do movimento não se explica pela regularidade quase uniforme dos comportamentos, mas sim pela legitimidade que recebeu, em 1973, de Paulo VI, e foi amplamente ratificada e ampliada durante o pontificado de João Paulo II. Mas não só. Ela vem de dentro da experiência religiosa que esses católicos realizam na RCC. Sem esse zelo religioso – que parece ser mais durável que em outros movimentos – não se explicaria a eficácia da RCC. Não nos esqueçamos, porém, que essa eficácia tem seu alicerce em uma organização interna e externa muito bem planejada. Hoje, a RCC está organizada em todo o país e possui uma máquina que funciona dentro de razoáveis padrões de modernidade. (VALLE, 2004, p.6).

A máquina da qual dispõe a RCC é azeitada pelo uso dos meios de comunicação, antes usado com parcimônia pela Igreja Católica. No ímpeto de alardear as boas novas e de competir em condições de igualdade com o pentecostalismo, cujo crescimento ameaça a hegemonia católica, o movimento carismático se torna cada vez mais midiático. Essa veia pulsante do Catolicismo já não teme usar o próprio veneno da serpente como antídoto para estancar a ferida que volta a sangrar a cada novo Censo.

4.2- O APARATO COMUNICACIONAL DA RCC

Ao discorrer sobre a RCC no Brasil, Edênio Valle fez a seguinte afirmação: “Hoje em dia, o católico médio dificilmente sabe o nome do Presidente da CNBB, mas todos sabem quem é o Padre Marcelo Rossi”. (VALLE, 2004, p.8). Conforme o autor, as diretrizes do Papa ou da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - conseguem muito menos ressonância junto à opinião pública do que a palavra de alguns líderes carismáticos que usam e abusam da mídia para se comunicarem.

Essa superexposição midiática é justamente o que tem conferido à RCC uma grande visibilidade, necessária à sobrevivência do Catolicismo em meio a um “painel religioso matizado” (BENEDETTI, 2001, p.47) que redesenhou o país especialmente a partir dos anos 80. A adoção de um “estilo midiático [...] demonstrado nas grandes concentrações dos show-missas com seus padres-cantores, nos maiores estádios de futebol brasileiros e na penetração dos modernos meios de comunicação de massa como a televisão e a internet” (CAMURÇA, 2011, p.7) é condição *si ne qua non* para que o Brasil continue a ostentar o título de maior nação católica do mundo.

Ações para alcançar esse objetivo não faltam. Um bom exemplo disso foi o 1º Encontro Mundial de Jovens da Renovação Carismática Católica, realizado no Brasil, em julho de 2012, em Foz do Iguaçu (PR), que reuniu quatro mil jovens vindos de todos os continentes. O evento cujo tema foi “Em Jesus, as nações porão sua esperança” é uma pequena amostra do que deverá ser a Jornada Mundial da Juventude, o maior evento da Igreja Católica, cuja expectativa é de um público de dois milhões de pessoas oriundas de todas as partes do mundo.

Marcado para julho de 2013, no Rio de Janeiro, dez dias depois do encerramento da Copa das Confederações no Brasil, o megaevento contará com a presença do Papa Bento XVI, que celebrará uma missa durante uma vigília em local a ser escolhido pela organização. Para se ter uma ideia da dimensão da jornada, apenas o réveillon da Praia de Copacabana, que reúne pessoas do mundo inteiro, alcança um público de dois milhões de pessoas, projeção feita para o megaencontro católico. Sob o lema “ide e fazei discípulos em todas as nações”, a jornada tem um claro propósito evangelizador. A escolha do Brasil para sediar o encontro não se deu por um acaso, e sim por ser um país que passa por um evidente processo de “descatolização”. (CARRANZA, 2011).

A realização da Jornada Mundial da Juventude no Brasil, além de ter uma finalidade estratégica, vem coroar todo um trabalho que vem sendo desenvolvido pela Igreja Católica, sobretudo através da RCC, no sentido de dar visibilidade às ações praticadas pela instituição e amplificadas não só pela mídia secular, mas também por um aparato comunicacional próprio, que nada deixa a desejar a uma das igrejas mais competitivas de que temos notícias em nossos dias: a IURD de Edir Macedo.

Se o líder da Universal é proprietário da Rede Record, a segunda maior em audiência pelo Ibope entre os canais abertos, a Igreja Católica, ainda que oficialmente não possua nenhuma emissora, dispõe de três canais televisivos em âmbito nacional que propagam a fé católica: TV Rede Vida, TV Canção Nova e TV Século XXI, todas elas de propriedade de pessoas ou entidades ligadas à RCC. Estas emissoras exibem uma programação cujo conteúdo é eminentemente religioso. Além delas, existe também a TV Aparecida que atinge 200 cidades, inclusive 17 capitais, e duas emissoras mais locais, ou seja, a mineira TV Horizonte e a TV Imaculada Conceição de Campo Grande (MS).

Apercebendo-se de que “todo espectador é um rebanho virtual que pode se transformar em fiel ativo, passando da telinha para o templo” (CARRANZA, 2011, p.221), a RCC, desde o final da década de 1980, quando começou a funcionar a TV Canção Nova - mesmo nome de um dos grupos mais fortes do movimento-, passou a contar com a televisão como uma de suas principais aliadas para fazer frente ao crescimento das igrejas neopentecostais que começava a sinalizar naquela época. É possível afirmar que o televangelismo católico foi introduzido no Brasil pela RCC. Como atesta Hartmann:

Existe uma relação intrínseca entre o crescimento e a aceitação populares da RCC e a eclosão do televangelismo católico na mídia eletrônica. Este movimento contribuiu decisivamente para a presença de uma religiosidade de corte neopentecostal na mídia eletrônica e a diluição das linhas demarcatórias que definem e distinguem as produções midiáticas do Catolicismo romano das produções do cristianismo neopentecostal que tem no bispo Edir Macedo seu principal e mais conhecido expoente. (HARTMANN, 2000,p.4).

Antes da televisão, a Igreja Católica já contava com o rádio para fins de evangelização. De acordo com dados obtidos no site *Canção Nova Notícias*, a Rede Católica de Rádio (RCR) conta com cento e vinte emissoras de “inspiração católica”. Dentre elas, podemos destacar a Rádio Aparecida, a mais antiga delas, criada em 1951 e que encabeça a RCR, e a Rádio Canção Nova, que tem, como uma das principais atrações, o programa comandado pelo padre-cantor Fábio de Melo.

A presença na *web* também tem sido intensificada a cada dia pelo Catolicismo para propagar sua doutrina. Ao proferir palestra durante o Seminário de Jovens Comunicadores realizado pela CNBB, em maio de 2012, em Brasília, o padre Antônio Spadaro, autor do livro *Cyberteologia*, ressaltou que a internet tem um papel cada vez mais importante na construção da identidade religiosa dos jovens.

Em entrevista concedida à Revista IHU *On-line*, da Unisinos, por ocasião de sua estadia no Brasil, o teólogo italiano declarou que: “a rede e a igreja são duas realidades sempre destinadas a se encontrar. Cada vez mais, a rede está se tornando lugar de vida comum e a Igreja está dentro: com inteligência e, ao mesmo tempo, sem se alienar nesse ambiente, iluminando também os riscos”. (Revista IHU *On-line*, 2012, p.1).

Como prova de que a Igreja está inserida nas redes, ao acessar a internet, é possível encontrar portais do próprio movimento de Renovação Carismática, bem como de seus vários grupos, tais como Canção Nova e Resgate, que estão entre os mais fortes do movimento. *Blogs* de padres como Fábio de Melo, Marcelo Rossi, Reginaldo Manzotti e Zezinho, baluartes da RCC, ajudam a tecer uma enorme rede virtual a serviço da Igreja Católica na contemporaneidade.

Para além da grande participação na *web*, os ícones atuais do Catolicismo são campeões de venda de livros, CD’s e DVD’s. A título de exemplificação, em nota divulgada na Revista *Isto é*, intitulada “Finalmente, um tom maior”, o mercado fonográfico brasileiro

apresentou em 2011 um crescimento de 8,74% em relação ao ano anterior. Um dos responsáveis pela guinada foi o padre-cantor Fábio de Mello, juntamente com os *pop stars* Luan Santana e Paula Fernandes. (ISTO É, 2012 B).

Padre Fábio é o responsável pela apresentação de um dos programas religiosos da TV Canção Nova, o *Direção Espiritual*, exibido todas as quartas-feiras, no horário de 22 horas e reapresentado no sábado, às 20 horas, e na madrugada de domingo, no horário de 1 hora. Ele está no ar há sete anos e possui um público cativo, não necessariamente só de católicos, o que pode ser observado pelas mensagens que recebe, pois algumas pessoas se identificam como sendo de outra religião ou não tendo uma religião específica.

Com uma hora de duração, tendo apenas um intervalo comercial, o programa centra-se na figura do apresentador, uma espécie de consultor espiritual. Excepcionalmente, leva convidados para debater algum tema. Na maioria dos casos, o *Direção Espiritual* se restringe ao padre-cantor que comanda o programa de um estúdio, sem a utilização de cenas externas, como reportagens ou mesmo imagens de templos e/ou celebrações católicas. Ele só divide a cena, assim mesmo durante pouco tempo, com seu acompanhante de longa data – desde o segundo programa- o tecladista Cristian, com quem, às vezes, confabula uma conversa informal.

4.3- DIAGNOSE DO PROGRMA

Assim como fizemos com o programa *Fala Que Eu Te Escuto*, procederemos inicialmente à análise dos recursos sonoros e imagéticos do programa comandado pelo Padre Fábio de Melo. Nosso *corpus* é composto de cinco programas, gravados entre o período de 7

de março a 4 de abril de 2012, nos quais os temas abordados foram: “Deus cuidador” (7/03), “O sentido do Ano Novo” (14/03 – reprise de 5/01), “Saúde Integral” (21/03), “Não desistir nunca” (28/03) e “Páscoa da Ressurreição” (4/04), sendo este último exibido durante a Semana Santa, uma das principais datas católicas.

Os temas abordados são bastante afeitos à espiritualidade e, ao discorrer sobre os mesmos, mensagens terapêuticas com mensagens religiosas aparecem imbricadas. Mas, ao se deparar com o programa, o telespectador percebe rapidamente tratar-se de um programa de cunho religioso, com um propósito claramente evangelizador. É a voz do anjo que vos fala em um ambiente quase celestial.

4.3.1- Arsenal Cênico

Na definição do Grande Dicionário Sacconi (2010), o significado etimológico da palavra *clean* – de origem inglesa, porém já incorporada ao vocabulário brasileiro – é: limpo ou claro; sem excessos ou exageros; na medida ou no tom adequado. Assim pode ser descrito o cenário do programa *Direção Espiritual*, que se subdivide em basicamente quatro ambientes, por onde o apresentador circula.

Um deles é composto por paredes brancas, detalhes em pedra São Tomé. Ao centro, tem-se uma parede pintada com fundo *degradée*, em várias nuances que vão do vermelho até o alaranjado claro, sobre a qual está estampada a logomarca do programa, cujo único elemento é o próprio nome, escrito em uma letra manuscrita (Fonte: Edwardian Script IT) em alto relevo e tom laranja mais claro para contrastar com o fundo.

A paleta de cores utilizadas na logo do programa, com predominância de tons derivados do vermelho, certamente tem uma razão de ser. Para além de ser uma cor chamativa, como sublinha Pierre Weil, o vermelho é dotado de forte simbolismo. Conforme o autor “o vermelho deixou de ser uma mera cor e passou a ser símbolo de algo importante, pois remete à ideia de fogo, de um fruto maduro e do sangue.” (WEIL, 1986, p.26).

No Catolicismo, a cor vermelha é impregnada de simbolismo, a começar pela representação do Espírito Santo, através das línguas de fogo que caem sobre os apóstolos, dando-lhes a função de evangelizadores ou portadores da palavra do Senhor. O sangue derramado por Jesus Cristo na cruz é também exaltado nos ritos católicos. O vermelho está ainda entre as principais cores litúrgicas, sendo utilizado nos paramentos dos sacerdotes em algumas das mais importantes datas comemorativas desta religião, como na Paixão do Senhor, no Domingo de Pentecostes, nas festas de apóstolos e evangelistas, bem como nas celebrações de santos mártires.

O outro ambiente pertencente ao cenário consiste em uma porta de madeira quadriculada com vidros transparentes, de onde se vê, ao fundo, uma gravura de uma alameda. Próximo dali, está colocada uma poltrona de couro branca giratória. Ao lado dessa poltrona onde o apresentador se senta geralmente para responder às perguntas dos telespectadores, ou seja, para dar sua orientação espiritual, há uma pequena mesa com um *design* moderno: tampo de vidro, em formato triangular, com pés de madeira laqueados na cor preta. Nela, está exposto o único símbolo sagrado que compõe o cenário: uma réplica da imagem de Pietá, obra do escultor Michelangelo, cujo original se encontra na Basílica de São Pedro, em Roma. A imagem representa a Virgem Maria segurando Jesus em seus braços, um gesto que simboliza o amor incondicional de uma mãe para com seu filho.

Há ainda um outro ambiente composto por um balcão feito em madeira clara cuja parte da frente possui, como detalhe, ripas horizontais no mesmo material, sobre o qual se

encontra um *laptop* dourado fosco, da marca Machintosh, eventualmente usado pelo Padre Fábio de Melo para ler e-mails. Atrás desse balcão, há uma estante confeccionada na mesma madeira. Em seus nichos ficam expostos produtos religiosos comercializados pela TV Canção Nova, inclusive livros, CD's e DVD's do próprio apresentador, mostrados de forma sutil. Nos programas analisados, não houve nenhuma propaganda daqueles bens, porém a forma como são mostrados caracteriza um *merchandising*.

Eventualmente, é mostrado o local onde fica o músico Cristian, velho companheiro de Padre Fábio, acompanhado de seu teclado, que faz um fundo musical calmo e tranquilo. O programa se passa todo neste cenário acolhedor, não havendo qualquer tipo de conexão imagética com o mundo lá fora. É como se fosse uma casa, ou melhor, um doce lar. O clima é de intimidade. Essa impressão é passada também por outros recursos audiovisuais utilizados pela produção do *Direção Espiritual*.

4.3.2- Os recursos sonoros

No programa do padre-cantor Fábio de Melo, as músicas não são um simples detalhe. Escolhidas criteriosamente pela produção, são bastante pertinentes ao tema abordado e servem de gancho para as mensagens proferidas pelo apresentador. Todos os programas iniciam com ele cantando canções de sua autoria ou de outros compositores, que já vão anunciando o que será tratado pelo apresentador.

No programa sobre o tema “Deus cuidador” (7/03), a música selecionada foi “Deus cuida de mim”, de Kleber Lucas, cuja tônica é o Deus zeloso, o Deus protetor. Mas, para receber a proteção do Senhor, é preciso ter humildade e fazer jus ao seu infinito amor.

Como diz a letra: “[...] Eu preciso aprender mais de Deus .../Eu sei que existe alguém que me ama/Ele quer me dar a mão/Se uma porta se fecha aqui/ Outra se abre ali/Eu preciso aprender mais de Deus/Porque ele é quem cuida de mim/Deus cuida de mim.”

No programa seguinte, o “Sentido do Ano Novo” (exibido em 14/03 – reprise de 5/1), a canção escolhida foi “Semente do Amanhã”, de Gonzaguinha, filho do Rei do Baião, Luiz Gonzaga, e considerado um ícone da juventude dos anos 70. A letra fala de esperança de dias melhores: “Não se desespere não, nem pare de sonhar/ Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs...”, da importância de se ter fé: “Fé na vida, fé no homem ,fé no que virá...” e de que a mudança depende do próprio ser humano: “Nós podemos tudo/ nós podemos mais/Vamos lá fazer o que será”. A música, com certeza, se adequou ao espírito de renovação típico do Ano Novo, ressaltado durante toda a explanação do apresentador.

Ao falar sobre o tema “Saúde Integral” (21/03), o qual contou com a participação da nutricionista Gisela Savioli, a música utilizada na abertura foi “Casinha Branca”, de autoria de Gilson e Joran. Sucesso nos anos 80 e parte da trilha da novela *Pantanal* (de Benedito Ruy Barbosa, 1990) da Rede Manchete, entoada nas vozes de Sérgio Reis e Almir Sater, a canção faz uma contraposição da vida no campo e da vida na cidade. Ressalta que a felicidade está nas coisas simples, junto à natureza: “Eu queria ter na vida simplesmente/Um lugar de mato verde/Pra plantar e pra colher/Ter uma casinha branca de varanda/Para ver o sol nascer...” Durante a entrevista, a nutricionista, em sintonia com a letra da música, destacou a necessidade de se priorizarem os alimentos vindos da natureza, obra de Deus.

A canção selecionada para ilustrar o programa “Não desistir nunca” (28/03) foi “Não desista do amor”, de autoria do próprio apresentador, cuja letra enfatiza que para alcançar a felicidade é preciso passar por provações: “Eu sei que é difícil esperar/Mas Deus tem um tempo pra agir e pra curar...” Segundo a canção, a dor faz parte da vida: “Como alguém que não desiste/A dor faz parte do cultivo da fé...” Porém, Deus ajuda quem luta,

quem não desiste nunca: “[...]Não desista do amor, não desista de amar/Não se entregue à dor porque ela um dia vai passar/Se a cruz lhe pesou e quer se entregar/Tal como Cirineu, Cristo vai lhe ajudar.”

No programa “Páscoa da Ressurreição”, levado ao ar na Semana Santa (4/04), a música escolhida foi “Vitória de Deus”, também de autoria do padre cantor. Só que desta vez, a canção foi apenas tocada pelo tecladista Cristian, durante todo o programa, com variações de volume. Padre Fábio de Melo apenas fez menção a um trecho da música em sua mensagem de abertura: “[...] Deixa que a aventura de ser gente te envolva/Prepara o que será no que és/Não prenda teus olhares que te acusam/ Esquece a voz que te condenou...” Como se pode notar, a letra faz remissão ao sentido libertador da Páscoa.

Fora as músicas normalmente cantadas pelo Padre Fábio de Melo, outro recurso sonoro utilizado pelo programa *Direção Espiritual* é o fundo musical tocado pelo tecladista Cristian. Conforme informações obtidas junto à produtora do programa, jornalista Célia Barros, a música mais comumente tocada é “Humano Demais”, cujo autor é o próprio apresentador. Diversos arranjos são feitos para a música, que funciona como uma espécie de hino do programa. “Humano Demais” é nome também de um disco lançado pelo padre-cantor em 2005.

Durante toda a exibição do programa *Direção Espiritual*, tanto a música cantada pelo padre quanto o fundo musical a cargo do tecladista Cristian vão criando o clima e preparando o telespectador/fiel para as mensagens a serem apresentadas pelo Padre Fábio. Portanto, a trilha musical não é apenas um acessório e sim parte essencial do programa. Nos termos de Martin Bauer e George Gaskell (2002, p. 249) “até mesmo a descrição sonora aparentemente mais direta e neutra, pode estar implicada em um conjunto completo de diferentes atividades, dependendo do contexto interpretativo”. Além disso, a seleção musical,

na qual estão incluídos *hits* do padre-cantor, pode servir também como uma forma de difundir seus produtos.

4.3.3- O apresentador

Com muita propriedade, Morin dedicou um capítulo de sua obra *Cultura de Massa no Século XX: O Espírito do Tempo* (1969) aos novos olímpicos. Conforme o autor, integram o novo olimpo não somente os astros de cinema, mas também os campeões, os reis, os príncipes, os playboys, exploradores e artistas célebres (MORIN, 1969, p.111). Por mais visionária que seja a obra de Morin, ela não contemplou a ascensão ao olimpo de líderes espirituais, até porque esses procuravam ser reclusos e discretos.

Passadas mais de quatro décadas do lançamento da obra, a postura de muitos desses líderes mudou e alguns deles cederam aos encantos da mídia, passando a fazer parte do rol das celebridades. A partir de Chris Rojek, Vera França classifica três tipos delas: a “celebridade conferida”, a “celebridade adquirida” e a “celebridade atribuída”. A primeira delas seria derivada de um atributo original, como a linhagem. São exemplos dessa categoria os membros de uma família real ou os herdeiros de um milionário. Já a “celebridade adquirida” se origina da realização dos próprios indivíduos como, por exemplo, os esportistas e os estilistas que obtêm êxito em suas áreas específicas de atuação. A terceira modalidade é a “celebridade atribuída”, ou seja, aquela resultante de um trabalho de exposição, de projeção. Portanto, possui estreita relação com a mídia, responsável por expô-la, por projetá-la. Dito de outra forma, segundo França, essas celebridades seriam “aquelas assinadas pela fabricação

mediática”. (FRANÇA, 2009, p.40). As “celebridades atribuídas” bem podem ser do mundo artístico, esportivo, da moda ou, mais recentemente, do mundo religioso.

Pastores eletrônicos (SARLO, 2000) e padres-cantores (CARRANZA, 2011) são frutos dessa excessiva exposição à mídia. Padre Fábio de Melo é um exemplo de alguém que ascendeu ao olimpo. Mas quem é esse novo e expressivo olimpiano do universo religioso? Como se deu sua trajetória de vida?

Fábio José de Melo Silva, 41 anos, é natural de Formiga (MG), sendo um dos oito filhos de Dorinato Bias Silva e Ana Maria Melo Silva. Em sua cidade natal, cursou o primeiro grau em uma escola pública. Já o segundo grau foi cursado em um colégio católico da cidade de Lavras (MG), o Nossa Senhora de Lourdes. Dali, foi para o estado de Santa Catarina, onde estudou Filosofia na Fundação Educacional de Brusque.

Faz parte de seu currículo o curso de Teologia realizado na Faculdade Dehoniana, em Taubaté (SP), uma pós- graduação em Educação, feita no Rio de Janeiro e o mestrado cursado em Belo Horizonte, no Instituto Santo Inácio, onde se graduou Mestre em Teologia Sistemática. De acordo com a revista *Isto é*, em matéria intitulada “Como vivem os novos astros da fé”, consta que Fábio de Melo chegou a lecionar em faculdades.

Na mesma publicação, o padre João Carlos Almeida, diretor da Faculdade Dehoniana fez a seguinte declaração: “Fábio não é padre que faz sermão em igreja. Em qualquer lugar que vá, seu discurso é estudado”. (ISTO É, 2012 C, p. 62-63). Esse cuidado com o discurso pode ser observado em seu programa televisivo, no qual, embora apresente uma linguagem acessível, não raro revela seu lado erudito usando em determinados momentos um vocabulário mais elaborado, bem como citando autores como Jean Paul Sartre, Oscar Wilde e Carlos Drummond de Andrade. Como pontua Antonio López Eire¹⁰:[...]debe

¹⁰O filólogo espanhol Antonio López Eire, que faleceu em 2008, foi professor da Universidade de Salamanca, na Espanha, onde dedicou grande parte de seus estudos à Retórica Grega. O artigo usado nas referências recebe o título “La Retórica de Aristóteles”, tendo sido publicado em espanhol.

procurarse que el discurso retórico persuada com um estilo agradable que se logrará mezclando bien las palabras corrientes com las extranãs , pues lo extraño admirable y lo admirable es deleitoso y lo deleitoso es persuasivo [...]”¹¹ (EIRE, 2002, p. 21). Padre Fábio de Melo, certamente um conhecedor da arte retórica, consegue articular desta forma o seu discurso.

O cuidado com a apresentação não se limita ao discurso. O padre-cantor sabe explorar a linguagem não verbal, definida por Poyatos como as atividades expressivas que se situam aquém das palavras. (POYATOS *apud* RECTOR; TRINTA, 1985, p.30). Nos programas analisados, chama-nos atenção o olhar do apresentador fixo na câmara que o coloca em constante interação com o telespectador. Partindo do princípio que o olhar é um indicativo do estado de espírito, pode-se afirmar que Padre Fábio demonstra total envolvimento em sua tarefa, sobretudo no momento em que responde às cartas que chegam para ele.

Como assinalam Rector e Trinta (1985, p.47), “o olhar e, sobretudo, sua direção desempenham um papel básico na iniciação e manutenção dos encontros sociais”. E esses encontros de fato acontecem na relação que envolve de um lado da tela o apresentado/mediador e de outro o telespectador/fiel, completando assim o fluxo comunicativo.

Conforme os autores, a partir de Efron, “são fatores determinantes no movimento corporal o intelecto, a ocupação, o temperamento, a cultura e a raça”. Dotado de uma grande capacidade intelectual e de um temperamento equilibrado, Padre Fábio de Melo se apresenta sempre de maneira polida, o que pode ser observado em seus gestos, que nunca se sobrepõem

¹¹ “[...] deve procurar-se que o discurso retórico influencie com um estilo agradável que será alcançado misturando bem as palavras normais com as estranhas, pois o estranho é admirável, o admirável é prezeiroso e o prezeiroso é influente [...]”.

à fala, apenas a reforça: “a linguagem gestual confere à linguagem verbal uma força e colorido especial”. (RECTOR; TRINTA, 1985, p.85). Sua voz é calma e a entonação é linear, sendo que raramente a altera. Em outras palavras, possui uma fala mansa.

A polidez do padre-cantor também se reflete na maneira de se vestir. É, a um só tempo, simples e elegante. Normalmente veste calças jeans escuras e camisas sociais de mangas compridas, sapatos em couro preto com bico fino. Os acessórios utilizados por ele são: óculos com lentes de vidro sem armação, hastes e ponte em metal dourado: relógio de pulso social com pulseira de couro preta e mostrador em metal dourado e cinto de couro preto. Tudo muito harmônico.

O zelo na aparência é notado também na pele bem tratada, no corte de cabelo e no corpo “malhado”, característica que o próprio apresentador faz questão de ressaltar, pois em seus discursos sempre faz menção ao fato de se exercitar com frequência e de se alimentar de forma saudável. Em entrevista para a *Isto é*, o padre-cantor endossa sua vaidade: “Vou regularmente ao dermatologista. Já tive câncer de pele e uma paralisia facial na juventude. E procuro controlar o peso. Eu me cuido, sim. Estar bem vestido faz parte do meu trabalho. É uma hipocrisia achar que o padre precisa andar mal arrumado e desleixado”. (ISTO É, 2012 C, p.63).

Ao se apresentar bem, tanto no aspecto físico quanto na maneira de se dirigir ao público, Padre Fábio se enquadra no protótipo do “mocinho” das telenovelas, criando assim um processo de identificação fundado em sua credibilidade, pois, conforme Eire: “[...] concedemos credibilidade al orador que parezca ser bueno, benévolo e ambas cosas a la vez [...]”¹². (EIRE, 2002, p.17). A preocupação constante com a performance, aqui concebida como “uma codificação simbólica do espaço, através da voz, do som, da imagem, das cores,

¹² “[...] concedemos credibilidade al orador que parece ser bom, benévolo e ambas as coisas de uma vez só.”

das vestimentas, das tonalidades e dos movimentos corporais” (ZUMTHOR *apud* CARRANZA, 2011,p.60), é bastante evidente por parte do apresentador.

Padre Fábio torna-se assim o que Morin classifica de modelo imitável. Esses modelos “são sobre-humanos nos papéis que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam” (MORIN, 1969, p.113). Na entrevista concedida à revista *Isto É*, o padre-cantor se diz um homem voltado para as coisas simples, pois gosta de “cavalgar, cuidar pessoalmente dos seus cachorros e ajudar na limpeza da casa e do jardim”. (ISTO É, 2012 C, p.62). O apreço pela simplicidade e pela natureza é também sempre mencionado durante seu programa televisivo.

Mas como toda celebridade que se preza, sua veia bucólica tem de ser conciliada com uma agenda repleta de atividades. Além de apresentar o programa *Direção Espiritual*, padre Fábio de Melo é responsável por um programa de rádio também da Rede Canção Nova. De acordo com dados da *Isto É*, “o homem que gosta de roça, de bichos e pouquíssimos ruídos em casa” longe do aconchego do lar faz uma média de cem shows anuais para um público de sete mil e quinhentas pessoas em média e lança no mínimo um CD ou DVD a cada ano. Seu lado desapegado tem de conviver com o lado empresarial, pois já vendeu nada menos do que dois milhões de cópias de álbuns e setecentas mil cópias de DVDs. Para conseguir tal proeza, é preciso ser “Humano Demais” - título também de um de seus dez livros publicados.

Se transformados em cifras, esses números nada condizem com o sonho franciscano apregoado na música “Casinha Branca” (autor: Gilson Campos), utilizada na abertura do programa “Saúde Integral” (21/03), na qual um dos trechos diz: “Eu queria ter na vida simplesmente/Um lugar de mato verde/Pra plantar e pra colher/Ter uma casinha branca de varanda/ Um quintal e uma janela/Para ver o sol nascer...”

4.3.4- Participação do público

A participação do público no programa *Direção Espiritual* ocorre de forma indireta, através de perguntas que são enviadas ao apresentador através de cartas, *e-mails* e de mensagens via redes sociais, como *twitter e facebook*. Em conversa mantida com a produção do programa, procuramos saber se haveria alguma outra forma de participação, como, por exemplo, a presença de uma plateia durante a gravação do programa. A informação obtida é que anteriormente, até três anos atrás, havia um pequeno auditório que acompanhava a gravação, mas que não se manifestava e nem mesmo era mostrado. Mas essa forma de participação foi extinta.

Atualmente, a participação do público se limita às perguntas, que são previamente selecionadas pela produção do programa, em consonância com o tema que o apresentador, senhor absoluto de seu discurso, deseja desenvolver naquele dia. Normalmente, Padre Fábio de Melo responde a três delas, sendo a maioria de ordem pessoal, como ilustra o quadro a seguir:

Tabela 4: Perguntas selecionadas em cada programa *Direção Espiritual*

PROGRAMAS	DATA	TEMA DAS PERGUNTAS
1- DEUS CUIDADOR	7/3/2012	- relacionamento alheio - solidão - solidão
2- O SENTIDO DO ANO NOVO	14/3/2012 *	- exemplo de superação - relacionamento afetivo - insatisfação profissional
3- SAÚDE INTEGRAL	21/3/2012 **	- conservação de alimentos - dicas para emagrecer - uso funcional dos alimentos
4- NÃO DESISTIR NUNCA	28/3/2012	- parapsicologia - estabilidade emocional
5- PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO	4/4/2012	- intercessão dos santos - relacionamento afetivo

* reprise do programa apresentado em 05/01/2012

** este programa contou com a participação especial da nutricionista Gisela Savioli que também respondeu a perguntas

A participação feminina é bem maior do que a masculina. Nos programas analisados, das 13 perguntas levadas ao ar, apenas uma foi formulada por um homem. Outro aspecto observado foi a participação internacional, pois no programa do dia 7 de março, cujo tema foi “Deus Cuidador”, uma das perguntas selecionadas veio de Portugal, por *e-mail*, um dos países que assiste ao programa, já que a TV Canção Nova possui retransmissoras em todos os continentes.

De forma a interagir bem com seu público, Padre Fábio de Melo faz uso de expressões como “minha filha”, “minha gente”, estabelecendo assim uma intimidade com os telespectadores e sugerindo tratar-se de alguém com mais experiência, com mais sabedoria. Dito de outra forma, alguém incumbido da missão falar em nome de Deus, um mediador entre

o Céu e a Terra. Mas faz isso de forma simpática, sem hierarquizar a relação entre ele e o telespectador.

Outra estratégia adotada pelo padre-cantor é de se colocar no discurso, contando experiências pessoais semelhantes às vividas por aqueles que lhe pedem uma “direção espiritual”, termo comumente empregado para se referir a conselho. O apresentador também conta casos envolvendo amigos seus e se refere muito à sua mãe, sempre de forma muito carinhosa e respeitosa. Fala muito em Deus e em Nossa Senhora, já que o movimento carismático enaltece a importância da mãe de Deus.

Com um discurso aproximativo e com seu carisma habitual, Padre Fábio de Melo obtém a empatia necessária com seu público alvo, que, pelo teor das perguntas nos sugere ser composto majoritariamente, além do público feminino, de pessoas de meia idade, de origem católica – mas que não necessariamente exercem o Catolicismo no momento - e de nível intelectual mais elevado.

A outra forma que o público participa do programa *Direção Espiritual* é através de mensagens veiculadas na parte baixa da tela, que ficam passando durante todo o programa, geralmente alusivas a pedidos de ajuda em concursos públicos, provas e entrevistas e a bênçãos alcançadas. Se antes os testemunhos de fé ficavam restritos às salas de milagres, onde os fiéis colocam seus ex-votos¹³, atualmente se revelam na forma de mensagens ao pé da imagem da TV. É o sagrado adentrando cada vez mais a videosfera, até nesses pequenos recursos retóricos.

¹³ Segundo José Marques de Melo, ex-votos são “quadro, imagem, inscrição ou órgão de cera, madeira etc, que se oferece e expõe numa igreja ou numa capela em comemoração de voto ou promessa cumpridos; milagre”. (MELO, 2008, p.114).

4.3.5- O cinético

Padre Fábio de Melo se movimenta pouco em cena, apenas se deslocando de um ambiente para outro, mas sempre com movimentos leves, mantendo sua polidez habitual. Durante a abertura do programa, tanto enquanto canta quanto durante o tempo que profere sua mensagem, mantém-se de pé, com as pernas firmes, ligeiramente separadas, “jogando o peso ora sobre uma perna, ora sobre a outra, sem que o auditório perceba, para não quebrar a elegância da postura”. (POLITO, 1993, p.33).

Ao responder às perguntas dos telespectadores, assenta-se na poltrona branca giratória, sendo que não fica se balançando, nem mesmo cruzando e descruzando as pernas. Ao contrário, é de se notar o fato de que, quando está sentado, mantém as pernas sempre com os dois pés apoiados no chão, posição que, segundo Polito (1993, p. 35), “além de ser esteticamente correta, demonstra firmeza na atitude”.

Os movimentos de câmera usados pela direção do programa são rotineiros. Normalmente, o apresentador é enquadrado em plano médio e plano americano. Um recurso normalmente utilizado são os contraplanos, feitos com objetos que compõem o cenário, como a imagem de Pietá em *close* ou *superclose*. É comum também mostrar o tecladista Cristian tocando seu instrumento (plano aberto) ou dedilhando o teclado (plano mais fechado). No programa “Páscoa da Ressurreição” (4/04), como recurso de edição, foi feita uma fusão destas duas imagens na passagem de uma pergunta para outra de entrevistados.

No programa “Saúde Integral” (21/03), que contou com uma entrevista com a nutricionista Gisela Savioli, foram feitos vários contraplanos de uma cesta de produtos naturais (verduras, ervas e ovos caipiras) que excepcionalmente compôs o cenário para ilustrar o tema abordado. Foram utilizados ainda como recurso imagético alguns closes do

livro de autoria da entrevistada, intitulado “Escolhas e Impactos – Gastronomia Funcional”, um dos produtos comercializados pela TV Canção Nova, da qual a nutricionista também é integrante¹⁴.

Durante a entrevista, também foram feitos contraplanos com o apresentador / entrevistador Padre Fábio de Melo, mostrando suas reações diante da fala da entrevistada. Nesse mesmo programa, no meio da entrevista, o apresentador se levantou, seguindo em direção ao balcão e à prateleira onde ficam expostos os produtos da TV Canção Nova. Dali, o padre-cantor acionou o *laptop* posicionado em cima do balcão, fazendo anúncios de atividades a serem realizadas pela Fundação Dom Couto¹⁵, da qual ele é vice-presidente.

Nesse programa, especificamente, observamos que foi dada uma maior ênfase ao *marketing* dos produtos da emissora, pois, além dessa parte em que o apresentador se posicionou de forma a mostrá-los com bastante evidência, durante a entrevista com a nutricionista, foram feitos vários planos gerais enquadrando esse cenário que nos demais programas apareceu de forma mais discreta.

Ainda que em alguns programas o balcão de vendas não seja enfatizado pelas imagens, o fato é que está sempre ali compondo o cenário – prova de que religião e consumo, que antes quase não se misturavam, hoje estabelecem uma relação simbiótica. Como sublinha Bauman: “é o mundo de mercadorias gerando e alardeando sempre novos desejos tentadores a fim de sufocar e esquecer os desejos de outrora”. (BAUMAN, 2005, p.76). Sobre essa lógica mercantilista que domina o mundo contemporâneo, Andreas Huyssen acrescenta: “Não há nenhum espaço puro fora da cultura da mercadoria, por mais que possamos desejar um tal espaço” (HUYSEN, 2000, p.21). Nem o espaço religioso escapou.

¹⁴ A nutricionista Gisela Savioli é responsável pelo programa “Mais Saúde”, exibido na TV Canção Nova todas às sextas-feiras, no horário das 13 horas. Com o mesmo nome, o programa é apresentado diariamente na Rádio América, pertencente à rede católica de emissoras de rádio.

¹⁵ A Fundação Dom José Antônio do Couto, mais conhecida como Fundação Dom Couto, é uma entidade sem fins lucrativos, que tem como uma de suas atribuições o restauro de igrejas tombadas pelo Patrimônio Histórico, além de desenvolver iniciativas sociais em Taubaté, cidade natal do apresentador, e adjacências.

De uma maneira geral, pode-se dizer que o programa *Direção Espiritual* apresenta um cinético simplificado, uma vez que se restringe ao estúdio, por sua vez com poucos ambientes cênicos. Os grandes apelos do programa centram-se na figura do Padre Fábio de Melo e em seu discurso bem entrelaçado, para o qual escolhe as palavras certas, empregando-as e jogando-as com maestria, envolvendo assim o telespectador/ fiel. Sem desconsiderar a importância do imagético, é possível afirmar que na retórica habilmente construída por Fábio de Melo, cuja uma das técnicas é a redundância, não raro uma palavra - dita e repetida - tem o peso de mil imagens.

4.4 - A MENSAGEM DO PROGRAMA

Diferentemente do programa *Fala Que Eu Te Escuto*, analisado no capítulo anterior, o *Direção Espiritual* traz uma mensagem mais clara e direta, o que não significa que seu protagonista, Pe. Fábio de Melo, não recorra a sutilezas. Se, no programa evangélico, o sagrado aparece travestido de profano com vistas a seduzir o telespectador desavisado, no programa católico o sagrado revela-se na figura de um ser mais angelical, cujas mensagens otimistas por ele veiculadas se contrapõem ao derrotismo propagado pelo programa evangélico. Embora apresentem mensagens bem diferentes, ainda que os propósitos possam ser semelhantes, a título de sistematização adotaremos as mesmas ferramentas metodológicas para analisarmos o programa evangélico.

4.4.1- A categorização

Para efetivarmos a análise do programa católico, partiremos das mesmas categorias e subcategorias empregadas na análise do programa evangélico, reafirmadas a seguir:

SENSIBILIZAÇÃO DO TELESPECTADOR:

- Demonização do cotidiano
- Espetacularização dos fatos

O RECONHECER-SE NO DRAMA:

- Melodrama existencial

A SOLUÇÃO PARA OS PROBLEMAS:

- Autoajuda na tela,
- O milagre virtual
- O convite à conversão

Com base em nossas inferências, não foram captadas mensagens que se enquadrem nas subcategorias *Espetacularização dos fatos* e *Melodrama existencial*, o que atribuímos ao fato de o programa não fazer uso de cenas externas, nas quais são mais comumente utilizados esses recursos dramáticos. A produção do programa centra-se na figura de seu apresentador, responsável por conduzi-lo praticamente sozinho, apenas com palavras sem o auxílio de imagens. Não foram evidenciadas também mensagens que façam referências a milagres. Como demonstraremos a seguir, as demais subcategorias foram detectadas, com ênfase para a Autoajuda.

4.4.1.1 - *Demonização do cotidiano*

A crença na existência do diabo é um denominador comum entre o “Catolicismo midiático” e o neopentecostalismo, como já foi dito anteriormente. Mas a intensidade nessa crença difere bastante entre os dois. Para este, praticamente todos os fenômenos de difícil explicação são atribuídos ao demônio, enquanto que aquele admite a capacidade de a ciência explicar parte deles. Portanto, pode-se afirmar que mesmo essa vertente do Catolicismo vê com mais cautela a presença do diabo no cotidiano das pessoas.

No programa intitulado “Não desistir nunca”, que foi ao ar no dia 2 de março de 2012, ao ser questionado por um telespectador sobre a existência da parapsicologia, Padre Fábio não só defendeu sua importância, como fez questão de explicar que nem todos os fenômenos paranormais devem ser vistos como manifestações demoníacas:

[...] A possessão demoníaca, por exemplo. A gente sabe que em muitos casos as pessoas simples, não sabendo, porque às vezes a pessoa é tão simples que ela não teve a oportunidade até mesmo de saber que existe a parapsicologia, que existem os fenômenos parapsicológicos, que podem ser explicados. Já dei aqui o exemplo de um grande padre, que é o Padre Quevedo, que trabalha com muita seriedade a parapsicologia, que mostra no curso dele muitos fenômenos, que aos olhos de muitas pessoas aquilo é uma ação do demônio. Não, é um fenômeno parapsicológico. Isto é, a mente humana tem o poder. Nós usamos muito pouco da nossa capacidade mental. A pessoa que tem o dom da paranormalidade é uma pessoa que às vezes usa dois por cento a mais que outra pessoa, do que uma pessoa convencional, ou seja, de uma pessoa que usa o normal, aquilo que já é o convencional desta atividade mental. Então existem pessoas que tem o dom de mover objetos, o dom até mesmo de ler o pensamento do outro, a sensação, os sentimentos do outro. São dons paranormais, são pessoas paranormais. E a gente sabe que num determinado momento a sagrada escritura, pode ser que muitos daqueles eventos que são narrados tenham ali, sim, manifestações parapsicológicas. Só que naquela época as pessoas não entendiam disso. Eu volto a dizer que é uma ciência nova. Hoje, trata-se com muita seriedade todo fenômeno paranormal. Ele não se opõe à nossa fé. Isso que é interessante. O diabo continua agindo, continua. Só que a gente precisa distinguir quando é força da mente e quando é realmente uma ação demoníaca. A Igreja é muito prudente para poder falar de ação demoníaca. A gente tem muitas vezes aquilo que as pessoas simples chamam: ah, o demônio está se manifestando naquela mulher. Às vezes é

uma reação histérica que por não ser entendida, por faltar esse conhecimento, acaba atribuindo esse fenômeno à ação demoníaca. (NÃO DESISTIR NUNCA, 2012)

Mas mesmo com toda prudência em tentar separar o que é da competência da ciência e o que diz respeito à Igreja, Padre Fábio, nesse mesmo programa, foi categórico ao afirmar sua crença na existência do diabo, ainda que com certa parcimônia, como mostra o trecho a seguir:

[...] E creio na existência do diabo. Pronto. É uma questão de fé. Eu sei que o diabo, o *diábolos* do grego, ou seja, aquele que divide, aquele que separa, está presente na sociedade através de situações, e age através de pessoas, mas sem que elas estejam endemoninhadas. Seria muito perigoso dizer que aquela pessoa está tomada pelo diabo. Não, ela pode ter ações diabólicas, e à medida que essas ações diabólicas cresçam, ela vai ficando cada vez mais representante do diabo na terra. E a gente não quer isso, muito pelo contrário. A gente quer expulsar tudo que é diabólico e a gente quer fazer prevalecer tudo aquilo que é divino. (NÃO DESISTIR NUNCA, 2012)

Ser ou não ser um representante do diabo na terra, ou seja, recorrendo a uma expressão popular, “ter ou não ter parte com o diabo”, no entanto, na concepção do apresentador - legítimo representante da Igreja Católica - vai depender muito da conduta pessoal. E isso passa necessariamente pelas escolhas que cada um faz, podendo a partir delas subir aos Céus ou descer ao Inferno:

As escolhas que nós fazemos, elas podem nos danificar pro resto da vida. É como pegar um vírus mortal. Por que a igreja fala tanto, tenta convencer as pessoas de viver uma vida pessoal regrada, ordenada, harmonizada, com fidelidade? Porque o sexo é um canal, é um portal por onde muitas doenças entram. Quantas mulheres contaminadas. HPV também que é um vírus terrível para a vida da mulher, que causa câncer. Quantos homens também contaminados pelo vírus do HPV. Por quê? Porque fizeram escolhas erradas, porque não souberam se cuidar, porque não tiveram respeito com os limites do corpo. Quantas pessoas com câncer. Por quê? Porque se alimentaram mal, porque não fizeram a coisa certa. Porque permitiram que o estresse fosse muito maior do que deveria ser. É claro que a gente se estressa, mas quando você eleva o estresse em níveis muito altos, quando você não cria o seu espaço para seu descanso, para sua reflexão, para sua parada, você corre o risco de estar alimentando doenças. Sabotagens, minha gente, que nós vamos fazendo. O álcool, quantas famílias sendo destruídas pelo álcool, o álcool de um pai, de uma mãe, de uma irmã. Alguém na família que está sendo sabotado pela droga. É um absurdo, você vê, a gente sabe o malefício que hoje é provocado pelo *crack*, o que causa não só no psíquico das pessoas, mas a destruição dos neurônios. O lixo que a pessoa fica depois de um ano usando *crack*. E depois a pessoa vai lá livremente pega a primeira pedra, fuma; depois a segunda, fuma; a terceira, depois já está viciada. Mas é uma atitude livre. A pessoa pode até dizer, mas ele não é livre, ele está

viciado. Mas o primeiro contato com a droga foi livre. Ele aceitou aquilo entrar no organismo dele. Ele se sabotou. (NÃO DESISTIR NUNCA, 2012)

De maneira implícita, a “autossabotagem”, à qual Padre Fábio se refere com bastante frequência em seu discurso, pode ser entendida justamente como um processo em que a pessoa permite que o diabo se apodere dela, em detrimento da presença de Deus:

É impressionante como o processo da sabotagem às vezes é inconsciente. Tem gente que se autodestrói sem saber que está fazendo isso. Os vícios são um claro exemplo disso. Se eu acendo um cigarro que eu sei que é cheio de substâncias nocivas a mim, eu joga aquela fumaça tóxica para dentro do meu organismo. Se eu permito que essa química nociva, destrutiva, visite o meu interior, passe pela minha corrente sanguínea, fique grudada nos meus órgãos, o que eu estou fazendo? Eu estou sabotando o meu sistema. (NÃO DESISTIR NUNCA, 2012)

Ao se renderem aos vícios e ao adotarem uma vida desregrada, comportamentos considerados demoníacos, as pessoas acabam se aproximando cada vez mais do diabo e se afastando de Deus, como revela de forma subliminar o trecho da mensagem de abertura do programa “Deus cuidador” (2012):

Você sabe que muitas vezes a gente encontra pessoas que estão com muita dificuldade de serem cuidadas por Deus. Você já deve ter-se sentido assim, você conhece alguém que se sente assim. Por exemplo, hoje é possível que você tenha encontrado uma pessoa assim, que já não sabe mais sentir-se amada por Deus, que já tem dificuldade de sentir-se protegida por Deus. Por quê? Porque já perdeu o amor próprio, porque já se desprotege, porque já deixou de se descuidar, já se expôs como uma praça pública, como um território baldio, sem muito respeito, sem muitos limites. As cercas foram quebradas, foi profanado aquele ambiente que antes era sagrado. E por que está assim? São muitas as situações humanas, as drogas fazem isso com a gente, a sexualidade mal vivida, mal experimentada faz isso com a gente. A traição, a falta de amor, o ódio, o rancor, a infidelidade, são muitas as atitudes humanas que quebram a cerca do território santo. E aí, quando estamos assim, temos muita dificuldade de acreditar no cuidado de Deus, temos muita dificuldade de experimentar o cuidado de Deus. (DEUS CUIDADOR, 2012)

Um dos significados etimológicos da palavra baldio é “sem cultivo”. Ao utilizar a metáfora território baldio, o orador deixa implícito tratar-se de uma pessoa sem fé, portanto alguém suscetível de se tornar uma morada do diabo. E contra o maligno, só há um antídoto: Deus. Ao travar em seu programa uma pequena batalha entre Deus e o Diabo, Pe. Fábio provoca o telespectador: “Não somos um terreno baldio. Somos território santo, cuidados por

Deus. Assim como os muros protegem uma propriedade, Deus nos protege com seu amor, com sua misericórdia e somos todos merecedores dele.” (DEUS CUIDADOR, 2012)

É inegável que o recurso retórico da demonização do cotidiano, demasiadamente presente no programa *Fala Que Eu Te Escuto*, também é utilizado no programa *Direção Espiritual*, sobretudo através de metáforas. Mas a diferença mais perceptível entre os dois com relação a essa questão é que os demônios do programa da Igreja Universal são mais exteriores. Pior que isso, mais agressivos, mais vorazes. Ao assistir a esses programas, os telespectadores são levados a um estado catártico, que os faz se sentirem totalmente impotentes diante do poder satânico. Assim sendo, necessitam com premência de ajuda externa para exterminá-lo.

Já os *diábolos* do programa católico são mais brandos. Além disso, em geral são mais interiores, mais subjetivos, possibilitando que a libertação dos mesmos se dê, pelo menos num primeiro momento, num plano também mais subjetivo. Para tal, processos como a autoajuda são altamente estimulados por seu protagonista.

4.4.1.2 - Autoajuda na tela

A televisão herdou muitos recursos de seu antecessor: o rádio. No caso dos programas televangélicos, a história se repete. As fórmulas usadas por padres-cantores e pastores eletrônicos na telinha não são diferentes do *dial*. Como parte dessas heranças radiofônicas, Carranza destaca a autoajuda, um recurso muito utilizado em ambos os veículos como forma de prestar um bom atendimento ao fiel, ávido, nas palavras da autora, de “certezas capsulares” (CARRANZA, 2011, p.168). Para além de um atendimento satisfatório,

os aconselhamentos com base na autoajuda criam um vínculo entre o espectador e o programa.

Ao proferir uma palestra sobre o tema “Nomadismo e Pós-Modernidade” em um colóquio na Universidade Federal de Juiz de Fora (14/05/2012), Michel Maffesoli observou que a grande característica da vida moderna é o ser humano ser fechado em si mesmo. “Eu penso logo existo na fortaleza de si mesmo”, parafraseou o sociólogo francês. Em uma sociedade em que as pessoas estão cada vez mais ensimesmadas, respostas para suas angústias, suas incertezas são sempre bem vindas, o que explica em grande medida o sucesso que os livros de autoajuda fazem atualmente, não raro se transformando em *best-sellers*. E esse filão mercadológico é muito bem explorado pelos padres-cantores, que lançam mão desse recurso não só em seus programas de rádio e de televisão, bem como em seus livros e DVDs que hoje abarrotam as lojas.

Nos programas televisivos do Pe. Fábio de Melo, a autoajuda é um recurso bastante contemplado, permeando, quase na totalidade, os discursos do sacerdote. Ela pode ser apresentada como sendo o resultado de um esforço individual, centrado no psicológico, porém alicerçada por Deus, Jesus Cristo ou mesmo por algum santo da devoção da pessoa.

No programa “Deus Cuidador” (7/03), na mensagem de abertura cuja tônica foi a proteção de Deus, Pe. Fábio, usando a primeira pessoa, aconselhou: “[...] eu preciso estabelecer os meus limites, porque eu também me amo, porque tenho uma experiência de cuidado comigo. Todo mundo que se ama se estabelece limites. Não é só o outro que me coloca limites, eu também coloco limites para mim [...]” (DEUS CUIDADOR, 2012).

Mais adiante, ele volta a falar complementando: “Quando olho para Deus e mergulho no seu mistério do meu amor por mim, mergulho também no mistério do amor que eu tenho que ter por mim [...]” (DEUS CUIDADOR, 2012). Ainda na mensagem de abertura, a autoajuda, consubstanciada na fé, aparece no seguinte trecho:

[...] mesmo quando estamos desgarrados, jogados à margem, quando mesmo nós nos desprezamos, Deus continua nos amando. Deus não desiste de nós. E este é um fator para a gente se reerguer, é um fator que deverá ser decisivo para os nossos recomeços. Nossos recomeços devem nascer dessa convicção: Deus me ama! Eu não perco isso de vista e eu não quero perder [...]. Nem sempre a gente sabe se querer, nem sempre a gente sabe se desejar. É mais fácil a gente se jogar fora e viver um processo autodestrutivo, inconsciente muitas vezes, que nos leva para o fundo do poço, que nos faz viver a pior de todas as misérias, que é aquela que nós nos impomos[...]. (DEUS CUIDADOR, 2012)

Ao final da mensagem, Pe. Fábio, enfaticamente, dá mais uma lição de amor próprio para o telespectador:

A gente deseja muita coisa, né? Mas antes de desejar muitas coisas, deseje você mesmo. Ame-se. Viva essa experiência de reconciliação todos os dias, agora mesmo, antes de dormir faça as pazes com você, porque fazer as pazes com você é sem dúvida dar a Deus a oportunidade de continuar cuidando de você. Fazer as pazes com você é ter a oportunidade de estar em paz com os seus limites, as suas misérias, com as suas inadequações, e acreditar que Deus continua de olho em você, mas um olhar amoroso, um olhar terno, um olhar cheio de futuro, porque é assim que Deus nos olha. Um olhar cheio de futuro. (DEUS CUIDADOR, 2012)

No mesmo programa, ao responder à seguinte pergunta de um telespectador:

“Padre Fábio, por que é tão mais fácil magoar as pessoas que nós amamos do que abraçá-los e dizer coisas carinhosas?”, o apresentador usa como um de seus argumentos o autocontrole, inerente à autoajuda:

A psicologia nos ensina que o ódio e o amor nascem do mesmo impulso, da mesma fonte. Então, administrar essa agressividade nos dias de hoje é uma necessidade, porque você já viu, já viu muitas vezes isso acontecer, que às vezes uma pessoa é capaz de pegar numa arma e matar o outro no trânsito por causa da intolerância. Então pra gente não precisar matar uns aos outros, sair por aí dando tapa uns nos outros, a gente precisa descobrir onde é que nós podemos canalizar essa bendita agressividade de um jeito certo, de um jeito positivo. Se você tem muita agressividade dentro de você, coloque-a pra ela trabalhar a seu favor. No seu processo criativo, no seu processo dinâmico, no seu espírito empreendedor, canaliza pra lá. Mas isso não é mágico não, não é de um dia para o outro. Mas a própria consciência, eu sei que sou agressivo, então eu preciso tomar cuidado para que a minha agressividade não venha a matar os outros [...]. (DEUS CUIDADOR, 2012)

Para completar o aconselhamento, Pe. Fábio dá algumas dicas de como exercer esse autocontrole:

[...] o controle dessa agressividade nos dias de hoje precisa passar por esta experiência de vida interior. A vida interior, essa experiência de você cultivar quem você é, de você ter ali o seu momento de relaxamento todos os dias, nem que sejam dez minutos. Tem outras coisas que ajudam a gente nisso também: as atividades físicas, os grupos de oração, o grupo de partilha e a leitura. Meu Deus, como o livro acalma a gente. É preciso canalizar todos esses impulsos que são positivos como a agressividade, que se colocada de maneira errada acaba sendo um instrumental de destruição. (DEUS CUIDADOR, 2012)

O cultivo de bons hábitos físicos e mentais é algo que está sempre presente nas mensagens de Pe. Fábio de Melo, bem ao estilo “mente sã, corpo sã” e vice-versa. E para que o telespectador/fiel adote essa conduta, o apresentador não se cansa de se usar como exemplo de alguém que prima por hábitos saudáveis, fazendo exercícios físicos regularmente e adotando uma alimentação mais natural. Dessa forma, o orador se apropria de um discurso típico da modernidade: o do culto ao corpo. Como descreve Ana Lúcia Castro:

Nos anos 80, a corporeidade ganha vulto nunca antes alcançado, em termos de visibilidade e espaço na vida social. As práticas físicas passam a ser mais regulares e cotidianas, expressando-se na proliferação das academias de ginástica por todos os centros urbanos. A *Geração Saúde*, em oposição ao padrão de comportamento representativo da geração de seus pais, levanta a bandeira antidrogas, com destaque para o tabagismo e o alcoolismo, da defesa da ecologia, do naturalismo e do chamado *sexo seguro* [...]. (CASTRO, 2004, p.4).

O recurso da autoajuda é novamente acionado nesse mesmo programa ao responder a outra pergunta de uma telespectadora: “Padre, moro em Portugal, me sinto só e não sei o que fazer com essa solidão toda?”. O apresentador, utilizando o mesmo argumento de que às vezes a solidão é necessária, dá a seguinte orientação:

[...] saber cultivar-se, tomar posse de você, tomar posse daquilo que você é, aprender a lidar com você, é o primeiro passo para que você possa amar alguém com qualidade. Saiba viver a sua solidão [...]. Invista na sua capacidade de ser só, para que a sua companhia, no momento em que ela esteja perto de você, você esteja em condições de se oferecer ao outro [...]. Esse é um exercício necessário demais nos dias de hoje: aprender a conviver com a gente, por mais que a gente tenha pessoas do nosso lado. Será sempre bem vinda a experiência da solidão, para que ela nos prepare melhor para o encontro com a morte. (DEUS CUIDADOR, 2012)

A solidão é também o tema da última pergunta selecionada para o programa, em que novamente parte da resposta vem na forma de autoajuda, alicerçada em Deus:

[...] Não quero admitir de jeito nenhum, eu não quero admitir que eu tenha que morrer com os defeitos que eu tenho hoje. Eu tenho a possibilidade de olhar as minhas misérias e atravessar esse mar. Eu tenho a oportunidade de chegar do outro lado bem melhor do que eu estou aqui hoje, porque Deus quer isso de mim, porque Deus quer isso de você [...](DEUS CUIDADOR, 2012)

No programa “O Sentido do Ano Novo”, de 14 de março de 2012, já na mensagem de abertura, padre Fábio refere-se a um trecho da música “Semente do Amanhã” cantada anteriormente por ele, na qual já fica subentendido que cabe a cada um de nós traçarmos o nosso próprio destino: “Vamos lá fazer o que será”..., diz a canção de Gonzaguinha. Ao saudar o Ano Novo, o apresentador diz que a data é uma dádiva divina e que é preciso saber aproveitá-la para se renovar:

[...] Sou eu que recebo mais uma vez a graça de reinaugurar um novo tempo em minha história, porque mudou o calendário. Aí você poderia dizer, ah padre, mas a vida continua a mesma. A vida é a mesma, as lutas são as mesmas, mas a aquilo que é a metáfora do Ano Novo te empresta um novo sentido, um novo vigor, para que a gente possa abrir as portas de nossa casa, as janelas de nosso coração, e ter a disposição de começar um novo tempo. Quem disse que você está condenado a morrer do jeito que está hoje. Não, eu não quero pensar assim. Acreditar que no ano que se inicia muitas coisas boas nos esperam já é uma forma boa de concretizá-las. Porque aquilo que a gente pensa tem um poder grande sobre nós [...](O SENTIDO DO ANO NOVO, 2012)

Nesse mesmo programa, ao responder à pergunta de uma telespectadora que havia acabado de deixar um emprego, por ter sido rebaixada de função, situação que ela não aceitou com tranquilidade, Padre Fábio a consola dizendo:

[...] Ao invés de lamentar o que perdeu, comece a estabelecer para você um novo tempo, um novo crescimento. Ocupe a sua cabeça agora não daquilo que você perdeu, mas daquilo que você pode viver como profissional. Saber virar a página, saber dar um novo rumo à nossa vida é muito importante pra que a gente dê certo. Quantas vezes na vida nós passamos por aquela sensação: e agora, o que vou fazer? E o vitorioso é aquele que administra bem esse momento, porque os contrários da vida estão aí minha gente. Às vezes a gente escolhe certo, às vezes a gente escolhe errado, mas vamos fazer alguma coisa de bom daquilo que a gente fez, daquilo que a gente escolheu, ainda que você chegue a conclusão, Sheila, de que você escolheu errado, de que deveria ter continuado naquela empresa. Descubra nessa oportunidade que você tem hoje um motivo para você ir além. Sair da zona de conforto como você mesmo disse não é fácil. Agora, permanecer na zona de conforto por uma comodidade, porque a gente não quer sofrer, não quer se

incomodar... Cuidado, toda vez que você estiver muito confortável, muito certo de suas escolhas, questione-se. Não se trata de precipitar e agora sair mudando tudo. Não, descubra o que nessa zona de conforto significa comodidade, o comodismo. Saiba diferenciar a satisfação, a estabilidade, do comodismo. Nós precisamos crescer sempre e esta zona de conforto ela é muito perigosa pro ser humano [...].(O SENTIDO DO ANO NOVO, 2012)

Em sua mensagem de encerramento, Pe. Fábio aconselha aos telespectadores que aproveitem o ano que se inicia para se reciclarem, como forma de se tornarem seres humanos cada vez melhores:

Aprender talvez seja hoje a maior urgência, porque a gente coloca nossa alma numa dinâmica nova. Se hoje eu me disponho a aprender alguma coisa nova, eu estou me proporcionando um renascimento. Quem sabe Deus nos entrega agora uma lição para este Ano Novo. O que é que nós precisamos aprender? Tenho certeza de que você ainda precisa aprender muita coisa. Faça o seu compromisso. Descubra o que você hoje pode iniciar na sua vida. Não vá dormir então sem descobrir duas palavras novas. Dá um jeito aí. Hoje você vai incorporar duas novas palavras ao seu vocabulário. Aprender. Você vai começar a ficar um pouco mais interessado, olhar para o mundo e saber que existe um funcionamento que lhe interessa. Aprender como funciona o seu corpo. Por que se eu comer isso agora, vai me prejudicar. Por que se eu misturar esse alimento com este, não é a química que vai favorecer a minha saúde [...]. Eu desejo que hoje você tenha a oportunidade de aprender bem o seu futuro, porque é isso que Jesus faz quando passa verdadeiramente por nossos caminhos. Ele nos empresta um novo jeito de olhar para o mundo, de olhar para nós mesmos e para aqueles que estão do nosso lado. E ao nos emprestar um novo jeito de olhar, ele nos ensina, ele nos ensina a aprender. Aquele que está disposto a aprender está ocupado para o resto da vida. Não há monotonia naquele que se dispõe a viver a vida aprendendo. (O SENTIDO DO ANO NOVO, 2012)

No programa sobre o tema “Saúde Integral”, o qual contou com a presença da nutricionista Gisela Savioli como convidada, a autoajuda girou, principalmente, em torno da reeducação alimentar, ressaltada por Padre Fábio já na mensagem de abertura:

[...] a gente sabe que estamos perdendo algumas coisas que são absolutamente necessárias, saudáveis, que a gente foi trocando coisas saudáveis por coisas ruins. Uma delas passa o tempo todo pela nossa alimentação. A nossa pressa, o nosso dia a dia agitado, muitas vezes nos impede de ter uma experiência saudável na alimentação. Nem sempre nós estamos conscientes até mesmo disso. Nem sempre nós estamos atentos àquilo que a gente escolhe para comer, para fazer parte do nosso corpo. O alimento é isso: é você se decidir por algo que lhe é exterior, você vai ingerir, o seu organismo processa aquilo, de maneira que você se transforma, pois o alimento passa a fazer parte de você [...] A partir do momento que nós nos alimentamos bem, acaba repercutindo na nossa alma, com a experiência do cuidado. (SAÚDE INTEGRAL, 2012)

Antes de fazer uma pergunta à entrevistada, Pe. Fábio lembra o caráter sagrado do alimento, presente, inclusive, nos ritos religiosos. A partir dessa constatação, ele, ao mesmo tempo em que indaga, atenta para o fato de que comer de forma saudável é uma forma de perpetuar a saúde, considerada por ele, uma dádiva divina, cabendo a cada um preservá-la:

Como é que nós podemos reeducar a nossa maneira de comer, tendo como motivo um princípio religioso? Isso que é interessante. É a gente descobrir que quando a gente faz uma opção saudável, nós estamos favorecendo a obra da criação em nós. Eu quero saúde, eu quero viver saudável, essa saúde que Deus nos concedeu. Eu sempre gosto de dizer que quando nós somos criados, Deus nos empresta a vida, ele nos dá, mas ele um dia vai retomar isso. E a administração que nós fazemos dessa vida é responsabilidade nossa. (SAÚDE INTEGRAL, 2012)

Embora a entrevista com a nutricionista tenha como tema central maneiras corretas de se alimentar, a alimentação é muitas vezes usada de forma metafórica, tanto pela entrevistada – que também pertence ao quadro da TV Canção Nova, onde comanda o programa “Mais saúde”- quanto pelo padre para tratar de questões religiosas. Para além dessa lembrança dele da sacralidade do alimento, em outros momentos da entrevista, percebe-se essa preocupação em não se desviar do intuito religioso do programa.

Ao ser questionada pelo apresentador se “Comer e beber é uma atitude religiosa”, a nutricionista aproveita para lembrar sobre o pecado da gula: “Comer é muito bom, o problema é quando a gente desequilibra isso e vira gula.” E Pe. Fábio endossa: “Vira pecado capital, né.” E ao desaconselhar os telespectadores sobre o uso de alimentos ricos em conservantes, como os embutidos, sugere que se alimentem de alimentos naturais que ela enfatiza como sendo “Comida que Deus nos deu”.

Em outro trecho da entrevista, a “doutora” Gisela – como o padre a chama – frisa: “Nós temos que olhar as nossas raízes e ver o que os nossos antepassados, os nossos avós, os nossos pais comiam, e voltar a fazer uso dessa alimentação. Voltar ao tempo da vovó”. (SAÚDE INTEGRAL, 2012). Ao comentar sobre essa observação da entrevistada, Pe. Fábio adere ao seu discurso e enfatiza: “Sabe, Gisela, eu estou cada vez mais adepto desses

costumes. Eu herdei muita coisa boa de minha mãe, eu aprendi a comer [...] Eu tenho sentido muito a necessidade de resgarmos isso. Esse retorno às raízes, ao orgânico. Isso é muito saudável. Isso é, sem dúvida, um valor nos dias de hoje”. (SAÚDE INTEGRAL, 2012) Dando prosseguimento à entrevista, novamente a nutricionista faz um alerta: “Nós temos que, socorro, resgatar as nossas raízes, a nossa alimentação como de fato ela tem que ser” (SAÚDE INTEGRAL, 2012). Note-se que a palavra raízes é citada seguidamente três vezes. Isso sem contar o uso de outras expressões utilizadas por eles, como “retorno às origens” e “retorno às coisas simples”. Vale ressaltar que o Catolicismo, religião a qual os interlocutores estão ligados, faz parte de nossas raízes, de nossa matriz religiosa. O Brasil foi colonizado por Portugal, uma nação predominantemente católica, e o marco do nosso descobrimento foi a Primeira Santa Missa, que segundo os livros de História do Brasil foi rezada no dia 26 de abril, quatro dias após a chegada dos descobridores. Conforme Artur Cesar Isaia (2009, p.10), a partir desse evento “criou-se um *mito fundante*, cuja função era tornar a narrativa histórica sempre o rememorar de um instante original”. Como sublinha Gylberto Freire, em sua memorável obra *Casa-Grande & Senzala*, “é tão difícil, na verdade, separar o brasileiro do católico: o Catolicismo foi realmente o cimento da nossa unidade”. (FREYRE, 2006, p. 93).

A tônica da mensagem de abertura do programa “Não desistir nunca” (28/03) foi justamente a necessidade de a pessoa ser perseverante, independente da situação na qual se encontra. Recorrendo ao exemplo do jogador Ronaldo, “O Fenômeno”, que prejudicou a final da Copa do Mundo na França “porque estava em campo e não estava jogando”, Pe Fábio admitiu que perder um jogo importante é ruim, mas “passa”. Com um discurso tipicamente de autoajuda, faz um alerta ao telespectador:

[...] Agora, quando é a vida da gente que está em jogo, aí essa negligência nós não podemos permitir. E mesmo que outros jogadores façam parte do jogo de nossa vida, o principal jogador é você. É você que tem que fazer a defesa, você é o goleiro, você faz a defesa, mas você também é o meio de campo, mas também é o artilheiro, tem que ser o artilheiro. Tem que ser o centroavante, aquele que faz o gol. Sabe por

quê? Porque nessa partida, ainda que você tenha outras pessoas em campo, jogando com você, o protagonismo é seu. E se você começa a entregar os pontos, se você começa a desistir, daqui a pouco você não tem mais condições de vencer. Por quê? Porque acostumou-se com a desistência, acostumou a perder. Foi abrindo mão de coisas preciosas, de situações preciosas, de pessoas preciosas, de realidades preciosas, porque não estava atento com o jogo que estava acontecendo [...].(NÃO DESISTIR NUNCA, 2012)

Ao responder a uma pergunta de uma telespectadora sobre “como alcançar a estabilidade emocional em meio a um mundo conturbado”, o apresentador lança mão de uma expressão que está presente em grande parte dos manuais de autoajuda: a inteligência emocional. E como parte de seu aconselhamento, diz:

[...] Acatar o prejuízo e dar a volta por cima é inteligência emocional. Então a vida me deu um tombo. Eu tinha tudo, depois fiquei sem nada. Eu tinha fama, agora fiquei no esquecimento. Isso é inteligência emocional. É você ter a capacidade de administrar esses altos e baixos da vida [...].(NÃO DESISTIR NUNCA, 2012)

A receita da felicidade também deve conter outras precauções, como a capacidade de não projetar suas expectativas no outro. Complementando a resposta, Pe. Fábio mostra sua erudição, recorrendo à filosofia grega:

Sêneca, um filósofo grego, dizia: eu fico irado quando eu espero do outro um comportamento e o outro não corresponde àquilo que eu esperava dele. Eu me frustro e fico irritado com ele. O que Sêneca quis dizer: que você tem que baixar essas expectativas. Tá bom, eu não vou esperar tanto do outro porque ele tem o direito de falhar. E se ele falhar, eu vou aceitar porque eu já não estava esperando muito. Agora, se eu espero demais, se eu crio expectativa demais, e não é aquilo que eu esperava tanto, eu vou ficar frustrado. Agora, se eu não espero tanto e acontece algo que é maravilhoso, eu vou compreender. Sêneca dizia que a diferença está justamente aí: que se você não cria muita expectativa, a vida vai lhe surpreender. (NÃO DESISTIR NUNCA, 2012)

“Páscoa da Ressurreição” foi o tema do programa exibido na quarta-feira da Semana Santa (4/03/2012), uma das ocasiões mais comemoradas pela Igreja Católica. A ressurreição de Cristo serviu de gancho para várias falas, cuja tônica era a autoajuda. A canção escolhida para abrir o programa foi “Vitória de Deus”, de autoria do próprio Pe. Fábio.

Ela continha várias estrofes que remetem a este recurso. Selecionamos duas delas que consideramos mais significativas:

Nunca te aprisiones nos teus medos e receios
 Nem sê refém de quem não sabe amar
 Não, não te condenes a morrer com teus defeitos
 Nem use a expressão não vou mudar

Pois a cada instante é possível crescer
 Retirando excessos do ser
 Aprimora o teu jeito de ver e de ouvir
 E do amor tão perto estarás... (MELO In: PASCOA DA RESSURREIÇÃO, 2012)

Ao usar o expediente de uma conversa com um amigo, na mensagem de abertura do programa especial – gravado ao vivo nesse dia -, Pe. Fábio dá mais uma lição de autoajuda:

Ainda outro dia conversava sobre isso com um amigo: como é importante na nossa vida a gente ter diante de nós qual é a luta que nós precisamos vencer. Eu sempre chego à conclusão que a luta que é mais difícil de ser vencida é a que eu travo e estabeleço todos os dias comigo mesmo, porque se tem alguém na vida que pode me derrotar, esse alguém sou eu. Essa consciência eu fui adquirindo com o tempo e não me desprendo dela. Eu sei que para Deus me fazer um vencedor eu tenho que lutar o tempo todo para que eu não venha me derrotar. Falávamos sobre isso aqui na semana passada: como nós nos boicotamos [...] (PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO, 2012)

O apresentador reforçou que a Semana Santa, a semana da vitória nas palavras dele, era uma oportunidade extraordinária de as pessoas se reciclarem, mirando-se em Jesus Cristo e em seu calvário:

[...] nessa semana da vitória nós sabemos que todos os passos de Jesus na subida do calvário representam as nossas subidas também. Mas a gente corre o risco de ficar caído ali, nas primeiras estações, e não chegar à vitória da ressurreição, se a gente não tomar uma postura que nos favoreça. E que favoreça essa ação de Deus na nossa vida. Que é justamente a oportunidade diária de jogar fora os lixos que o outro deixou em sua vida, de você fazer a sua reciclagem, de você reestabelecer o seu compromisso com a vida, de você renovar o seu desejo de ser você. De fazer o que você faz, de amar quem você ama, de desejar o que você deseja. Identificar ali onde é que você pode se empenhar para que essa aventura de ser gente, como eu falo na música: Deixe que a aventura de ser gente te envolva, prepare o que será no que és [...]. (PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO, 2012)

Em um discurso totalmente voltado para a religiosidade, o que certamente se deveu ao fato de a Igreja Católica estar comemorando a Semana Santa, Pe. Fábio ressaltou a importância de se ter fé em Jesus e em si mesmo:

Nós não praticamos uma religião desencarnada. A minha fé em Jesus não me exime de ter fé em mim também. Deus quis o tempo todo participar da nossa história. Ter fé nele também significa ter fé em mim. Querer essa vitória significa também fazer essa luta diária para que eu tenha condições de atualizar essa vitória na minha vida [...].(PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO, 2012)

Mais adiante, o apresentador enfatizou a necessidade de manter o astral alto face aos problemas da vida, usando como exemplo o escritor inglês Oscar Wilde:

É preciso manter sempre um olhar voltado para o alto, que é a sabedoria que São Paulo nos pede. Volte o olhar para o alto. Oscar Wilde, um escritor inglês, muito pessimista com a vida, muito pessimista, mas também escreveu uma literatura extremamente aguçada, bem feita, claro, com uma visão bastante pessimista do humano. Eu não tenho medo de ler essas coisas, então ele disse: estamos todos na lama, ele disse. Lembro muito bem a frase: estamos todos na lama. É a concepção pessimista que ele tem da humanidade, a concepção pessimista da miséria humana. Mas ele completa essa frase dando um espaço para a esperança: estamos todos na lama, mas alguns resolveram olhar para as estrelas. (PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO, 2012)

A autoajuda é concebida por Pe. Fábio como a parte que cabe ao indivíduo para obter a recompensa divina. Portanto, ela não o exime de ter uma religião. O discurso religioso, no entanto, se imbrica em um discurso psicologizante que, muitas vezes, escamoteia a tentativa de capturar telespectadores/fiéis.

4.4.1.3- *O convite à conversão*

O campo religioso brasileiro passa hoje por expressivas mutações, o que é comprovado a cada novo censo. Enquanto a curva dos evangélicos é ascendente, pois

passaram de 6,6%, em 1980 para 22,2% em 2010, a dos católicos é descendente, já que em 1970, eles representavam 91,1% e em 2010, 64,6%. De acordo com a revista *Planeta*, na matéria intitulada “A multiplicação dos Deuses”, as estatísticas permitem fazer a seguinte projeção: em 2030, menos da metade da população brasileira será católica e, em 2040, o número de católicos e evangélicos será praticamente o mesmo. (PLANETA, 2012, p.64).

Diante da possibilidade de ter seu rebanho a cada dia mais minguado, a Igreja Católica se esmera na tarefa de fidelizar suas ovelhas e, nos termos de Carranza (2011), fazer um trabalho de recatolização. Para isso, conta principalmente com a pujança do Movimento de Renovação Carismática Católico, ao qual estão ligados os padres-cantores. Encarnando a um só tempo a figura do sacerdote e da celebridade, são eles que carregam hoje a bandeira da modernização e do recrudescimento do Catolicismo neste Brasil cada vez mais plural e sincrético.

Nesse cenário, destacam-se principalmente os padres Fábio de Melo e Marcelo Rossi, que, para além de se tornarem fenômenos midiáticos, souberam adequar seus discursos ao espírito de época. Diferentemente do programa *Fala Que Eu Te Escuto* que, na tentativa de converter, ao final, faz um convite explícito aos templos onde os fiéis terão a oportunidade de conhecer melhor a doutrina da IURD, Pe. Fabio não convida ninguém para ir a uma igreja católica. Em seu discurso, raramente se refere à instituição católica.

Mas isso não significa absolutamente que ele não busque converter. Valendo-se de um discurso que muitas vezes aparenta certo ecumenismo, como parte de sua estratégia para atrair telespectadores de outras religiões, por outro lado não raro deixa claro tratar-se de um autêntico representante do Vaticano. O sacerdote reforça na tela dogmas exclusivos do Catolicismo, como a crença em santos.

No programa “Páscoa da Ressurreição” (2012), ao responder à pergunta de um telespectador que se diz questionado por um amigo protestante sobre a intercessão dos santos, o apresentador dá a seguinte explicação:

Essa é uma questão que a gente se apresenta mesmo: se só Deus é onipresente, a fé nos ensina isso, como é que eu posso fazer uma oração para os santos e acreditar que eles estejam me ouvindo? A igreja nos ensina que a comunhão com dos santos é essa possibilidade de comunicação espiritual que a oração nos permite. Então, toda vez que eu estou fazendo uma prece, é claro que eu estou me comunicando com Deus. Só que no meu motivo, naquela minha prece, eu coloco alguém que de alguma maneira me influenciou, alguém que de alguma maneira eu admiro. É uma maneira carinhosa de incluir na oração, alguém que humanamente tenha representado um significado muito especial para nós. A comunhão dos santos nos permite rezar sempre tendo consciência que a prece chega a Deus. No caso da devoção Mariana, já disse isso aqui outras vezes, nós não podemos interpretar de maneira errada o que a igreja nos propõe quando nos coloca Maria como mãe. A maternidade de Maria, a santidade de Maria, só tem sentido por causa da santidade de Jesus. Ela só é santa porque o ventre dela é santo. Então, há uma conexão cristológica que nós fazemos mesmo que passe por um santo de nossa admiração. Então eu tenho uma admiração por São Francisco, eu gosto de rezar: Senhor, faze-me instrumento de vossa paz... Você tá vendo que tudo isso tá ligado diretamente à palavra do Senhor, não tem nada que foi só Francisco que disse. Está diretamente ligada a oração que eu faço inspirada em Francisco aos motivos do Cristo. O santo só é santo porque seguiu radicalmente Jesus, e porque elevou uma de suas virtudes à perfeição. Quando eu rezo para Nossa Senhora, por exemplo. Tem gente que tem a facilidade de fazer a oração Mariana, tem gente que não tem. Isso não nos modifica porque o nosso amor e o nosso respeito a ela continua e isso é o mais importante. A Igreja nos incentiva a rezar o terço. Tem gente que tem facilidade com a oração do terço, tem outras que não. Nós somos diferentes e é natural que a gente tenha mais facilidade com uma coisa, mais dificuldade com outra. O terço, se você for analisar a Ave Maria a primeira parte dela é toda bíblica: é o anúncio do anjo. Depois a segunda parte Santa Maria Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte, amém. Em que isso fere o nosso amor a Deus? Em que isso fere a convicção, a compreensão de que Deus é onisciente e que Maria não tem o mesmo poder? Tudo bem. Não é nenhum problema você dizer: Maria não é Deusa. E erra aquele que trata Maria como Deusa. Maria é a legítima participação humana no mistério da encarnação, agraciada por Deus, colocada nesse mundo de maneira muito especial, e reconhecida, respeitada e venerada pela Igreja como mãe da Igreja, como aquela que educou Jesus, como aquela que participou diretamente do mistério da salvação que Jesus nos realiza. Então, o meu respeito à Maria. Por isso eu rezo pedindo proteção. Mas veja bem, essa proteção que eu estou pedindo a ela, quem é que pode me atender: o Pai. Ela é a intercessora. A intercessão, minha gente, é a coisa mais fácil de entender. Eu estou precisando de uma coisa do meu Pai, então eu peço pra minha mãe porque afetivamente é mais confortável. Quem disse que a nossa relação com Deus também não passa pelos nossos significados humanos? Em muitas pessoas você encontra uma dificuldade muito grande de ela se relacionar diretamente com Deus Pai. Tem mais facilidade de relacionar-se com Jesus. Tem mais facilidade de relacionar-se com Maria. Tem uma devoção Mariana equilibrada, bonita. Tem Maria como um exemplo de fé, como um exemplo de santidade, que eu não quero viver. Então, não conflitue isso William. Você não tem que convencer o outro, você só precisa estar convencido. (PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO, 2012)

Durante o mesmo programa, a fé católica é reforçada ao responder à questão de uma telespectadora declaradamente católica que vive o conflito de casar-se ou não com um homem que se diz ateu. Pe. Fábio coloca em dúvida o ateísmo dele e sugere que ela seja uma pessoa capaz de convertê-lo a uma religião, no caso, à sua própria:

Minha filha, uma questão muito difícil, muito delicada, porque envolve uma escolha sua. A pessoa é ruim por se ateia, por não acreditar em Deus? Depende da índole da pessoa, porque existem pessoas que acreditam em Deus e não são boas. Acreditar não é tudo. O que faz a diferença é o que a gente faz com aquilo que acredita. Então, no primeiro momento a reflexão que eu faço com você muito friamente é essa. Ele é uma pessoa ruim porque não acredita em Deus, não. Por tudo aquilo que você está dizendo, ele é uma pessoa boa. Uma pessoa que tem caráter. Aliás, eu já encontrei ateus muito mais preparados para a vida do que muitos que se dizem cristãos. Não é que o ateísmo faz bem, não. Talvez não tenham tido uma boa formação dos pais, a própria influência que recebe sem saber se está recebendo. É engraçado que quando a gente estuda o discurso inter-religioso, ou seja, entre religiões que são diferentes, que têm teologias muito diferentes, a gente tem um momento que a questão do ateísmo entra. E veja bem, o ateu, aquele que se diz indiferente ou agnóstico e você pode dar o nome que você quiser. O ateu é aquele que nega a existência do sagrado, né. Ele acaba, num determinado momento da vida, precisando de algo que o sustente. Fazer um ateísmo durar a vida inteira não é brincadeira não, porque enquanto a gente é jovem, tá cheia de disposições, é fácil você ser ateu, é fácil você negar esta presença. Basta que você fique indiferente. Tem gente que foi criado indiferente e vai ter muita dificuldade depois de crer. Isso não vem ao caso, existem pessoas assim. Depois, à medida que o tempo vai passando, vai retomando uma simplicidade que o faz capaz de admitir ou de sentir essa presença de Deus na sua vida [...]. O problema muitas vezes não é Deus, é a religião. Nós temos histórias muito feridas, muito machucadas, porque tiveram experiências muito negativas na religião, ou melhor, com a religião. E aí que está a questão. Quem sabe Deus não tenha colocado esse homem na sua vida para você apresentá-lo a Deus, mas apresentá-lo de um jeito certo, um Deus sem imposições, um Deus que ama, e que é capaz de compreender essa descrença [...] De repente você trabalha com a possibilidade de ser um instrumento de Deus na vida dele. (PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO, 2012)

Na mensagem de encerramento desse programa, Pe. Fábio reforça a necessidade de as pessoas se aproximarem de outras que comungam a mesma fé. Dessa maneira, toca numa questão crucial: a da pertença religiosa. Ao se colocar no discurso, ele, evidentemente um católico convicto, atenta para a necessidade de se ter como critério para selecionar as amizades esse pertencimento:

Ainda agora no caminho para cá eu vinha falando com uma amiga pelo telefone e ela me dizia isso: eu sou muito grata pelos meus amigos que são amigos de Jesus, porque eu sei que eles vão me aproximar dele. Eu escolho os meus amigos assim: as

peças que fazem parte da minha vida, eu escolho assim. Eu quero me aproximar de quem vai me aproximar mais de Deus. Eu quero estar perto de quem me aproxima do melhor. Não é rico, não é pobre, não. Se você vai conhecer a minha intimidade você vai perceber que as pessoas que compõem a minha intimidade, são todas elas com isso que eu prego aqui. Porque é uma questão de sobrevivência. Eu não tenho como viver a minha experiência de fé se eu não estiver rodeado de pessoas com o mesmo propósito. Talvez o que falte pra muitos de nós é isso, talvez o que falte pra você é isso. Ter amigos que sejam amigos de Jesus. Porque aí você vai ter um pouco mais de confiança de que aquela amizade está te aproximando da melhor parte. Pra isso nós precisamos viver. Pra dar passos concretos, definitivos, na direção certa. Pra isso eu agradeço o tempo todo. É impressionante como na minha vida eu sou agraciado com presenças humanas divinas, humanas divinas. De pessoas que abrem caminhos para mim que eu fico até surpreso como Deus me presenteia (PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO, 2012)

Com esse discurso, Pe. Fábio fala não só da importância de ter amigos que professam a mesma fé, como sugere a formação de comunidades religiosas, em consonância com o movimento carismático. As comunidades e os grupos de oração são as bases de sustentação desse movimento que, por sua vez, possui caráter proselitista, pois propaga a fé católica e, com isso, angaria novas ovelhas para o rebanho esfacelado. “A RCC orienta os novos adeptos para uma ação evangelizadora direta, centrada no testemunho pessoal e grupal, coordenado com manifestações massivas de evangelização [...]”. (VALLE, 2004, p.7). É desse efeito multiplicador que a Igreja Católica mais precisa hoje para estancar a debandada de fiéis.

Em total sintonia com a RCC, Pe. Fábio também tenta arrebanhar fiéis. No programa “Deus Cuidador” (7/03), aponta a conversão como solução para os problemas de uma telespectadora que lhe pede ajuda, dizendo-se perseguida, deprimida e desmotivada. Falando para o público de forma generalizada, o apresentador aconselha:

[...] Sabe minha gente, toda vez que nós decidimos fazer uma experiência de Deus, a gente precisa entender que Deus vai mexer nisso tudo. Que Deus vai começar a mexer nas estruturas de nossa vida para que a gente tenha, primeiro, consciência de que nós não podemos ser assim. De que nós estamos vulneráveis a ser assim, nós estamos vulneráveis porque estamos mergulhados nesse mundo assim, mas nós podemos fazer uma experiência nova. Dentro aí da sua casa, dentro do seu quarto, aí na sua solidão, hoje você pode escolher por uma vida nova. Você não está condenado a viver a vida de todo mundo. Hoje você tem a oportunidade de ser tocado pela força de Jesus, por esse impulso de Jesus, por essa graça que Jesus nos oferece, para provocar dentro de você uma revolução. Essa transformação interior que se chama conversão [...]. Dê uma oportunidade a Deus. Faça valer a sua religião.

Que ela não seja mais um código de obrigações não. Permita que hoje sua alma seja visitada por esta certeza. Deus ainda lhe quer. (DEUS CUIDADOR, 2012)

Essa crença em Deus, no entanto, deve ser permanentemente reforçada, como lembra Pe. Fábio em sua mensagem:

Eu ficava aqui pensando enquanto eu cantava que é muito bom saber que a minha vida vai ser um constante processo de conhecer a Deus, o meu cuidador. E que quanto mais eu conhecê-lo, maior será minha capacidade de compreender porque que ele cuida de mim e como cuida [...]. (DEUS CUIDADOR, 2012)

Subentende-se que esse processo de estar sempre próximo a Deus requer a frequência a uma igreja. Mais do que isso, um sentimento de pertença do qual nos fala Pe. Fábio durante o programa “Não desistir nunca” (2012):

A nossa religião, a nossa pertença religiosa, tem que ser constantemente um incômodo, um bom incômodo, uma paz inquieta, como diz sabiamente Padre Zezinho. De você ter condições, de você ter a consciência de que a sua experiência religiosa lhe faz perguntar o tempo todo se você está fazendo a coisa certa, se você está escolhendo a coisa certa. (NÃO DESISTIR NUNCA, 2012)

Depreendemos que esse questionamento constante acerca da religião que a pessoa professa seja um mecanismo para que ela tenha convicção, ou seja, uma fé consistente. De posse dessa certeza, estaria menos sujeita a se render a outras crenças religiosas. Um discurso bastante pertinente em tempos de intenso trânsito religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontrar a resposta para a necessidade pré-histórica que o homem tem de se relacionar com o sagrado não é tarefa fácil. Essa resposta pode não estar contida em nenhuma das doutrinas das incontáveis religiões e seitas existentes no planeta, apesar de todas se julgarem, em maior ou menor grau, detentoras da verdade. Tampouco ela há de ser achada nas Ciências que, via de regra, se contrapõem aos pressupostos religiosos, como bem ilustra a propaganda institucional do Canal Futura, ao questionar “Quando é que Ciência e Religião farão as pazes?”.

Como disse Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas*: “Por isso que se carece principalmente de religião: para desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara a loucura”. Na fala simples do personagem Riobaldo pode estar a resposta para essa incessante busca por uma religiosidade. Sob esse prisma, a religião seria o remédio para a esquizofrenia humana diante dos pavores, como aquele vivenciado pelos hominídeos da película *Guerra do Fogo* ao enfrentarem as feras. O *tremendum* sempre existiu e, ao que nos parece, nunca nos abandonará. A sociedade evoluiu, mas os medos não foram extirpados. Ao contrário, aquele medo ancestral diante do cosmos ganhou novas e sofisticadas formas.

Se antes a espécie humana temia basicamente a mãe natureza e suas armadilhas letais, com o decorrer dos tempos passou a ter de enfrentar outros medos. Para além do medo de morrer, medo de ficar doente, medo de sofrer um acidente, medo de ficar desempregado, medo de ser assaltado e, mais recentemente, medo de ser raquiado – termo utilizado para se referir ao acesso indevido a informações protegidas por senhas na internet. A modernidade

trouxe seus confortos, mas também suas paranoias. Com isso, as pessoas se tornaram ainda mais vulneráveis, o que corroborou para manter viva a necessidade de religar a um Deus.

As religiões se nutrem dessa necessidade espiritual, buscando possibilitar ao ser humano essa “relição”. Para além disso, elas se nutrem da necessidade humana de buscar um pertencimento. E diante do fato de as ciências não terem conseguido dar todas as respostas aos infindáveis questionamentos, cabe a elas esse papel de fornecer caminhos a seguir, o que muitas vezes as tornam donas da verdade.

Hoje, porém, as pessoas já não se conformam mais com uma verdade única, como a que era apregoada pelas religiões históricas. Muitos dos dogmas foram colocados em xeque. Concomitantemente, os medos e as incertezas só aumentaram. Com isso, a humanidade gradativamente fez valer o mito ao eterno retorno, retomando algumas manifestações do sagrado tribal. Atualmente, não se cultua um único Deus e sim vários deuses.

Até a década de 1980, quando mais de 91% dos brasileiros se declaravam católicos, conforme o censo, o Brasil vivia sob a égide de uma unicidade religiosa. O Deus brasileiro oficial era católico, apostólico romano, ainda que coexistissem nos bastidores da religião extraoficial entidades da Umbanda, do Candomblé e algumas tímidas manifestações pentecostais. Assim sendo, o catolicismo estava amalgamado na identidade religiosa nacional. Sua força se refletia em praticamente todos os campos da vida social, como na arquitetura das cidades, onde existiam obrigatoriamente pelo menos um templo católico, em local privilegiado, e no comportamento das pessoas, que pautavam suas condutas pelos dogmas católicos. Até a escolha da educação formal dos filhos passava pelo crivo religioso, pois eram colocados em escolas confessionais.

A maioria dessas escolas pertencia a congregações católicas que, através do ensino, também corroboravam para incutir uma identidade católica. A confortável situação em que vivia a religião oficial brasileira, que tinha praticamente todas as instituições sociais a seu

favor, permitia pensar que o país manteria para sempre o monopólio religioso e que o título de maior nação católica do mundo pertenceria a ele eternamente. Era de se supor que a identidade religiosa marcadamente católica não sofreria fissuras, o que veio a ser desmistificado estatisticamente pelo censo religioso a cada década e visivelmente pelas suntuosas igrejas, atualmente com seus bancos vazios.

Os resultados da curva censitária, desde a década de 1990 em declínio, contrariaram os prognósticos de uma nação com uma identidade religiosa quase hegemônica, como teimam em mostrar os telejornais e telenovelas da Rede Globo, que ainda reservam pouco espaço a outras expressões religiosas, a exceção das temáticas espíritas. Essa identidade aparentemente inquebrável como as imagens que decoram as catedrais, aos poucos foi ruindo, fazendo surgir múltiplas identidades religiosas. O espectro religioso se tornou cada vez mais multifacetado. As igrejas pentecostais, aos poucos, foram tomando as praças públicas, os estádios de futebol, enfim, os grandes espaços públicos, promovendo um verdadeiro *revival* religioso.

No epicentro dessa reviravolta estavam não somente líderes religiosos e missionários a tocarem bumbo pelas praças, como o memorável personagem Sebastião Vilhena, da novela global *Selva de Pedra* (Regina Braga, 1986 - segunda versão), interpretado por Sebastião Vasconcelos. Havia algo bem mais portentoso: os meios de comunicação. Ainda que a mídia não tenha liquidado totalmente outras formas de proselitismo religioso, indubitavelmente, de forma gradativa, passou a ocupar lugar de destaque no campo de batalha pela conversão religiosa.

A utilização dos meios de comunicação como forma de propagar as novas religiosidades constituiu, inquestionavelmente, um divisor de águas na formação identitária religiosa brasileira. As igrejas que melhor souberam utilizar o sistema midiático passaram a se

destacar no cenário religioso, conquistando através dele identidades descontentes com o descompasso do discurso católico em relação às novas demandas espirituais.

As igrejas neopentecostais não só captaram melhor essas demandas e adequaram sua linguagem, como também tiveram a sagacidade de atendê-las para além dos templos. De forma pioneira, levaram a religião para os espaços públicos, aportando-se definitivamente no espaço midiático. Num primeiro momento, fizeram ecoar suas mensagens pelo dial radiofônico e mais tarde pela televisão, que, indiscutivelmente, possui até nossos dias papel preponderante na constituição da identidade nacional, na qual está inclusa a identidade religiosa.

As denominações religiosas que se aperceberam da imprescindibilidade do veículo certamente deram um passo adiante na conquista de novos adeptos e, como decorrência disso, levaram ao pé da letra a mensagem bíblica “crescei e multiplicai-vos”. O caso mais emblemático que se tem no Brasil desse entendimento é o da IURD, que tão logo surgiu fez do televangelismo um de seus principais aliados. Resultado: em meio ao intenso trânsito religioso que ocorre hoje no Brasil, ela ainda consegue manter-se sólida, ostentando a posição de maior denominação evangélica do país.

A repercussão desse crescimento das igrejas neopentecostais obrigou a Igreja Católica a reagir. Frente ao inimigo que não escondia sua sede de combate, passou a se valer das mesmas armas, adotando a televisão como parte de sua estratégia. O caráter pacificador da religião ainda existe em seu bojo, mas fora dele o que se configura na atualidade é uma “guerra santa” sem precedentes entre as inúmeras denominações religiosas, ainda que a própria mídia tente passar a ideia de uma nação em que as múltiplas identidades religiosas convivem harmonicamente, na mais completa tolerância religiosa.

Fosse assim, não seriam necessários investimentos vultosos por parte das igrejas na compra de horários televisivos, onde se travam verdadeiros duelos retóricos entre as várias

denominações religiosas. Para além de ser uma importante trincheira, a televisão é o veículo que dá maior visibilidade aos produtos que compõe o “supermercado da fé”, a cada dia lançando novidades.

Se nas sociedades arcaicas os objetos totêmicos geralmente eram extraídos da natureza, os modernos totens podem consistir em réplicas de objetos utilizados pelos líderes espirituais, como chapéus, gravatas e lençinhos ditos abençoados, comercializados por igrejas como a IMPD, nem sempre a preços simbólicos. Isso porque o valor agregado desses produtos é nada menos do que a possibilidade de um milagre para quem adquiri-los. E o preço a pagar é simplesmente o dízimo.

Esses são pequenos exemplos de como se dá a manipulação da fé. Mas ela também ocorre em patamares mais elevados, envolvendo as esferas públicas, como a política, que por mais desacreditada que esteja hoje, ainda constitui um importante centro de decisões. Atualmente, as denominações religiosas têm representantes no Congresso Nacional, ali colocados para defenderem não só interesses econômicos, como também bandeiras ideológicas. Mas é na videosfera que essa manipulação ganha força. Os programas televangélicos conseguem trabalhar e retrabalhar com maestria tanto os medos ancestrais quanto os medos oriundos da modernidade, representando para muitos dos telespectadores/fiéis uma importante ponte que os “religa” ao cosmos.

As formas de ressignificarem as aflições humanas diferem entre as duas produções televisivas analisadas, mas acreditamos que o objetivo que ambas pretendem alcançar é o mesmo: afetar as identidades que estão em busca de respostas para suas incertezas, mais concretamente, em busca de soluções para seus problemas. O programa *Fala Que Eu Te Escuto*, em oposição ao cosmos, semeia o caos. Faz do medo a seiva de sua mensagem profética. Ao invés de tentar aplacar o *tremendum*, exacerba-o.

Através de suas reportagens que privilegiam temas profanos, nas quais os elementos sobejamente explorados são a espetacularização dos fatos e a dramatização da vida humana, como constatamos em nossa pesquisa, o programa da Igreja Universal anuncia o fim do mundo dia a dia- até porque é exibido diariamente, sem interrupções. Seus apresentadores/pastores, imbuídos de missões proféticas, alardeiam o apocalipse pelos quatro cantos do país, bem como em nações de outros continentes onde o programa é exibido com produções adaptadas à cultura local.

A lógica do programa, contudo, é paradoxal. Primeiro, coloca-se para o telespectador/fiel uma realidade repleta de problemas insolúveis. Desta forma, tira-lhes o chão. Mas, em contrapartida, seus profetas acenam com a possibilidade de *bunkers*, onde todos podem ser salvos. Esses locais seguros oferecidos, que no Brasil recebem o nome sagrado de Cenáculos do Espírito Santo, estão espalhados por todos os lados do planeta onde a multinacional IURD possui representações. Para adquirir a senha que abre as portas desses abrigos, é preciso, no entanto, ser um adepto.

O programa *Fala Que Eu Te Escuto* configura-se como um importante elo entre o potencial fiel e a instituição religiosa, uma vez que seu conteúdo persuasivo tende a levá-lo a adquirir o mais rápido possível sua senha, antes que o fim do mundo de fato aconteça. E ele, na qualidade de membro efetivo, possa ser salvo. Ainda como vantagens, a adesão à doutrina iurdiana oferece a possibilidade de milagres, realizados especialmente no âmbito dos cenáculos, e a promessa de uma vida próspera, já que o mote principal da IURD é a Teologia da Prosperidade.

Mas para que a prosperidade seja alcançada há uma condição básica: pagar o dízimo e, preferencialmente, estar sempre em dia com essa contribuição. A justificativa para o pagamento do dízimo é a troca simbólica, ou seja, ao contribuir o fiel recebe de volta, dos céus, o dom da prosperidade. Embora nos programas analisados- seja através das reportagens

ou das mensagens veiculadas abaixo da tela - não tenham feito qualquer tipo de menção ao pagamento do dízimo ou às campanhas financeiras periodicamente realizadas pela Universal, o conteúdo de todos eles deixa subentendida uma orientação: a de que as pessoas precisam ser cautelosas com seu dinheiro. Assim, devem ter cuidado para não serem roubadas ou tripudiadas, bem como devem levar uma vida austera, sem se renderem aos vícios mundanos, às baladas ou às relações extraconjugais. Somente agindo assim, terão a almejada prosperidade.

Diferentemente de outros programas televangélicos, no *Fala Que Eu Te Escuto*, como foi constatado nos dias analisados, não houve a comercialização direta de bens religiosos, o que é muito comum no interior dos templos da Igreja Universal. Acreditamos que essa preocupação por parte da IURD em não misturar os objetivos financeiros com os propósitos religiosos se dê pelo fato de ser uma fórmula muito explorada pelas outras instituições religiosas, evidenciando o caráter também comercial de suas produções televisivas.

A pretensão de se passar por um programa secular e voltado para pessoas de outras crenças faz com que *O Fala Que Eu Te Escuto* se diferencie de seus concorrentes, apresentando ao telespectador a IURD como uma igreja que não se avilta. Acreditamos que isso se deva ao fato de ser esta uma instituição religiosa muito visada em questões relativas às formas de obtenção de recursos, sendo esporadicamente alvo de denúncias. É de bom tom que a televisão, sua principal vitrine, não sirva de espaço para arrecadação financeira. Além disso, o programa tem o privilégio de ser exibido em uma emissora cujo proprietário é também líder espiritual da igreja representada.

A mesma conduta, todavia, não foi adotada pelo programa *Direção Espiritual*, no qual verificamos a comercialização de bens religiosos, inclusive de alguns que levam a assinatura de seu protagonista Fabio de Melo, como DVDs e livros expostos no cenário de

forma discreta. Também foi constatada a realização de campanhas financeiras em prol da TV Canção Nova, mantenedora do programa. Mensagens como “Ajude a manter este programa no ar” e “O que você pode fazer para ajudar a Canção Nova” foram veiculadas, acrescidas dos números de telefone para contato.

Essa, no entanto, seria a dimensão mais profana que o programa apresenta. Nos demais aspectos, possui um estilo que, de forma metafórica, poderia ser descrito como celestial, contrastando com o tom mercurial adotado pelo programa *Fala Que Eu Te Escuto*. Se os apresentadores da produção televisiva da Igreja Universal podem ser comparados aos profetas, Padre Fábio estaria mais identificado com a figura do anjo. Com sua fala acetinada, o sacerdote se contrapõe totalmente ao discurso apocalíptico do programa evangélico. Como alguém que cai do céu, o apresentador traz uma mensagem de paz, sobretudo de paz interior, que pode ser alcançada através da autoajuda, do autocontrole, da autoestima, nas quais se centra seu discurso, como deduz nossa pesquisa.

Enquanto o programa da IURD privilegia através das reportagens seculares a realidade exterior, exaltando especialmente os infortúnios, as misérias sociais, o *Direção Espiritual* prioriza por meio das mensagens elaboradas por seu orador a cotidianidade individual. As dúvidas, as angústias, os medos de que trata Pe. Fábio são aqueles de foro íntimo. Com um discurso focado principalmente na subjetividade, o “anjo” apela na maioria das vezes para a capacidade de superação, de autotransformação, estágios emocionais mais facilmente alcançados com a ajuda divina.

Mas de que Deus nos fala Pe. Fábio de Melo? Seria de um Ser Supremo essencialmente católico? Ou de um Deus ecumênico? Verificamos nesse aspecto um tensionamento em seu discurso decorrente de sua dupla finalidade, pois ora se presta a converter, dirigindo-se a um público formado de pessoas incrédulas ou de outras pertencas

religiosas, ora se imbui da tarefa de fidelizar, de recatolizar, voltando-se para católicos praticantes ou desgarrados do rebanho.

Observamos nos programas analisados que em nenhum momento o sacerdote se refere de forma explícita à Igreja Católica. Averiguamos também a ausência da divulgação de eventos promovidos pela instituição religiosa a qual está vinculado, como missas campais e peregrinações. Nas mensagens impressas na tela, também não foram verificados endereços de santuários ou templos católicos. É de se estranhar a não utilização de um espaço tão precioso para a difusão de tais eventos, já que esses atualmente fazem parte das estratégias de mobilização do “catolicismo midiático”, do qual o sacerdote é um dos destaques.

O próprio fato de Fábio de Melo não se vestir como um padre, motivo de indignação por parte de alguns católicos, gera num primeiro momento a sensação de que se está diante de um apresentador leigo. Para além das aparências, Pe. Fábio em determinados momentos se apropria de um discurso inter-religioso, como forma de causar identificação em pessoas de outras pertenças. Paradoxalmente, em outros momentos deixa claro tratar-se de um autêntico mediador da Igreja Católica, ao se apresentar com um discurso teológico, dogmático. Isso fica evidenciado, quando, por exemplo, defende abertamente a intercessão dos santos, algo que diz respeito exclusivamente ao universo simbólico dos católicos.

Ao falar abertamente da doutrina católica em certas circunstâncias, o sacerdote acaba por legitimar sua condição de padre. É como se ele repentinamente “vestisse a batina”, assumindo sua tarefa precípua de fidelizar os já adeptos e reconverter fiéis afastados ou insatisfeitos. Ao agir assim, Pe. Fábio se coloca totalmente a serviço da Igreja que ainda é detentora do maior rebanho de fiéis do Brasil- e do mundo -, mas que luta arduamente para que este não seja subtraído a cada dia pelo movimento neopentecostal, seu maior concorrente no país.

Para salvaguardar as ovelhas do rebanho católico, Pe. Fábio, ao mesmo tempo em que faz um discurso psicologizante, reafirma os dogmas católicos, acionando um repertório já conhecido pela maioria dos telespectadores, mas que precisa ser lembrado, atualizado. Dessa forma, faz aflorar identidades adormecidas, instigando-as a reencontrar o catolicismo que esmoreceu face à descrença ou a novas promessas salvíficas, mas que ainda pode ser resgatado. E é justamente nessa perspectiva que o programa atua, ou seja, dando uma direção espiritual em que todas as setas convergem para o catolicismo.

Os dois programas religiosos que constituem o *corpus* de nossa pesquisa trabalham de formas distintas principalmente no que se refere ao formato televisivo e ao discurso utilizado. Representam instituições que no *front* religioso se tornaram adversárias ferrenhas desde o episódio do “chute na santa”. No entanto, entendemos que com base na pesquisa realizada, possuem a mesma atividade fim, confirmando a nossa hipótese de que os programas televangélicos funcionam como “iscas” para “fisgar” fiéis, levando-os, num primeiro momento, a conhecer as doutrinas das respectivas Igrejas e, num segundo momento, a frequentá-las efetivamente.

Todavia, depreendemos que o programa *Direção Espiritual* trabalha mais na perspectiva de fidelização e readesão do rebanho católico. Para tal, Pe. Fábio empreende uma verdadeira força tarefa, visando estancar a debandada de ovelhas do catolicismo. Já o programa *Fala Que Eu Te Escuto* atua mais no sentido de converter novas almas em meio ao intenso trânsito religioso que existe na contemporaneidade.

Levando as mensagens de suas doutrinas em domicílio, através de um veículo que é decisivo na formação identitária, os programas, num primeiro momento, criam vínculos com os telespectadores que passam a fazer parte da audiência. A partir disso, torna-se mais fácil a tarefa de posteriormente vir a transformar essa audiência em fiéis, ofertando-lhes um produto sedutor. Não importa se sob o *slogan* “Pare de sofrer” ou “Sou feliz porque sou católico”,

ambas as Igrejas oferecem aos telespectadores/fiéis uma condição de pertencimento, busca intrínseca de todo ser humano, principalmente numa sociedade em que o individualismo impera.

6- REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Roberta Manoela de. *O Sentido da Telenovela: As audiências e os textos*. In: _____. **O Fascínio de Scherazade: Os usos sociais da Telenovela**. São Paulo: Annablume Editora, 2003. p. 53-88.

ANTONIAZZI, Alberto. **Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?** 3.ed. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Disponível em http://jormetodologia.files.wordpress.com/2010/08/bauer_gaskell_allum.pdf. Acesso em 27 de outubro de 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade** – Entrevista a Benedito Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2005.

BERGER, Peter e LUCKMAN, Thomas. **A Construção Social da Realidade** – Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1996.

BENEDETTI, Luiz Roberto. **Pentecostalismo, Comunidades Eclesiais de Base e Renovação Carismática Católica: uma análise comparada**. Caderno CERIS. Ano 1. Nº 2. Rio de Janeiro, outubro de 2001.

BIRMAN, Patricia. *Imagens religiosas e projetos para o futuro*. In: _____. (org) **Religião e espaço público**. São Paulo. Attar Editorial, 2003.

BITUN, Ricardo. *Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e continuidades no movimento neopentecostal*. **Estudos de Religião**. v.23, nº36, 61-79, jan./jun.2009. Disponível em: <http://www.metodista.br/revistas/revista-ims/index.php/ER/article/.../930>. Acesso em 19/08/2012.

BOFF, Leonardo. *O Papa deveria renunciar*. In: **REVISTA ISTO É**. São Paulo, nº 2116, p.6-11, 2/6/2010.

BONFATTI, Paulo. *O simbolismo do dinheiro*, In: _____. **A expressão popular do sagrado: uma análise psicoantropológica da IURD**. São Paulo: Edições Paulinas, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo: Identidades e estilo de vida**. Disponível em www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel24/analuciacaastro.pdf. Acesso em: 29 de novembro de 2012.

CAILLOIS, Roger. **O Homem e o Sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1988.

CAMPOS, Leonildo. **Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal**. 2.ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1999.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Crise ou recomposição do catolicismo na esfera pública: uma análise comparada entre a literatura da França e do Brasil**. Boletim CEDES – Outubro/Dezembro de 2011. Disponível em www.soc.puc-rio.br/cedes/PDF/out_2011/crise.pdf. Acesso em 3/8/2012.

CANCLINI, Néstor García. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2010.

CARRANZA, Brenda. **Catolicismo Midiático**. São Paulo: Editora Idéias e Letras, 2011.

_____. **Renovação Carismática: origens, mudanças e tendências**. Aparecida do Norte (SP): Santuário, 2000.

CASANOVA, José. *O Brasil é uma potência religiosa*. In: **REVISTA ISTO É**. São Paulo, nº 2210, p.6-12, 21/03/2012.

CASSETTI, Francesco. DI CHIO, Frederico. *Análisis de Contenido*. In: ECO, Umberto (dir) **Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y investigación**. Barcelona: Ediciones Paidós Iberica, 1999, p. 235-248.

CAVA DELLA, Ralph e MONTERO, Paula. **A Igreja Católica e os meios de comunicação de massa**. Religião e Sociedade. CER – Centro de Estudos da Religião e ISER – Instituto de Estudos da Religião, 1986.

CUNHA, Luiz Cláudio. **Os espertalhões da fé**. Disponível em www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed676_os_espertalhoes_da_fé. Acesso em 19/01/2012.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

DEBRAY, Régis. **Acreditar, Ver, Fazer**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

_____. **Manifestos Midiológicos**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1995.

_____. **Vida e morte da imagem**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1994.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. In: _____. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973. (Coleção Os pensadores).

_____. *Suicídio Anômico*. In: _____. Causas sociais e tipos sociais. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005. (segundo livro)

EIRE, Antonio López. **La Retórica de Aristóteles**. Disponível em: <http://www.cristoraul.com/SPANISH/sala-de-lectura/Filosofia/RetoricadeArist%F3teles%AO.htm>. Acesso em 12 de janeiro de 2013.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. 2.ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO. In: **A BÍBLIA** Barueri (SP): Editora Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

FERRY, Luc. **O homem Deus ou o sentido da vida**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.

FEUERBACH, Ludwig. *O mistério do Logos e da imagem divina* In: _____. **A Essência do Cristianismo**. Campinas, SP: Editora Papirus, 1988.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. *Análise de Conteúdo*. In: DUARTE, Jorge BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2008. p.280-304.

FRANÇA, Vera. *A Televisão porosa: Traços e Tendências*. In: FREIRE FILHO, João (org.) **A TV em transição: Tendências de programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre (RS): Editora Sulina, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 51.ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. 6.ed. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GUIMBELLI, Emerson. *O “chute na santa”: blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil*. In: BIRMAN, Patrícia. **Religião e Espaço Público**. São Paulo: Attar Editorial, 2003.

GUTMANN, Juliana Freire. *Articulações entre dispositivos televisivos e valores jornalísticos na cena de apresentação do Jornal Nacional*. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio e COUTINHO, Iluska (Org.) **40 Anos de Telejornalismo em Rede Nacional: Olhares Críticos**. Florianópolis (SC): Editora Insular, 2009. p.105-121

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2001.

HARTMANN, Atillio. **Religiosidade Midiática: Uma nova agenda pública na construção dos sentidos?** <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicações/1162402096.15pdf.pdf>. Acesso em 11 de janeiro de 2011.

HOOVER, Stewart. **As religiões e a mídia**. Entrevista à Revista do Instituto Humanitas Unisinos On-line. Edição 383, Ano XI, 5/12/2012. Disponível em: http://ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=42557secao=383. Acesso em 7 de dezembro de 2012.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2000.

ISAIA, Artur Cesar. **O campo religioso brasileiro e suas transformações históricas**. Disponível em: <http://www.dhl.uem.br/gtrelição/pdf2/texto%206.pdf>. Acesso em 29 de novembro de 2012.

JACOB, César Romero. **Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores Sociais do Brasil**. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

KUNG, Hans. **O princípio de todas as coisas: Ciências Naturais e Religião**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2007.

LAZARSELD, Paul. *Os meios de comunicação coletiva e a influência pessoal*. In: SCHRAMM, Wilbur. **Panorama da Comunicação Coletiva**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1969. p. 87-96.

LEAL, Paulo Roberto Figueira. *Jornalismo e construção da identidade espírita: os enquadramentos sobre o médium Zé Arigó nos periódicos “O Dia” e “Jornal do Brasil”*. In: LAHNI, Cláudia Regina e PINHEIRO, Marta Araújo (Org.). **Sociedade e Comunicação: Perspectivas Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 95-111.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1976.

LIPOVETSKY, Giles. *O Brasileiro tem paixão pelo luxo*. In: **Revista ISTO É**. São Paulo, nº 2231, p.8-12, 15/08/2012.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de e GÓMEZ, Guillermo Orozco. **OBITEL 2012 – Qualidade na ficção televisiva e participação transmidiática das audiências**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2012.

MACEDO, Edir. *Muitos me odeiam sem me conhecer*. In: **REVISTA ISTO É**. São Paulo, nº 2246, p.68-77, 28/11/2012.

MARIANO, Ricardo. **Pentecostais e Política no Brasil**. Reportagens Ciência e Religião. Disponível em <http://www.comciência.br/reportagens/2005/05/13.shtml>. Acesso em 19/08/2011.

MARTÍN-BARBERO Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e Poder Simbólico**: um ensaio sobre comunicação e campo religioso. 2.ed. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

MELO, José Marques. **Mídia e Cultura Popular**: História, Taxionomia e Metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

MODESTO, Cláudia F. **34 anos de evangelismo eletrônico**. Observatório da Imprensa. Ano 18. Nº 694. 15/05/2012. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed694_34_de_evangelismo_eletrônico.html. Acesso em 30/05/2012 São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

_____. **Cultura de massas no século XX**: O espírito do tempo. 2.ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense; São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

PAIVA, Raquel e SODRÉ, Muniz. **Cidade dos artistas**: Cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2004.

PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira. **Fala Que Eu Te Escuto**: Na era do entretenimento a doutrina é o espetáculo. Disponível em: <http://ensipecom.metodista.br/mediawick/imagens/d/dcECLESIOCOM>. Acesso em 12 de agosto de 2010.

POLITO, Ronaldo. **Gestos e Postura**: Para falar melhor. 15.ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1993.

PORCELLO, Flávio. *O impacto dos avanços tecnológicos e a evolução do discurso do poder na TV*. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio e COUTINHO, Iluska (Org.) **40 Anos de Telejornalismo em Rede Nacional**: Olhares Críticos. Florianópolis (SC): Editora Insular, 2009. p.47-64.

RECTOR, Mônica e TRINTA, Aluizio Ramos. **Comunicação não verbal**: a gestualidade brasileira. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1985.

REFKALEFSKY, Eduardo. **Comunicação e Posicionamento da Igreja Universal do Reino de Deus**: um estudo de caso de marketing religioso. INTERCOM, 2006.

REFKALEFSKY, Eduardo; PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira e ROCHA, Maria da Penha Nunes da. **Comunicação, Marketing e Religião: o mercado da fé no Brasil**. INTERCOM, 2006.

REVISTA CONTINENTE. *Religião e Arte: A quantas anda essa relação?* Recife, nº108, p.8-11, dezembro de 2009.

REVISTA ÉPOCA. *Os novos centros da fé*. São Paulo, nº709, p.82-88, 19/12/2011

REVISTA ISTO É. *Os votos da fé*. São Paulo, nº 2125, p.48-50, 4/8/2010.

_____. *O homem que multiplica fiéis*. São Paulo, nº2151, p.51-56, 2/2/2011 (A)

_____. *O novo retrato da fé no Brasil*. São Paulo, nº 2180, p.60-64, 24/08/2011 (B)

_____. *Os sete pecados capitais da Igreja Católica*. São Paulo, nº2187, p.66-69, 12/10/2011 (C)

_____. *A força dos mórmons*. São Paulo. nº 2208, p.88-89, 7/3/2012. (A)

_____. *Finalmente, um tom maior*. São Paulo, Edição nº 2211, p.34, 28/03/2012 (B)

_____. *Como vivem os astros da fé*. São Paulo, nº2220, p.61-66, 30/05/2012. (C)

REVISTA PLANETA. *A multiplicação dos Deuses*. São Paulo, nº 482, p.62-66, Novembro de 2012.

REVISTA VEJA. *No ar, mais um vice-campeão de audiência*. São Paulo, nº2029, p.84-92, 10/10/2007.

ROCHA, Maria da Penha. **O império midiático da Igreja Universal do Reino de Deus: reflexões e análises das estratégias de comunicação da IURD**. INTERCOM, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora José Olimpo, 1967.

SACCONI, Luiz Antonio. **Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa: Comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SIGNATES, Luiz. *Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação*, In: SOUSA, Mauro Witar (org). **Recepção midiática e espaço público: novos olhares**. São Paulo: Edições Paulinas, 2006.

SMITH, Huston – **As religiões do mundo: Nossas grandes tradições de sabedoria**. São Paulo: Editora Cultrix, 1991.

SODRÉ, Muniz. **A salvação cotada em dólar**. Disponível em <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/jd110720011.htm>. Acesso em 24/10/2007.

VALLE, Edênio. *A Renovação Carismática Católica: algumas observações*. In: BOSI, Alfredo (editor). **Dossiê Religiões no Brasil. Estudos avançados**. São Paulo: USP, Dezembro de 2004, v.18, nº 52, p.1-8.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia e Outros Escritos*. In: _____ **Ensaio de Sociologia** São Paulo: Editora Abril Cultural, 1974, p.241-270. (Coleção Os Pensadores)

WEIL, Pierre e TOMPAKO, Roland. **O corpo fala: A linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1986.

WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa: As religiões do mundo**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2010.

WOLF, Mauro. *Da Sociologia dos emissores ao newsmaking* In: _____. **Teorias das Comunicações de Massa**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF, 2012. p. 181-265 (Cap. III)

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Lisboa: Editora Difel, 1997.

Filmes:

ANNAUD, Jean-Jacques. **A Guerra do Fogo**. França-Canadá: International Cinema Corporation (ICC), 1981, (100 minutos): son,color.

WENDERS, Win. **Asas do Desejo**. Alemanha-França: Argo Films, 1987, (127 minutos): son, color.

Programas de TV:

ARTISTAS ESQUECIDOS. **Fala Que Eu Te Escuto**. São Paulo: Rede Record, 28 de março, 2012. Programa de TV.

BALADAS NOTURNAS. **Fala Que Eu Te Escuto**. São Paulo: Rede Record, 13 de abril, 2012. Programa de TV.

DEUS CUIDADOR. **Direção Espiritual**. Cachoeira Paulista (SP): Rede Canção Nova, 07 de março, 2012. Programa de TV

GOLPISTAS 171. **Fala Que Eu Te Escuto**. São Paulo: Rede Record, 20 de março, 2012. Programa de TV.

INFIEIS, AS. **Fala Que Eu Te Escuto**. Rio de Janeiro: Rede Record, 05 de abril, 2012. Programa de TV.

NÃO DESISTIR NUNCA. **Direção Espiritual**. Cachoeira Paulista (SP): Rede Canção Nova, 28 de março, 2012. Programa de TV.

PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO. **Direção Espiritual**. Cachoeira Paulista (SP): Rede Canção Nova, 04 de abril, 2012. Programa de TV

SAUDE INTEGRAL. **Direção Espiritual**. Cachoeira Paulista (SP): Rede Canção Nova, 21 de março, 2012. Programa de TV.

SENTIDO DO ANO NOVO, O. **Direção Espiritual**. Cachoeira Paulista (SP): Rede Canção Nova, 14 de março, 2012. Programa de TV (reprisado dia 05/01/2012).

TRABALHO DE POLÍCIA. **Fala Que Eu Te Escuto**. Rio de Janeiro: Rede Record, 12 de março, 2012. Programa de TV.

Sites:

[http://interfilmes.com/filme_25154 A Separação](http://interfilmes.com/filme_25154_A_Separação) .Acesso em 19 de março de 2012.

<http://programas.rederecord.com.br/programas/domingoespetacular/home.asp>. Acesso em 26 de março de 2012.

<http://arcauniversal.com/iurd/noticias/6303.html>. Acesso em 31/05/2012.

<http://www.impd.org.br/portal/> Acesso em 26 de março de 2012.

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=217
Acesso em 9 de julho de 2012.

<http://veja.abril.com.br/brasil/ocupe-o-rio-de-janeiro-encontro-mundial-da-juventude>. Acesso em 30/07/2012.

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/509630-antonio-spadaro-e-a-internet>. Acesso em 30/07/2012.

<http://www.tropa2.com.br/blog>. Acesso em 23/10/2012

Documento:

ENTREVISTA com Mia Couto. *In: CONFERÊNCIAS DE ESTORIL 2011*. Disponível em www.youtube.com/watch?v=JACccaTogXE. Acesso em: 17/10/2012.

Palestra:

MAFFESOLI, Michel. *Nomadismo e Pós-Modernidade*. *In: Colóquio Internacional Sociabilidade, Efervescência e Pós-Modernidade*. Juiz de Fora (MG): Universidade Federal de Juiz de Fora. 14 de maio de 2012.